PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA
SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
CEA – PARQUE MOSCOSO

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO PARQUE MOSCOSO



VITÓRIA – 2012

CEA – PARQUE MOSCOSO
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – 2012/2013

Prefeito Municipal de Vitória
João Carlos Coser

Vice-prefeito de Vitória
Sebastião Barbosa

Secretária Municipal de Meio Ambiente
Sueli Passoni Tonini

Secretária Executivo
Solange Cardoso Malta Nogueira

Subsecretário de Controle Ambiental e Gestão Ambiental
Ronaldo Ferreira Andrade

Gerência Educação Ambiental
Priscila Laurentino Gonçalves Merçon

Coordenadora de Educação Ambiental
Juliana Sardinha Silvestre

Coordenadora de Relações com a Comunidade
Maria Aparecida Moschen

Coordenadora de Eventos
Alessandra Felipe Silva

Administrador do Parque Moscoso
Paulo Roberto Fontes Vial

Assistente Administrativo do Parque Moscoso
Sandra Mara Rodrigues

Centro de Educação Ambiental – CEA do Parque Moscoso

Fernando Fiorotti Poltronieri- Formado em História/UFES, especialista em História Social/UFES, mestre em História Social/UFF

Márcia Rodrigues Garcia do Vale – Formada em Artes Visuais/UFES

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho,

nós nos libertamos em comunhão.”

Paulo Freire

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1. Centro de Educação Ambiental do Parque Moscoso. 20
Fig. 2. Alameda Paulo Motta. 22
Fig. 3. Ilha dos Amores e Ponte de concreto. 23
Fig. 4. Parquinho e Campo de Futebol. 23
Fig. 5. Academia da Terceira Idade. 24
Fig. 6. Planta do Novo Arrabalde 27
Fig.7. Cidade Alta em 1860 28
Fig.8. Morro da Santa Casa de Misericórdia em 1860. 29
Fig.9. Rua do Comércio em 1909. 30
Fig.10. Quartel de Polícia em 1905. 31
Fig. 11. Vala do Quartel (Atual Avenida República) 31
Fig. 12. Casas para funcionários públicos em 1912. 32
Fig.13. Retirada de terra do morro da Santa Casa em1911. 33
Fig.14- Planta Original do Parque. 34
Fig.15- Vila Oscarina (Residência de Antenor Guimarães) em1924. 35
Fig.16. Coreto do Parque Moscoso, s/d. 35
Fig.17. Planta da 1ª intervenção de 1952. 36
Fig.18. Escola Ernestina Pessoa. 37
Fig. 19. Configuração durante 2ª Intervenção em 1999. 38
Fig.20. Capela Ecumênica na década de 80. 38
Fig.21. Parque após reforma de 2001 39
Gráfico 1- Faixa etária de público atendido 56
Gráfico 2- Atividades Realizadas 57
Gráfico 3- Instituições do entorno que realizam ações de cunho ambiental 58
Gráfico 4- Tipos de atividades realizadas 58

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Mapa da Vila da Vitória. 29
Mapa 2. Áreas de Influência do CEA Moscoso 42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Número de Habitantes e Renda Média da Área de Influência do CEA Moscoso. 48
Tabela 2- Número de Habitantes Homem/Mulher nas Áreas de Influência. 48
Tabela 3- Índice de Desenvolvimento Urbano (IQU)- Área de Influência Direta. 50
Tabela 4- Índice de Desenvolvimento Urbano (IQU)- Área de Influência Indireta. 50
Tabela 5– Dados sobre alfabetização na área de influência do CEA Moscoso. 51

LISTA DE SIGLAS

EA – Educação Ambiental

PPP – Projeto Político Pedagógico

CEA – Centro de Educação Ambiental

GEA – Gerência de Educação Ambiental

SEMMAM – Secretaria Municipal de Meio Ambiente

PMV – Prefeitura de Vitória

PROGEA – Programa de Educação Ambiental

PRONEA – Programa Nacional de Educação Ambiental

PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental

CIAC – Centro Integrado de Atendimento ao Cidadão

Sumário

APRESENTAÇÃO....9
1 INTRODUÇÃO 9
2 MARCOS LEGAIS E TEÓRICOS QUE BALIZAM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CEA MOSCOSO....11
3 JUSTIFICATIVA....16
4 MISSÃO 17
5 OBJETIVOS....17
5.1 OBJETIVO GERAL 17
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 17
6 METAS....18
7 CARACTERIZAÇÃO DO CEA MOSCOSO....19
7.1 DESCRIÇÃO DE EQUIPAMENTOS....19
7.2 DESCRIÇÃO FÍSICA DO CEA....19
7.3 RECURSOS HUMANOS DO PARQUE 20
7.4 EQUIPE TÉCNICA 21
7.5 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PARQUE MOSCOSO....21
8 O PARQUE MOSCOSO: HISTÓRIA....25
9 CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO DO CEA MOSCOSO....41
9.1 HISTÓRIA DOS BAIRROS....41
9.1.1. Área de Influência Direta 43
9.1.2. Área de influência indireta....45
9.2 DADOS DEMOGRÁFICOS, ECONÔMICOS E GEOGRÁFICOS 46
9.3 PESQUISA DIAGNÓSTICO 52
9.3.1 Aproximação do Território....54
10 LINHAS DE AÇÃO 60
10.1 PROJETO DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO AMBIENTAL DO PARQUE MOSCOSO (APÊNDICE B)....60
10.2 COMUNIDADES CONSCIENTES (ANEXO F)....61
10.3 OFICINAS DE REAPROVEITAMENTO (APÊNDICE C)....61
11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 63
APÊNDICE....68

APÊNDICE A- TABULAÇÃO DA PESQUISA DO ENTORNO DO PARQUE.....69
APÊNDICE B - PROJETO DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO AMBIENTAL DO PARQUE MOSCOSO.....70
APÊNDICE C – OFICINAS DE REAPROVEITAMENTO 84
ANEXOS.....105
ANEXO A- ORGANOGRAMA SEMMAM.....106
ANEXO B- PLANTA CEA.....107
ANEXO C- LEVANTAMENTO ARBÓREO DAS PLANTAS DO PARQUE MOSCOSO.....108
ANEXO D- PLANTA PARQUE MOSCOSO.....165
ANEXO E- FICHA CATALOGRÁFICA DOS MONUMENTOS DO PARQUE MOSCOSO.....166
ANEXO F - PROJETO: COMUNIDADE CONSCIENTE.....178
ANEXO G – ROTEIRO DA PESQUISA.....184
ANEXO H – CARTILHA EDUCATIVA DO PARQUE MOSCOSO.....186
ANEXO I – JOGO DA MEMÓRIA CAIXA E CARTAS.....202

APRESENTAÇÃO

Os Centros de Educação Ambiental (CEAs) foram implantados a partir da aprovação do Plano de Ação em Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMAM), em dezembro de 1998, nos parques municipais da Cidade de Vitória. Os CEAs têm por objetivo a elaboração e execução de projetos socioambientais, desenvolvidos junto às comunidades e escolas do entorno e com o público visitante dos parques.

De acordo com o que sugere o Plano de Ação de Educação Ambiental, cada CEA tem sua própria identidade, de acordo com a região onde está inserido, porém todos têm a mesma missão: ser polo irradiador de uma compreensão integrada do meio em suas múltiplas relações, envolvendo aspectos ecológicos, políticos, econômicos, socioambientais, históricos, culturais e éticos essenciais à vida cidadã plena.

O Ministério do Meio Ambiente (MMA) sugere a elaboração e a inclusão de um Projeto Político Pedagógico (PPP) nos CEAs, a fim de estimular e provocar reflexões a respeito de questões socioambientais, bem como contribuir para uma compreensão de que CEAs não se restringem à dimensão estrutural. O Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) ratifica a necessidade dos PPP na Recomendação N º 11 de 2011 onde apresenta os parâmetros metodológicos da Educação Ambiental (EA) os aspectos a serem contemplados no documento.

Respondendo a estas questões é que se elabora este Projeto Político Pedagógico do Centro de Educação Ambiental do Parque Moscoso.

1 INTRODUÇÃO

A elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Centro de Educação Ambiental (CEA) do Parque Moscoso é uma tarefa fundamental para a consolidação de um olhar crítico sobre as práticas e saberes que norteiam a existência cotidiana, não só daqueles que trabalham com a Educação Ambiental, mas principalmente dos cidadãos que vivem no entorno do parque, e que são alvo da ação educativa socioambiental do CEA.

Deste modo, é fundamental ter ciência do caráter público das ações e atividades do CEA Moscoso sendo ele parte de uma cadeia hierárquica, que atrela-se de forma direta, a Coordenação de Educação Ambiental, que por sua vez encontra-se sobre abrigo da Gerência de Educação Ambiental (GEA). As duas fazem parte da Secretaria de Meio Ambiente, que vincula-se a Prefeitura Municipal de Vitória.(ANEXO 1)Tendo em vista este cenário, é que uma das funções básicas do PPP do CEA Moscoso seja, na medida do possível, produzir um espaço de escuta e participação, de reflexão e crítica dos modos de existir danosos ao meio ambiente e, principalmente, como norteador de uma práxis que esteja diretamente voltada para a melhoria da relação humanidade/natureza, como também das relações humanas.

O esforço aqui desprendido visa atender as demandas suscitadas por uma legislação, como não deixa de ser a culminância de uma correlação de forças de diversos atores sociais que ao longo das últimas décadas do século XX e as primeiras do XXI, construíram um arcabouço que ampara a existência da Questão Ambiental. Desta forma, o PPP não é somente fruto de um necessidade administrativa e pragmática voltadas para políticas públicas neste campo, mas é também, símbolo do sucesso das lutas empreendidas por diversos setores da sociedade, que defenderam e defendem uma nova sensibilidade dos homens e mulheres com a natureza[1].

De forma resumida o PPP agrupa diretrizes, princípios, conceitos e uma série de planejamentos relativos ao CEA, seu funcionamento, organização e missão, num processo democrático de permanente construção, que busca envolver os membros da equipe técnica e os atores sociais com os quais o CEA dialoga e se relaciona, desempenhando um importante papel como documento referência do e para o CEA.

O esforço pedagógico do CEA não ocorre no vácuo, este é potencializado por elementos importantes do Parque Moscoso, que não devem deixar de ser mencionados: a

1 Sobre as questões teóricas e legais do PPP ver o capítulo 2.

história do Moscoso, primeiro parque urbano da cidade de Vitória, 100 anos de existência completados em 2012; a localização do parque no Centro da Cidade; a força das memórias afetivas dos antigos e atuais frequentadores; os laços de sociabilidade que (re)constroem-se constantemente vinculando-se diretamente este local.

De forma sucinta e esquemática, este PPP articula-se em torno de três eixos. Em um primeiro momento busca-se apresentar as questões conceituais e teóricas, assim como as condicionantes históricas que norteiam a existência de um dos objetos pedagógicos do CEA, a saber, o Parque Moscoso. Em um segundo momento o objetivo é construir um quadro de inteligibilidade do local e das pessoas que estarão diretamente afetadas pela atuação do CEA Moscoso. Por fim, indica-se um campo de atuação e de desenvolvimento de atividades que visa promover um olhar diverso e emancipado sobre a realidade socioambiental. Tais eixos não são estanques ou autônomos, muito pelo contrário, são entrelaçados e dialogicamente articulados.

O PPP não deixa de ser um documento orgânico e processual, almejando, por excelência, refletir e intervir de forma mais ativa sobre as urgentes relações sociais e ambientais do século XXI. Neste caso, este esforço não é definitivo, mas um primeiro passo, que nasce para se tornar pegada, na espera de muitos outros passos.

2 MARCOS LEGAIS E TEÓRICOS QUE BALIZAM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CEA MOSCOSO

A construção do documento Projeto Político Pedagógico do CEA Moscoso perpassa pela reflexão, entendimento e apropriação dos termos que constituem esse documento enquanto instrumento que possibilita orientar os saberes e as práticas cotidianas no que tange à Educação Ambiental que se pretende. Logo, o concebemos:

→ Enquanto PROJETO, pois pressupõe o ato de projetar, elaborar e planejar ação ou ações inerentes à linha de pensamento que se pretende desenvolver;

→ Enquanto documento que aponta dimensões POLÍTICAS, ou seja, o *modus operandi* e as bases legais que regem o CEA Moscoso, suas linhas de ação, as suas atribuições e o seu compromisso com a sociedade, mais especificamente as comunidades com as quais são estabelecidas e/ou que se busca interlocuções. Há de se ressaltar que os CEAs, de modo geral, carregam sobre si o papel de promover relações sociais mediadas por uma educação que torne os sujeitos que dela se apropriem capazes de (re)pensar, (re)organizar e (re)estruturar a sociedades diante dos acontecimentos e das realidades socioambientais cotidianas, transformando esse ato em exercício da política.

→ Enquanto PEDAGÓGICO, pois traz consigo a dimensão educacional – formal, informal e não-formal[2] – e a intencionalidade do CEA em fomentar, facilitar e auxiliar processos de formação de cidadãos visando à constituição/construção de sociedades sustentáveis, respeitando a autonomia, o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, assim como a diversidade cultural que compreende o CEA, de acordo com a Recomendação Nº 11, de 04 de maio de 2011, do Conselho Nacional do Meio Ambiente – Ministério do Meio Ambiente. Dessa forma os procedimentos metodológicos, os temas e conteúdos abordados, o cardápio de aprendizagem, as formas e os processos

2 Neste PPP, entende-se Educação Ambiental no Ensino Formal e Educação Ambiental Não Formal a partir Seções II e III da Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA, Lei Nº 9795/1999. Essas mesmas considerações, tendo a Educação Ambiental como dimensão da educação, estão em consonância com as reflexões verificadas em Libâneo (1999, pág. 23), quando este pensador afirma que "a educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos (...). A educação não formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações com os indivíduos.

> avaliativos, entre outros aspectos didáticos e pedagógicos são concebidos como importante parte integrante do PPP.

O Projeto Político Pedagógico, então, é entendido como um documento que prevê dinamicidade aos processos educativos, sempre numa perspectiva de mudança e de antecipação do futuro; um documento que estabelece princípios, diretrizes e propostas de ação para melhor organizar, sistematizar, significar e ressignificar as atividades desenvolvidas pelo CEA como um todo, enquanto espaço difusor e capilarizador de práticas, ações, saberes, fazeres, tessituras e reflexões em Educação Ambiental.

Assim sendo, a compreensão de Educação Ambiental adotada na construção do PPP do CEA Moscoso perpassa por diretrizes, princípios e pressupostos legais e teóricos apontados nos seguintes documentos:

→ Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), um documento de relevância mundial;

→ Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA, explicita na Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999;

→ Política Estadual de Educação Ambiental - PEEA do Estado do Espírito Santo, disposta na Lei Nº 9.265, de 15 de julho de 2009;

→ Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA (2005); e

→ Programa de Educação Ambiental – ProGEA (2009) da Gerência de Educação Ambiental – GEA, Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SEMMAM do Município de Vitória.

Todos esses documentos, em maior ou menor intensidade, trazem em seu arcabouço de termos e conceitos, semânticas inerentes às dimensões do campo da educação e do campo ambiental. Assim sendo, neste PPP compreende-se que “a Educação Ambiental está fundamentada em bases pedagógicas, por ser uma dimensão da educação, mas sua conexão com conceitos e teorias da ciência ecológica foi, desde sua origem, seu eixo norteador, com uma forte matriz no ambientalismo” (TRISTÃO, 2004, p. 97).

Considerando, então, a dimensão ambiental na educação (GUIMARÃES, 1998) e a educacional no meio ambiente, essa reflexão, emergente a partir das necessidades

humanas na construção de uma epistemologia ambiental (LEFF, 2007) que tenta dar conta das problemáticas socioambientais da atual sociedade, demanda contextos educativos, comprometidos com a formação de sujeitos protagonistas e autônomos quanto às ações que realizam cotidianamente nas mais diversas áreas das suas vidas. Dessa forma e tomando como base os documentos supracitados,

> Entende [...] por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL/MEC, LEI 9795/99, Art. 1º);

considera que a Educação Ambiental

> [...] é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estima a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservem entre si relações de interdependência e diversidade. Isso requer responsabilidade individual e coletiva a nível local, nacional e planetário. [...] A Educação Ambiental deve gerar com urgência mudanças na qualidade de vida e maior consciência de conduta pessoal, assim como harmonia entre os seres humanos e destes com outras formas de vida (TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL (1992), *apud* CARVALHO, 2004, pág. 235-236);

e adota como princípios da Educação Ambiental:

> I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
> II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
> III - o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
> IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
> V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
> VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;
> VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
> VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural (BRASIL/MEC, LEI 9795/99, Art. 4º).

Os princípios acima descritos, assim como as tentativas de definições acerca da Educação Ambiental, são carregados de palavras, termos e conceitos – práticas sociais; coletividade; respeito; diversidade; pluralismo; transdiciplinaridade; interdependência; sustentabilidade; democrático; participativo; transformação humana e social; sociedades socialmente justas; sociedades ecologicamente equilibradas; responsabilidade; consciência de conduta pessoal; harmonia entre os seres vivos; compreensão; qualidade

de vida; processo de aprendizagem permanente; ações e valores; entre outros – inerentes ao campo semântico que marcam a Educação Ambiental contemporânea e que indicam as pistas no que diz respeito às correntes teóricas e filosóficas a ela incorporados.

Desse modo, a concepção de Educação Ambiental seguida pelo CEA Moscoso parte do pressuposto que carrega consigo uma educação que caminha na tendência de pensar suas práticas e ações de forma crítica, coletiva, reflexiva e dinâmica, como ensinava Freire.

Uma educação, como apregoa Freire, problematizadora, transformadora, que se faz/refaz num "[...] esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão* sendo no mundo *com* que e *em que* se acham" (FREIRE, 2005, p. 82). Daí, a esperança de frutificar uma Educação Ambiental onde os sujeitos que dela comunguem "[...] possam torna-se parte de qualquer um dos diversos movimentos sociais nos quais utilizam suas habilidades teóricas e pedagógicas na construção de coligações históricas capazes de mudança social emancipadora" (GIROUX, 1997, p, 250).

Sendo assim, tomando com referência das reflexões trazidas por Guimarães, a Educação Ambiental que se pretende,

> [...] objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivemos todos" (GUIMARÃES, 2004, p. 30-31).

A proposta de Educação Ambiental verificada em Guimarães (2004) encontra abrigo nos documentos outrora citados e tidos como marcos legais, isto é, que legitimam, institucionalizam e fomentam a Educação Ambiental enquanto políticas, programas, entre outros, e por isso é incorporada ao PPP do CEA, assim como as contribuições verificadas em Carvalho (2004) ao apresentar os objetivos de uma Educação Ambiental a partir de tendência crítica e reflexiva:

- Promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões: geográfica, histórica, biológica e social, considerando o meio ambiente como o conjunto de inter-relações entre o mundo natural e o mundo social, mediado por saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos.
- Contribuir para a transformação dos atuais padrões de uso e distribuição dos recursos naturais, em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias de relação com a natureza.
- Formar uma atitude ecológica dotada de sensibilidades estéticas, éticas e políticas

> atentas à identificação dos problemas e conflitos que afetam o ambiente em que vivemos.
> - Implicar os sujeitos da educação na solução ou melhoria desses problemas e conflitos, mediante processos de ensino/aprendizagem formais ou não-formais que preconizem a construção significativa de conhecimentos e a formação de uma cidadania ambiental.
> - Atuar no cotidiano escolar e não escolar, provocando novas questões, situações de aprendizagem e desafios para a participação na resolução de problemas, a fim de articular a escola **[CEA]** com ambientes locais e regionais onde está inserida.
> - Construir processos de aprendizagem significativa, conectando a experiência e os repertórios já existentes com questões e outras experiências que possam gerar novos conceitos e significados para quem se abre à aventura de compreender o mundo que o cerca e se deixar surpreender por ele.
> - Situar o educador, sobretudo, como mediador de relações socioeducativas, coordenador de ações, pesquisas e reflexões – escolares e/ou comunitárias – que possibilitem novos processos de aprendizagens sociais, individuais e institucionais (CARVALHO, 2004, págs 158 – 159; inserção, grifo e negrito nosso).

O desafio de colocar em prática as proposições constituídas neste PPP, que tem a Educação Ambiental como parâmetro em sua linha de ação, como aponta Jacobi (2004, p. 20), “[...] deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social”.

3 JUSTIFICATIVA

O projeto político pedagógico se justifica como instrumento norteador que dará subsídios ao trabalho de excelência junto aos educadores ambientais no Centro de Educação Ambiental do Parque Moscoso, buscando simbiose perfeita entre a comunidade e o parque. O trabalho deverá estar pautado em conhecimento, informação, questionamentos, estímulos, práticas e reconhecimentos, e, quaisquer meios viáveis que agreguem novos valores, saberes e conduta deverão ser lançados, vistos e revistos como parte integrante do processo de inquietação, incomodo e necessidade de transformação.

O Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2005) sugere a elaboração e a inclusão de um PPP nos CEAs, a fim de estimular e provocar reflexões a respeito de questões socioambientais, bem como contribuir para uma compreensão de que CEAs não se restringem à dimensão estrutural. O CONAMA ratifica a necessidade dos PPP na Recomendação Nº 11 de 2011, onde apresenta os parâmetros metodológicos da EA e os aspectos a serem contemplados no documento.

Sendo assim, o CEA Moscoso, inicia o processo de construção do seu PPP com o propósito de adequar-se as novas recomendações do CONAMA, sistematizar seus projetos e abordagens educacionais.

4 MISSÃO

A missão do CEA Moscoso é empreender ações de educação ambiental que promovam a sensibilização dos atores sociais, com os quais interage, sobre as problemáticas das questões ambientais, fomentando a reconstrução de valores, saberes e fazeres por meio de uma abordagem educacional ativa, pautada no diálogo de caráter reflexivo crítico.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Irradiar, a partir do parque, processos de Educação Ambiental que contribuam para a construção de sociedades sustentáveis.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover nos usuários e moradores do entorno o pertencimento ao parque.
- Promover uma percepção do homem integral e integrado ao meio.
- Estimular ações autogestoras, soluções coletivas, para problemas ambientais das comunidades do entorno;

6 METAS

OBJETIVO ESPECÍFICO	METAS
Promover nos usuários e moradores do entorno o	Duplicar o número de visitas monitoradas, especialmente dos

pertencimento ao parque.	grupos de Educação Não-Formal.
Promover uma percepção do homem integral e integrado ao meio	Realizar pelo menos uma atividade do Comunidades Conscientes no período 2012/2013 Firmar parceria duradoura com o CRAS e o Centro de Vivência da 3ª Idade para o desenvolvimento de atividades
Estimular ações autogestoras, soluções coletivas, para problemas ambientais das comunidades do entorno	Fomentar ações em parceria com outras instituições do entorno, almejando a criação de uma rede institucional, com vistas a desenvolver ações pedagógicas na área ambiental.

7 CARACTERIZAÇÃO DO CEA MOSCOSO

7.1 DESCRIÇÃO DE EQUIPAMENTOS

- Em relação aos equipamentos disponíveis para utilização do CEA, consta em seu patrimônio:
- CPU - patrimônio 412546

- MONITOR – patrimônio 412564
- Mesa redonda- patrimônio 340344
- 5 cadeiras almofadadas pretas- patrimônios:337291, 330641, 337317, 292314, 337321.
- 6 cadeiras - plástico brancas
- 2 armários - patrimônios: 299909 e 340306
- 1 frigobar – patrimônio 00443869
- 1 rádio – patrimônio 280204
- 1 tela para projeção – patrimônio 260111
- 1 aparelho telefônico – patrimônio 273927
-

7.2 DESCRIÇÃO FÍSICA DO CEA

O CEA Moscoso teve seu espaço físico planejado em 2001 em uma das últimas intervenções no parque. Tal área foi pensada para a realização de atividades educacionais e administrativas. É relevante registrar que atualmente o espaço do CEA é compartilhado com o TELECENTRO, situação que limita as possibilidades de ações socioeducativas. (Anexo 1)

Hoje, o CEA tem autonomia de utilização do escritório, espaço que compartilha nos fundos da sala com o TELECENTRO e o espaço ecumênico, dependendo da disponibilidade de agenda da administração.

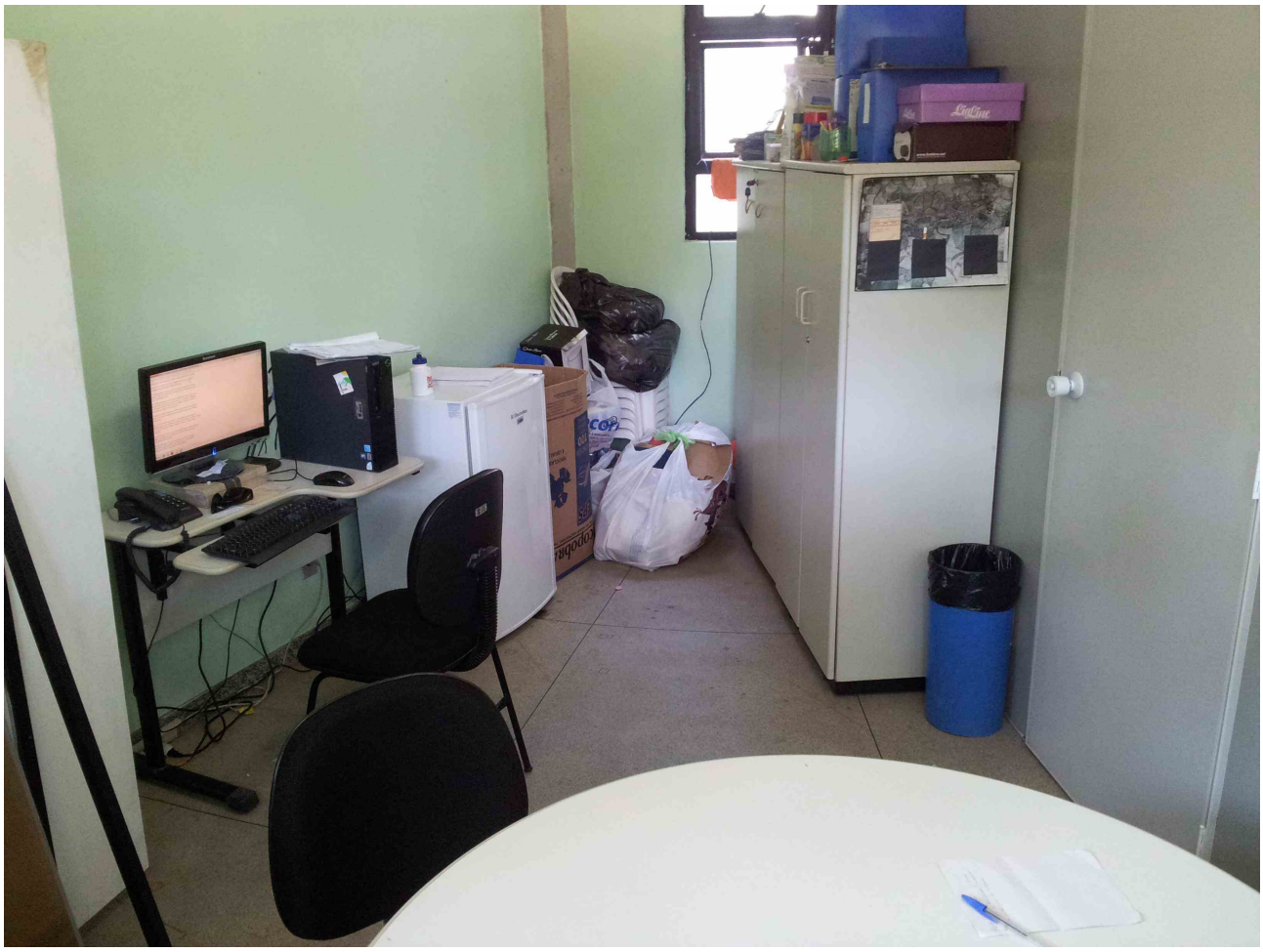


Fig. 1. Centro de Educação Ambiental do Parque Moscoso. Acervo Fernando Fiorotti.

7.3 RECURSOS HUMANOS DO PARQUE

As empresas que prestam serviços ao Parque Moscoso são:

- SERDEL- Atuam todos os dias da semana em 2 escalas de 4 funcionários por escala, totalizando 8 funcionários.

- CJF- Atuam todos os dias da semana, divididos em 2 escalas diurnas e 2 noturnas. Na escala diurna atuam 6 funcionários, na noturna, 4 funcionários, totalizando 20 funcionários.
- CORPUS- Atuam 6 funcionários de segunda a sexta feira.

7.4 EQUIPE TÉCNICA

A equipe técnica do Centro de Educação Ambiental do Parque Moscoso conta atualmente com dois (2) técnicos, um historiador com especialização e mestrado em História, e uma licenciada em Artes Visuais.

Sugere-se, como importante para o desenvolvimento das atividades do CEA, a incorporação de estagiários nas respectivas áreas afins, como meio de potencializar as ações em EA.

7.5 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PARQUE MOSCOSO

O Parque foi concebido como um espaço de lazer e de encontro social. Seus 100 (cem) anos de história garantiram a este lugar da cidade de Vitória, uma grande diversidade de usos sociais como de alterações físicas e arquitetônicas. Este rico processo histórico é apresentado em capítulo a parte deste PPP, cabendo as próximas páginas uma breve apresentação da estrutura física atual do Moscoso.

No que tange as espécies vegetais existentes no parque deve-se ressaltar as diversas configurações e usos que estas tiveram dentro dos múltiplos traçados do parque. O primeiro projeto de ajardinamento do parque coube a Paulo Motta no início do século XX, contudo, ao longo dos anos, diversas mudanças ocorreram e espécies foram extirpadas assim como novos tipos foram plantados. De forma a potencializar o conhecimento técnico dos exemplares vegetais do parque foram selecionadas 23 espécies, que deram origem a um pequeno texto (ANEXO 2) que, no futuro próximo, poderá subsidiar um roteiro de interpretação ambiental tendo como principal a vegetação existente no Parque.

No âmbito das atuais características físicas e arquitetônicas do parque este possui uma área de aproximadamente 24 mil metros quadrados (ANEXO 3). Nesta área temos duas alamedas. A alameda Paulo Motta, que liga a Avenida Cleto Nunes a rua Padre José de Anchieta, e a alameda Central, que vai da Avenida República a rua Vinte e Três de Maio. Estes dois caminhos centrais são cercados com árvores de diversas espécies, como também com uma estrutura em metal que seve como pórtico e base para a iluminação do parque.



Fig. 2. Alameda Paulo Motta. Acervo Fernando Fiorotti

O Parque Moscoso possui também duas ilhas artificiais, a maior delas conhecida como Ilha dos Amores, em decorrência dos inúmeros casais de enamorados que utilizaram daquela parte do parque para seus encontros. As ilhas possuem uma ligação, entre elas e com o restante do parque, garantida através de pontes de concreto que imitam troncos, raízes e galhos de árvores.



Fig.3. Ilha dos Amores e Ponte de concreto. Acervo Fernando Fiorotti

O Parque conta com alguns equipamentos voltados para a diversão e lazer. Um parquinho infantil ocupa um espaç23o considerável nos limites do parque com a Escola de Ciência. Além deste, o Moscoso conta com um campo de futebol de areia que atende os frequentadores das mais diversas idades.





Fig.4. Parquinho e Campo de Futebol. Acervo Fernando Fiorotti

O parque possui em suas dependências uma academia para a terceira idade que funciona próximo a portaria da avenida República.



Fig.5. Academia da Terceira Idade. Acervo Fernando Fiorotti

O parque conta com duas construções que servem como base para o comércio (duas lanchonetes), a administração, o CEA, o Serviço de Orientação ao Exercício (SOE), o TELECENTRO, o serviço de lazer da Secretaria de Esporte. Conta ainda com banheiros públicos e de funcionários, uma sala ecumênica e cozinha restrita aos funcionários.

8 O PARQUE MOSCOSO: HISTÓRIA[3]

Entre o fim do século XIX e início do XX, a Europa experimentava uma efervescência cultural conhecida como *Belle Époque.* Este período que vai de 1871 a 1914 foi marcado por uma certa estabilidade política entre os países Europeus, pelo progresso material, advindo especialmente da expansão do Capital e dos impérios neocoloniais, das novidades tecnológicas, como o telefone, o cinema, o automóvel, o avião, entre outras maravilhas modernas. Neste processo, surgiram novas tendências artísticas como impressionismo e o *art noveau,* que eram apreciados e comentados em cabarés ou nos populares cafés das capitais europeias. Esta sensibilidade *fin-de-siècle* foi acompanhada por um novo modo de pensar a cidade e organizar o espaço e a própria vida de seus habitantes.

Neste caso, foram emblemáticas as reformas da cidade de Paris, empreendidas durante a administração de Georges-Eugène Haussmann. Mesmo que anteriores ao período de auge da *Belle Époque* as mudanças urbanas realizadas, foram essenciais para criar o pano de fundo de uma nova paisagem urbana. Imortalizadas pelas penas de Baudelaire, tal processo, foi marcado pela derrubadas dos cortiços de operários, pela ampliação e alargamento das ruas, os famosos *boulervards,* pela racionalização e adequação do espaço as novas necessidades da próspera sociedade burguesa parisiense.

O Brasil, do mesmo período, passava por diversas transformações, entre elas a política, mudança do regime imperial para o republicano, e a social, fim do regime escravista, destacavam-se como eixos de inteligibilidade da *Belle Époque* tupiniquim. A francofilia das elites nacionais levava a um processo de importação e adaptação dos modismos parisienses e do *modus operandi* de gestão da cidade e de suas contradições. O Rio de Janeiro, capital da nascente república, passou por um processo similar de intervenção urbana e arquitetônica, que visava modernizar e adequar a paisagem colonial aos novos tempos da cidadania liberal.

Para empreender tal projeto, o presidente Rodrigues Alves (1902-1906) nomeou, como prefeito do Rio de Janeiro, o engenheiro Pereira Passos (1902-1906). Este havia visto os resultados das reformas de Haussmann em Paris e ambicionava implementar

3 Esta reflexão sobre a história do Parque Moscoso contou, em algumas partes, com a colaboração dos apontamentos e registros da Analista Cultura em Artes Rosa Rasuck, que trabalhou no CEA Moscoso durante o ano de 2011.

uma transformação similar na paisagem carioca. No que ficou conhecido popularmente como “bota-abaixo”, a gestão de Pereira Passos derrubou cortiços, alargou ruas estreitas e escuras, aplainou regiões mais elevadas, aterrou mangues e regiões de alagados, entre outras medidas que visavam higienizar e civilizar a *plebe* carioca.

As intervenções do Estado no campo urbano não deixaram de gerar tensão e animosidade nos desalojados e desvalidos que, de modos diversos, sofreram com os novos planos para a capital federal. No bojo destas reformas e transformações é que outros projetos de intervenção urbana pulularam na virada do XIX para o XX. Cidades como São Paulo, Recife, Belo Horizonte, entre outras passaram por remodelações, com vistas a adequá-las aos ventos do progresso.

A cidade de Vitória matinha características muito similares aquelas das primeiras décadas de colonização, e era adjetivada por muitos com atrasada e inadequada. Assim, em fins do século XIX, a população não ultrapassava a faixa dos 10.000mil habitantes, restringindo-se o núcleo urbano a área da atual cidade alta. As principais construções eram ainda de origem religiosa e o poder público tinha um orçamento tímido comparado aos outros Estados da federação (FERREIRA, 2009: 115). Partindo deste contexto foi que o governador José de Melo Carvalho Moniz Freire (1892-1896) lançou o projeto do *Novo Arrabalde* que objetivava transformar o espaço urbano capixaba, modernizando vias e expandido o território ocupado para novas regiões da ilha. Segundo o próprio, em um pronunciamento anterior a sua posse, a Capital apresentava graves problemas

> A começar pela Capital, que foi sempre a principal cidade do Estado, nada achamos digno de menção. Cidade velha e pessimamente construída, sem alinhamentos, sem esgotos, sem arquitetura, segundo os caprichos do terreno, apertada entre a baía e um grupo de montanhas; não tendo campo para desenvolver-se sem a dependência de grandes despesas; mal abastecida de água; com um serviço de iluminação a gás duplamente arruinado, pelo estado do material e pela situação da sua empresa; carecedora de um fornecimento regular de carnes verdes; sem edifícios notáveis; repartições e serviços públicos mal acomodados à falta de prédios; sem teatro, sem passeio público, sem hospitais, sem serviço de limpeza bem organizado, sem um matadouro decente; desprovida de toda defesa sanitária; necessitando de construir novos cemitérios, devido à irrevogável condenação dos atuais...(DERENZI, 1965:166)

O Projeto do Novo Arrabalde foi de autoria do engenheiro sanitarista Saturnino de Brito (1864-1929) e objetivava uma expansão para o leste da ilha. Entre as medidas previstas haveria o aterramento e o saneamento de novas áreas, assim como a construção de novas ruas e avenidas. Um dos motes deste processo era garantir um

lócus urbano mais saudável e higienizado[4].



Fig. 6. Planta do Novo Arrabalde. Acervo Arquivo Público Estadual.

Contudo, Moniz Freire não conseguiu realizar muito do que foi planejado no Novo Arrabalde. Seus sucessores, assim como ele próprio, em uma segunda passagem pelo governo do Estado, entre 1900-1904, não implementaram as perspectivas modernizadoras e progressistas delineadas no projeto de Saturnino de Brito. Tal lentidão é explicada, entre outros motivos, pelas sucessivas crises do café, principal produto da economia capixaba na virada do século XIX para o XX, além dos sempre complicados arranjos políticos em um período de estruturas políticas oligárquicas. (SUETH, 2004:53)

O governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912), mesmo vivenciando os problemas econômicos decorrentes da dependência da economia cafeeira, pode ser considerado uma retomada no afã de transformação e intervenção no espaço urbano da Capital. Deve-se ressaltar, que o objetivo de Monteiro, não foi o de dar continuidade diretamente aos projeto iniciado por Freire, muito pelo contrário, os dois principais políticos da República Oligárquica tinham algumas discordâncias quanto ao projeto político mais adequado para o Espírito Santo. (SUETH,2004).

4 Segundo Braz Casagrande a ausência de uma efetiva ocupação das regiões de morro no projeto do Novo Arrabalde era consequência de uma tendência conservacionista presente no pensamento de Saturnino de Brito. Ver (CASAGRANDE, 2011)

Deve-se ter em mente que o cenário econômico ainda não era tão favorável a gastos públicos do estado do Espírito Santo, todavia Monteiro conseguiu bons empréstimos e apoio político, interno e externo, para dar continuidade as intervenções urbanas. As intervenções se deram principalmente sobre a região do sítio histórico da Capital, incluindo aí a região do campinho, que abrigava a Vila do Moscoso.

A região do Parque, antes das transformações urbanísticas do governo Monteiro, sofreu ao longo do século XIX um processo de lento aterramento. Entre 1812 e 1819, no governo de Francisco Alberto Rubin, tem inicio o aterro de parte da Lapa do Mangal[5]. Como visto nas fotografias de Victor Frond de 1860 (Fig.7, Fig.8) a região era um braço de mar (Mapa 1), que foi gradativamente aterrado como forma de ligar a cidade alta até a região da Santa Casa de Misericórdia.

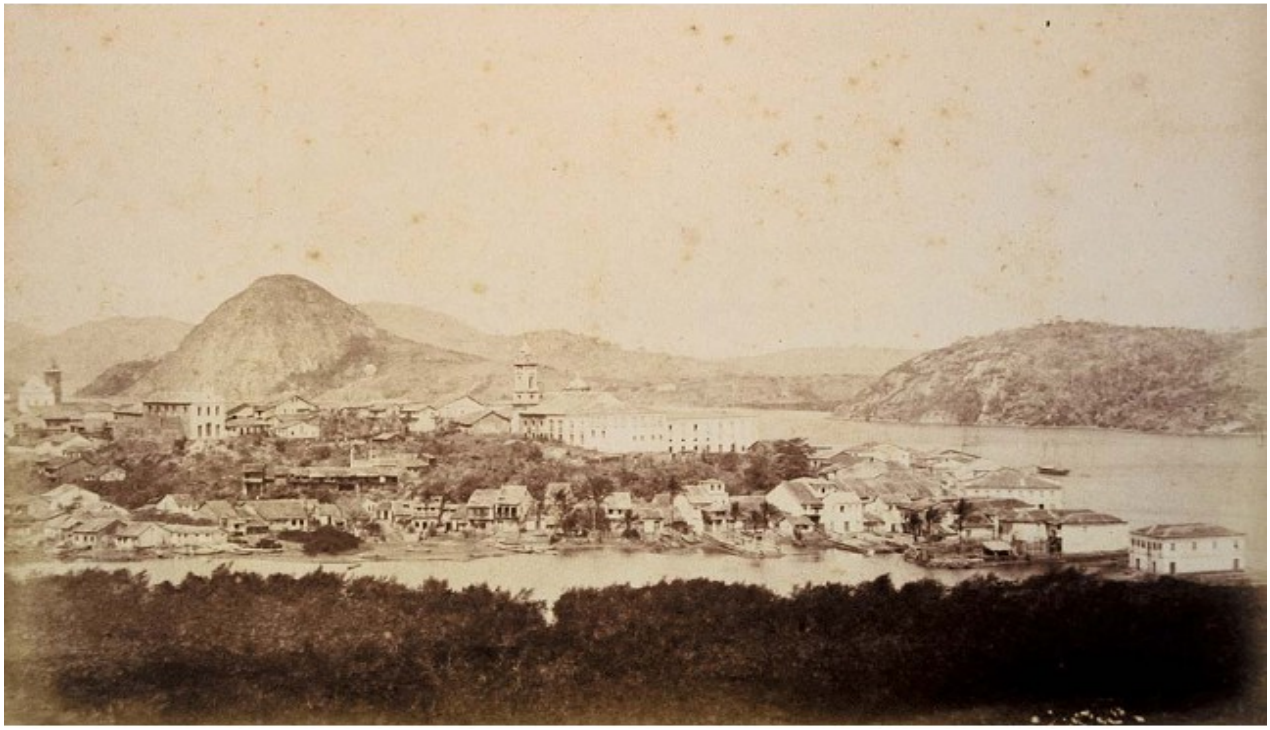
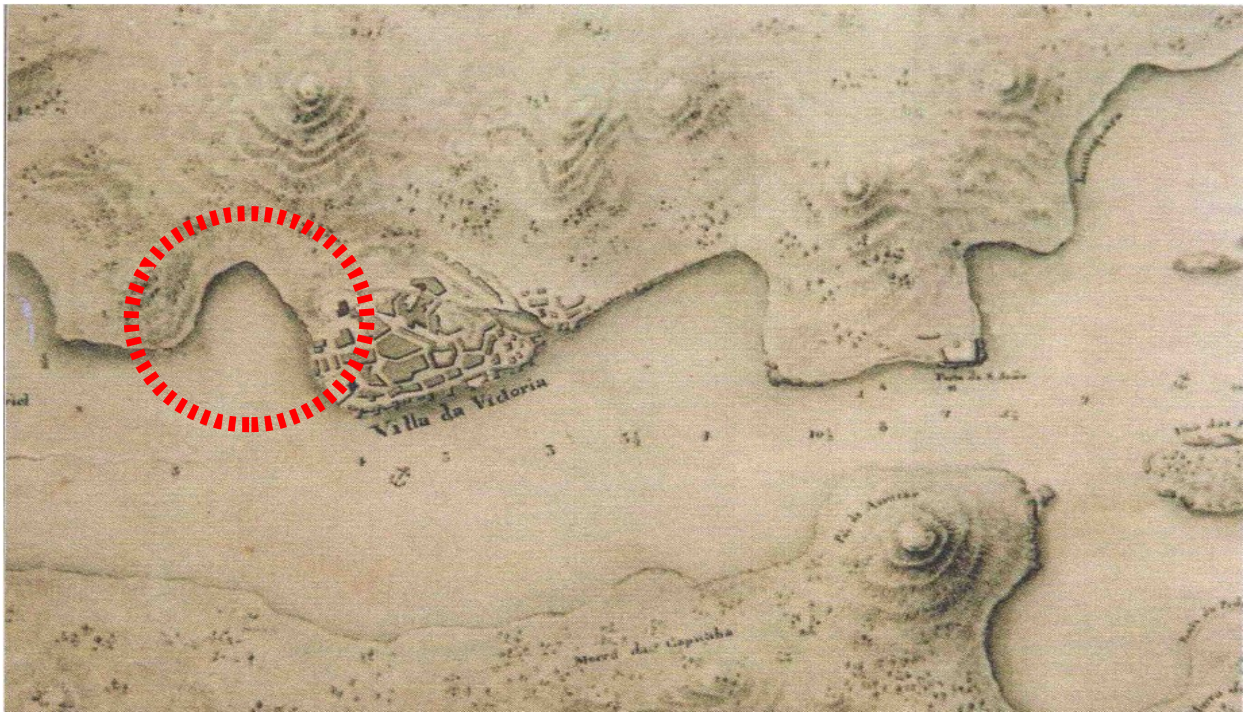


Fig.7. Cidade Alta. Autor Victor Frond 1860 Fonte VON TSCHUDI, 2004, p. 137.

5 Na bibliografia consultada encontram-se outros nomes para nomear a mesma região, como Mangal do Campinho e Lamerão do Campinho. Posteriormente aos aterros de fins do XIX a expressão Campinho passou a ser a mais popular para denominar a região. Deve-se ter ciência que na região da atual Santa Casa de Misericórdia existia uma fazenda de propriedade de Maria de Oliveira Subtil que foi doada a irmandade da Misericórdia para a construção do Hospital no início do século XIX. Ver (SIQUEIRA & PIVA. 2005: 7)



Fig.8. Morro da Santa Casa de Misericórdia. Autor Victor Frond 1860 Fonte VON TSCHUDI, 2004, p. 137.



Mapa 1. Mapa da Vila da Vitória. Em destaque área da Lapa do Mangal. Século XVIII

Tal processo fez surgir ao longo do XIX o Cais dos Padres e a Rua do Comércio (Fig.9). E como explicitava-se no nome, foi ocupada por importantes comerciantes atacadistas de secos e molhados. A Rua do Comércio foi renomeada como Avenida Florentino Avidos em 1969.



Fig.9. Rua do Comércio 1909. Autor desconhecido. Acervo Biblioteca Central da UFES.

O aterro realizado gerou problemas, pois impediu o movimento das marés, o que acarretava uma região alagadiça que recebia os dejetos e resíduos produzidos pelos moradores do entorno. O inspetor de saúde, Dr. Manoel Goulart de Souza, em 1876, alertou para a necessidade de se drenar e aterrar o mangal como forma de evitar o alastramento de doenças decorrentes de péssimas condições de higiene. (DERENZI, 1965:161). Em 1888, o processo de aterramento foi reativado pelo presidente da província Henrique Ataíde Lobo Moscoso, através dos estudos dos engenheiro Olavo Ferreira Rodrigues. O governo de Moscoso a frente da província duraria menos de um ano, já que o mesmo havia sido transferido, pelo governo imperial, para a província do Pará, todavia nunca chegou a tomar posse da nova função, pois faleceu no Espírito Santo em 08 de junho de 1889. Alguns dias depois, 21 de junho de 1889, ocorreu a instalação de um chafariz, a Fonte dos Cavalos, um dos elementos que permanece no parque até os dias de hoje. (ELTON, 1986:79-80)

Na região em 1890 foi construído um Quartel de polícia (Fig.10), assim como uma vala (Fig.11) que corria do Quartel até o mar, para o despejo dos dejetos produzidos. Esta vala trazia diversos problemas, especialmente em chuvas mais fortes, já que transbordava e levava as imundices para as casas dos moradores da região.



Fig.10. Quartel de Polícia. 1905. Acervo do Arquivo Público do Espírito Santo.

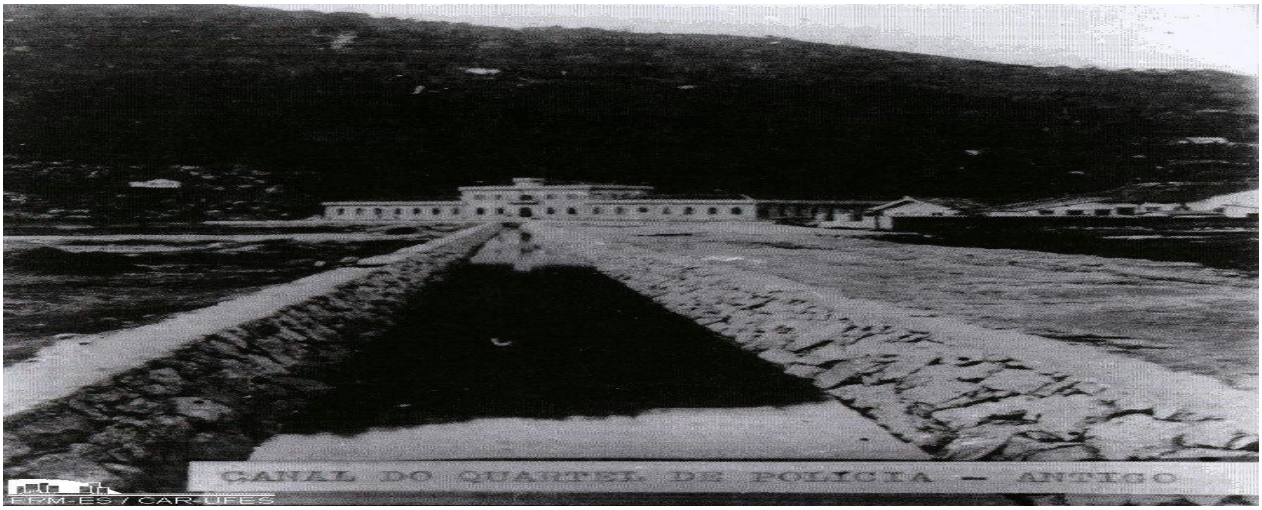


Fig. 11. Vala do Quartel (Atual Avenida República). 1912. Fonte Francisco Moares.

Nos anos seguintes, a região recebeu novas moradias, assim como um monumento primitivo em homenagem a Henrique Moscoso[6]. Popularizou-se então como "Vila do Moscoso" em referência direta ao governante da província responsável por um dos aterros da região. Deve-se ter ciência, que as obras do século XIX, não foram um sucesso completo e regiões alagadiças ainda persistiram, como igualmente as reclamações em relação aos problemas de higiene e saúde provenientes daquela área.

É nesta confluência, entre o contexto mais amplo e geral, a Paris de Haussman e o Rio de Janeiro de Pereira Passos, e o espaço local, do Novo Arrabalde e das reformas de

6 Não se tem clareza sobre como era o monumento primitivo a Henrique Moscoso. Elmo Elton cita a existência de um mausoléu, que posteriormente foi transferido para o cemitério de Santo Antônio. (ELTON, 1986: 80) . O busto de Henrique Moscoso, presente no parque hoje é de 1910 segundo pesquisa realizada por Maria Helena Lindenberg. Ver Ficha Catalográfica- Inventário de esculturas e Monumentos urbanos de Vitória . ANEXO .

Jerônimo Monteiro, que pode-se compreender a emergência do Parque Moscoso nas primeiras décadas da república oligárquica. Ele seria símbolo de uma modernidade esperada, de uma Belle Époque capixaba que garantiria um adeus ao passado colonial e a entrada na moderna sociedade capitalista. Todavia, este processo não foi linear, sendo marcado também por refluxos, estagnações e mudanças de rumo. Exemplar é o caso da *Companhia Brasileira Torrens*, responsável por aterramentos e construções de casas na Vila do Moscoso, que, para Carlos Teixeira de Campos Junior, tentou fomentar, em parceria com o Estado, um mercado imobiliário em Vitória, entretanto por motivos que foram da crise do café ao superdimensionamento dos planos governamentais, não alcançou sucesso. (CAMPOS JUNIOR, 2002: 52-53)

Em 1910, Jerônimo Monteiro recebe a doação de parte da área que pertencia a União, via Lei Federal nº. 2.356/1910[7]. As ações do governo Monteiro na área do Mangal, entre outras medidas, foram a drenagem e fechamento da antiga vala do quartel de polícia, surgindo daí a Avenida República e a construção de um conjunto de casas para funcionários púbicos, que haviam sofrido com o arrocho salarial durante o governo de Monteiro (Fig. 12).



Fig. 12. Casas para funcionários públicos, 1912, Autor desconhecido.

As obras da área foram confiadas ao coronel Antônio José Duarte, sendo assinado

7 No corpo da lei assim discriminado " A ceder ao Estado do Espirito Santo, sem indemnização, os terrenos que possue no logar Campinho, Victoria, e barracões existentes nos mesmos terrenos, bem como demais proprios nacionaes desnecessarios ao serviço federal" BRASIL. Lei nº 2356/1910, 31 de dezembro de 1910.

um contrato entre as partes no dia 27 de agosto de 1910. Para o aterramento definitivo da área foram utilizados detritos e entulho retirado do morro da Santa Casa de Misericórdia (fig.13), que se beneficiaria do processo com a expansão da área disponível para uma futura expansão. O projeto de ajardinamento foi confiado a Paulo Motta (fig. 14) em 26 de fevereiro de 1911. Este já vinha colocando estacas antes mesmo do fim das obras do aterro.(KOGURE, Prelo: 31-32)



Fig.13. Retirada de terra do morro da Santa Casa, 1911, Autor Desconhecido, Fonte Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

O Parque ficou pronto em 19 de maio de 1912 com 24 mil metros quadrados e foi inaugurado com pompas e circunstâncias nesta data. Inspirado pelas ideias do francês J.A. Bouvard e pelo *art nouveau,* Motta implementou no parque duas alamedas uma denominada Central, ligando a avenida República a Rua 23 de Maio e projetando continuidade com a rua Marcondes de Azevedo, e a alameda Paulo Motta[8], conectando a rua José de Anchieta a avenida Cleto Nunes, estas eram interconectadas por um grande número de caminhos e repuxos com traçados sinuosos.(MUNIZ, 2001:40)

No Parque, neste período inicial, foram instaladas algumas fontes, com destaque para a Fonte Jerônimo Monteiro em homenagem ao governador do Estado[9]. Caracterizada por carrancas, com uma bacia sustentada por ninfas e crianças ornadas

8 Assim denominada oficialmente em 21 de maio de 1937 pelo Decreto Municipal 697.

9 Ver Ficha Catalográfica- Inventário de Esculturas e Monumentos Urbanos de Vitória . ANEXO 4.

com guirlandas, a fonte tem em sua base o nome de Jerônimo Monteiro e o lema Trabalha e Confia[10].



Fig.14- Planta Original do Parque. Fonte MUNIZ, 2001, p. 37

A região tornou-se altamente valorizada e, como ressalta Leonor Franco, começou a ser ocupada pela elite política, intelectual e econômica da Capital. Invertia-se assim a tradicional configuração sócio-espacial de Vitória, em que os mais abastados ocupavam regiões mais altas da ilha, enquanto os mais pobres habitavam as partes mais baixas. (FRANCO,2006:76) Nas décadas iniciais de vida do parque instalam-se lindas residências no entorno do parque (fig.15). Além disso, possuía também uma quadra de tênis com o nome Parque Tênis Clube. Além de ser o início de um Clube Social, que passaria a ser o ponto encontro da sociedade capixaba, o Clube Vitória, que veio suceder o “Clube dos Boêmios”. Havia da mesma forma, um grande galpão coberto com palhas, lembrando uma habitação indígena, que abrigava um lindo orquidário e, no coreto, eram feitas várias apresentações culturais, entre elas a da banda da Polícia Militar, cuja apresentações eram conhecidas popularmente como "retreta"(fig.16).

10 O governo de Monteiro foi o responsável pela oficialização de alguns elementos simbólicos do Estado, entre eles destaca-se a Bandeira. As cores foram inspiradas no manto de Nossa Senhora da Vitória, enquanto o lema *Trabalha e Confia* é proveniente dos ensinamentos de Ignácio de Loyola que preconizava que “ Trabalhes como se tudo dependesse de ti, confia como se tudo dependesse de Deus.”

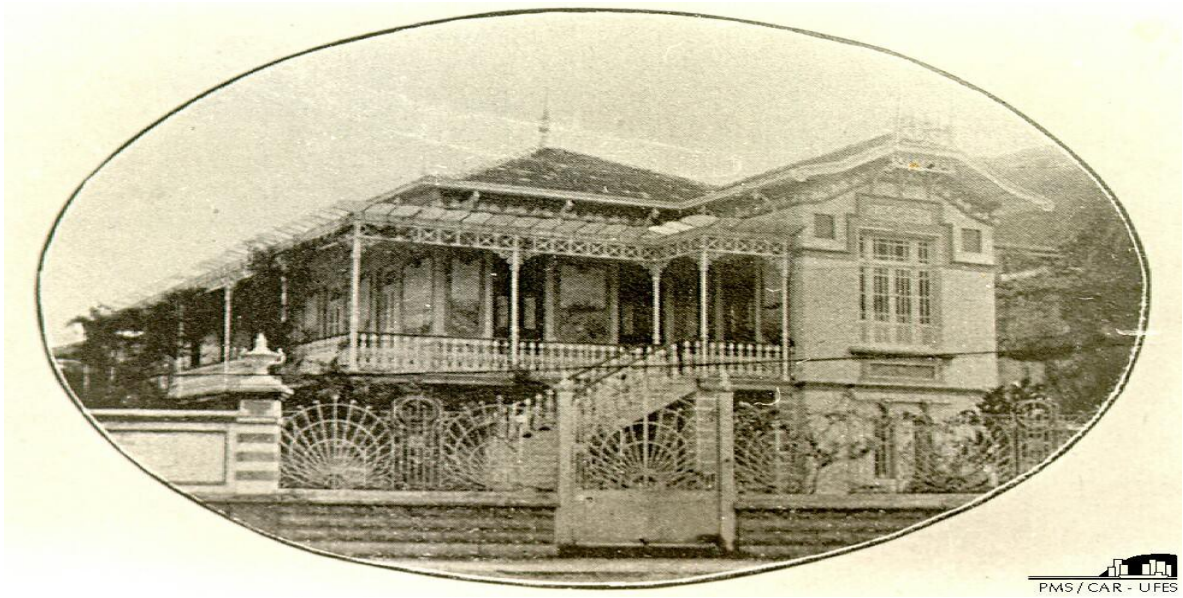


Fig.15- Vila Oscarina (Residência de Antenor Guimarães), 1924, autor desconhecido, Fonte Patrícia Sepulcri.



Fig.16. Coreto do Parque Moscoso, s/d, autor desconhecido, fonte Secretaria de desenvolvimento da cidade/SEDEC

A primeira intervenção no espaço de Parque se deu em 1952, no governo Jones dos Santos Neves, com a construção do Jardim de Infância Ernestina Pessoa e da Concha Acústica, ambas projetadas pelo arquiteto Francisco Bolonha dentro do pensamento da moderna arquitetura dos anos 50. (MUNIZ, 2001:47)

O governo de Jones foi marcado por um forte surto desenvolvimentista, especialmente após o lançamento do “Plano de Valorização Econômica”. Como antecessores, objetivava modernizar a capital Vitória dotando-lhe de uma nova infraestrutura, assim como de espaços de sociabilidade que refletissem tal projeção. Neste sentido, a construção dos dois novos elementos no Moscoso, relacionam-se diretamente a perspectiva progressista que Santos Neves imprimiu ao seu governo.



Fig.17- Planta da 1ª intervenção de 1952. Fonte MUNIZ, 2001, p.47.

A escola Ernestina Pessoa[11] foi assim batizada em homenagem a professora de mesmo nome, responsável nas primeiras décadas do século XX, pela educação de futuros membros da elite capixaba[12]. O projeto da escola privilegia o parque, já que as salas possuem grandes portas que permitem o fluxo constante dos educandos com a área livre do Moscoso (fig.18). Atualmente, na área da escola funciona a Escola de Ciência e Física da prefeitura de Vitória. Existe ainda uma Escola Infantil (Centro Municipal de Ensino Infantil- CMEI) Ernestina Pessoa, contudo atua em outra área, mais especificamente na rua Washington Pessoa.

11 Processo de tombamento nº 03/1982. Resolução do Conselho Estadual de Cultura. Inscrição no Livro do Tombo Histórico sob o nº 175, às Folhas 29v e 30v

12 Antes da construção desta nova sede havia na rua Marcondes de Azevedo um escola infantil fundada durante o governo do interventor Punaro Bley.

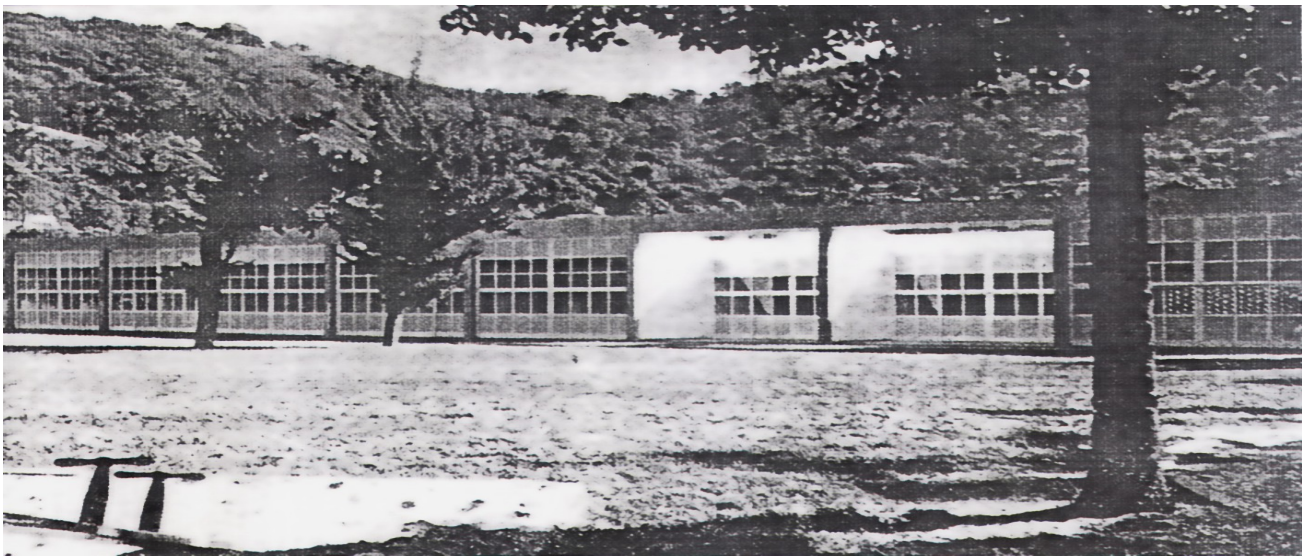


Fig.18- Escola Ernestina Pessoa. Acervo do Arquivo Municipal

A construção da Concha Acústica vinha de encontro a necessidade de se ter no parque uma nova área para shows e apresentações artísticas, em substituição ao antigo coreto. Composta de uma área com bancos em concreto, com um espelho d'água e um palco coberto com uma parede em forma de concha. Como a escola, a Concha foi tombada pelo governo estadual[13].

Nos arredores do parque floresceu uma agitada vida social, foram destaques deste período dois dos melhores cinemas da cidade: o Politeama, posteriormente Santa Cecília, e o São Luís. Neste caso, o parque muitas vezes era lugar de espera para as sessões de matinê do cinema. Além disto, a padaria Sarlo, atual banco Itaú, ou o bar Dominó eram pontos de encontro, sendo o último especialmente popular entre os *moços* de Vitória. No campo educativo, a região contava com os colégios do Carmo, o Salesiano e o Americano Batista, assim como do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, que tinha sua sede nas imediações do parque desde de 1916. (KOGURE, 2012: 53-59)

É ao fim da década 60 que começam a surgir prédios altos na região do parque, e que já atendiam a um incipiente mercado imobiliário capixaba. Assim, a região passou por um processo de reformulação onde muitas construções foram abandonadas ou demolidas, explicitando a suscetibilidade da região ao jogo do mercado.

Em 1973, no mandato do prefeito Chrisógono Teixeira da Cruz (1971-1975) ocorreu uma 2ª intervenção (Fig. 19). Esta foi a mais profunda mudança nas linhas estruturais do Parque, que passaria ser mais próximo de um parque de diversões do que de um parque voltado ao lazer público.Mudava-se não só a ambientação do parque, mas, de certa

13 Tombado pelo Conselho Estadual de Cultura em 12/11/86 - processo 06/84.

forma, toda a função do mesmo.

Alamedas foram desviadas e se tornaram mais estreitas para dar lugar ora à Capela Ecumênica (Fig.20), ora as quadras de esportes. Foram implantados equipamentos e brinquedos eletrônicos para crianças. O Parque Moscoso totalmente plano teve sua topografia alterada pela criação de morros artificiais, sendo fechado por muros e grades, implantando-se um sistema de cobrança de ingresso, com portarias e roletas. Isso isolou o parque das ruas e restringiu seu uso como local de passeio, descanso ou simplesmente de passagem de uma rua para outra.



Fig. 19- Configuração durante 2ª Intervenção. 1999, MUNIZ, 2001, p.50.



Fig.20. Capela Ecumênica. Acervo da Prefeitura de Vitória

Nessa época foi construído um prédio para administração e sanitários públicos. Foram implantados equipamentos industrializados de parque, construídos chalés para aves e macacos. Tais chalés receberam um leão (retirado por causa das reclamações dos vizinhos devido aos urros deles) e um casal de cervos (que ainda permaneceram por lá durante algum tempo em outro chalé). Haviam também jacarés na Fonte Jerônimo

Monteiro.

Este período marcou também o início da transferência do centro econômico e político da cidade para a região noroeste da cidade. Símbolo de tal processo foi a transferência da prefeitura para a região de Bento Fereira, assim como os primeiros empreendimentos imobiliários na região do Novo Arrabalde. Assim, de forma retardada os planos de Moniz Freire começaram a se concretizar nas décadas de 80 e 90 do século XX.



Fig.21. Parque após reforma de 2001. Fonte <http://de**olho**nailha-**vix**.blogspot.com>

Em 2001, o parque passou por uma 3ª intervenção que visava remodelar o Moscoso, tendo em vistas as características originais de 1912. O muro foi substituído por grades, os traçados dos caminhos e as fontes, voltaram aos locais originais e vários outros pequenos detalhes foram recuperando posições ou características que anteriormente haviam feito a fama do parque. Da mesma forma, não haveria mais cobrança de ingressos, como igualmente foram retirados boa parte dos brinquedos eletrônicos. (Fig. 21)

Se no início do século XX, o Parque Moscoso foi visto como símbolo da modernidade capixaba, tentativa de mimetizar a Belle Époque das civilização francesa, o seu percurso ao longo do século XX possibilitou novas simbologias e diversos usos sociais. Indo do incremento das possibilidades educativas e culturais da década de 50, passando pelo período parque de diversões, chegando ao “retorno às origens” dos

primeiros anos do século XX, o Moscoso, ainda é lócus relevante da experiência histórica da sociedade capixaba. Neste sentido, as intervenções realizadas, e suas correlatas alterações, são índices deste processo de entrelaçamento entre o parque e as correlações de forças intrínsecas ao processo sócio-histórico. Neste sentido, a historicidade do parque possibilita, não só uma reflexão histórica *grosso modo*, mas é potencializadora de uma sensibilidade sobre o *vir a ser* do Parque. Mais do que um *Espaço*, área com árvores, alamedas, fontes e monumentos, o Moscoso é um *Lugar,* com vívidos processo de socialização, com memórias individuais e coletivas que ainda são fomentadas e com a clara função de possibilitar uma alteridade do vai e vêm das avenidas do entorno.

É para esta tensão entre o parque e sua historicidade, que as ações do CEA devem se voltar. A história não pode ser um adereço ou um saber voltado para a simples erudição, deve sim, reconhecer os diversos projetos sociais que no passado, e no presente, entrelaçam-se com a existência do Moscoso. Assim, o papel de um Centro de Educação Ambiental, em um lugar com a riqueza histórica e ambiental do Moscoso, é produzir uma reflexão dialógica da sua atuação dentro das diversas correlações de foças atuantes, tendo em vista, principalmente, os princípios e fundamentos éticos e normativos da Educação Ambiental. Logo, é a experiência histórica materializada no Moscoso, que permite a produção de novas expectativas sobre seus anos vindouros.

9 CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO DO CEA MOSCOSO

O Centro de Educação Ambiental do Parque Moscoso está localizado no bairro Centro e atua de *forma direta* nos bairros Parque Moscoso, em parte do bairro Centro (especificamente a região da Cidade Alta), e nos bairros da Vila Rubim e Santa Clara. De *forma indireta* o CEA atua nos bairros da Ilha do Princípe, Mario Cypreste, Morro do Quadro, Caratoíra e morro do Cabral. (Map.2)

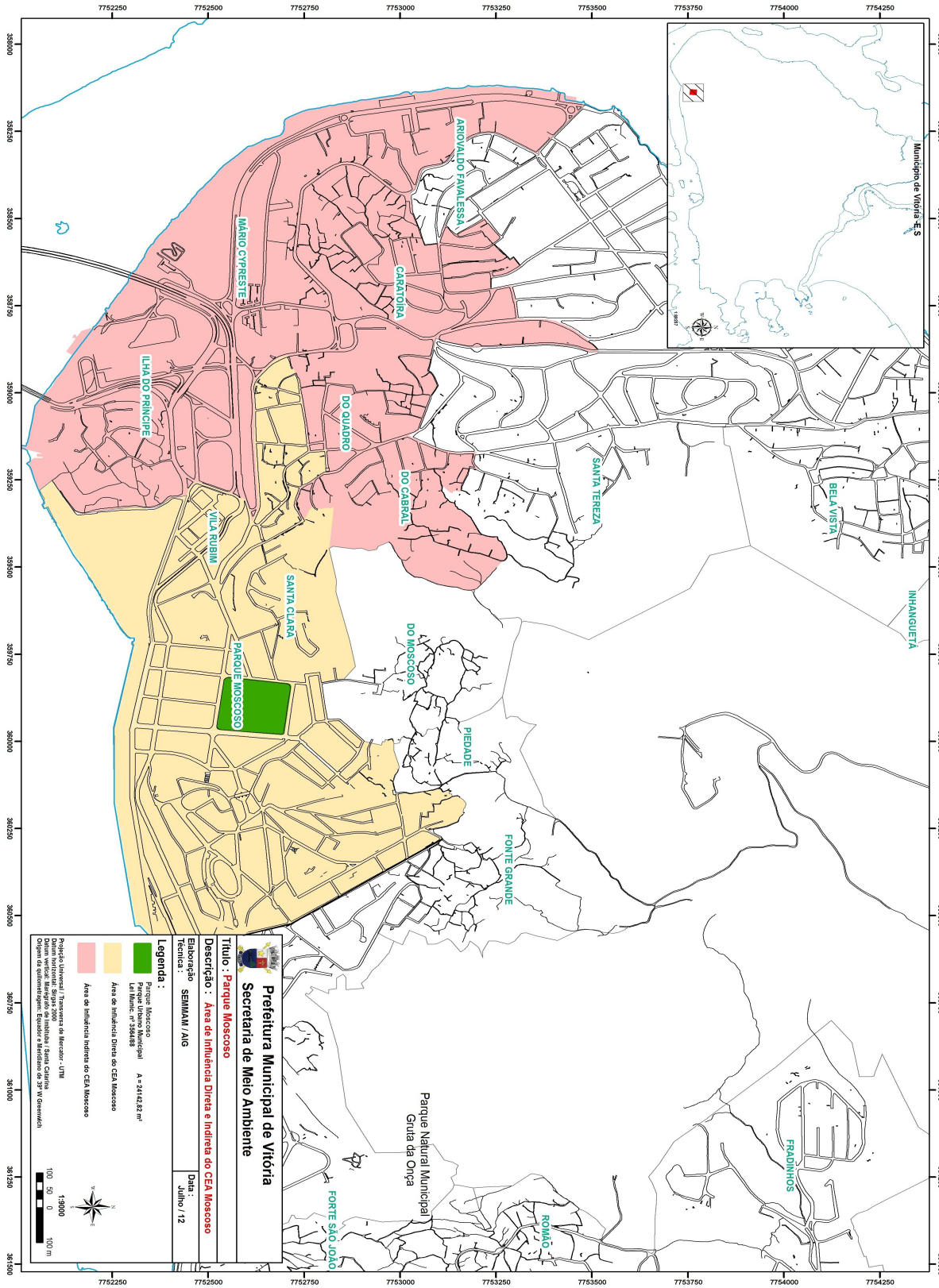
A região foi delimitada pela Coordenação da educação ambiental e sancionada em reunião com os técnicos atuantes no CEA Moscoso. De forma geral tal divisão visa estabelecer áreas de atuação prioritária e fortalecer a relação do CEA com as regiões que o cercam diretamente. Para potencializar a atuação do CEA nestas áreas foi realizada uma pesquisa diagnóstico que possibilitou um processo de escuta e avaliação das demandas das instituições que atuam em área similar ao CEA. Tal pesquisa e a avaliação dos dados recolhidos são abordados mais a frente neste PPP.

Deve-se atentar para uma tentativa mais geral e totalizante de caracterizar a área de atuação do CEA Moscoso, a saber, a análise de dados históricos, demográficos e geográficos disponíveis sobre os bairros englobados sobre área de influência deste centro.

9.1 HISTÓRIA DOS BAIRROS

Os bairros supracitados são, em sua maioria, parte de uma região ocupada historicamente desde os primeiros séculos da colonização portuguesa. Obviamente, a denominação e delimitação espacial atual vieram, no geral, a posteriori, no entanto pode-se afirmar que a atuação do CEA se dá, tanto em bairros históricos como Vila Rubim e Centro, como em bairros recentes, frutos dos projetos de aterramento da década de 70 como Mario Cypreste. (PMV,2012)

Tais diferenças de temporalidades, nas ocupações da região de atuação, podem ser importantes ferramentas pedagógicas e reflexivas de atuação do CEA, haja vista que, neste processo, o conhecimento das distintas causas, formas, e modos de ocupação do homem com o ambiente, seja no passado quanto no presente, podem possibilitar importantes espaços para uma *práxis* emancipadora. No geral e assinalando a necessidade de aprofundamentos futuros, pode-se destacar em seu desenvolvimento histórico as seguintes características dos bairros elencados:



Mapa 2. Áreas de Influência do CEA Moscoso

9.1.1. Área de Influência Direta

Parque Moscoso: O bairro, como visto no texto sobre a história do Parque, surge dos processos de aterramento na área conhecida como Lapa do Mangal. Como visto, o crescimento do bairro esteve diretamente relacionado ao Parque. Este bairro, em especial, está explicitamente diretamente atrelado ao CEA e as linhas de ação propostas neste PPP, do mesmo modo, sua história foi contemplada pelo histórico do parque.

Centro: O centro da cidade foi o *lócus* de ocupação mais antigo e duradouro da cidade de Vitória. Destaca-se que a região popularmente conhecida como Cidade Alta está sobre influência direta do CEA. Entre as construções históricas de destaque encontram-se o Palácio Anchieta (antigo colégio de São Tiago), a igreja de Santa Luzia, o colégio do Carmo, o convento de São Francisco, a igreja São Gonçalo, a Catedral Metropolitana, entre outras. Tal conjunto arquitetônico mostra-se uma possibilidade de trabalho com ações de valorização do patrimônio histórico. Historicamente a região também se caracterizou pela existência de várias instâncias burocráticas e administrativas nas três esferas do poder, ou seja, federal, estadual e municipal. Isto significou e ainda significa a existência de Tribunais, do palácio do Governo Estadual e Municipal (funcionou até a década de 70 na praça Ubaldo Ramalhete), de secretárias de Estado e do município, entre outras.

A Cidade Alta, além do exposto, possui uma infinidade de acontecimentos e eventos que foram eternizados tanto por cronistas, quanto por relatos oficiais. Exemplares são os feitos de Maria Ortiz no século XVII ou as disputas entre as irmandades dos peroás e dos caramurus. Como um dos campos de atuação do CEA é a construção de uma nova sensibilidade sobre o lugar que as pessoas ocupam tal riqueza de camadas históricas sobre o mesmo espaço, são importantes vetores para tal trabalho.

Vila Rubim: o bairro da Vila Rubim era conhecido como cidade de palha no séc. XIX consequência direta dos inúmeros barracos existentes na região. É

oficialmente chamada de Vila Rubim somente no início do século XIX em homenagem a Francisco Alberto Rubim que governou a província do Espírito Santo entre 1812 e 1819. A região caracterizou-se como região de passagem de ligação entre Vitória e o continente. Assim, muitos dos primeiros moradores trabalhavam em serviços relacionados diretamente a esta atividade. Deve-se destacar que importantes transformações ocorreram na região, com a construção do porto de Vitória e da ponte Florentino Ávidos (parte dela é atual ponte seca, aterrada na década de 70).

Outra característica histórica relevante deste bairro relaciona-se ao mercado da Vila Rubim, criado na década de 40 do século XX. Desde então, boa parte dos relatos e caracterizações feitas sobre o bairro tinham como núcleo central a existência do mercado e da sua agitada vida diurna e noturna. Deste modo, pode-se indicar que o CEA deva atentar para o desenvolvimento de ações que visem potencializar a correta destinação de resíduos produzidos nos inúmeros estabelecimentos comerciais da região

Santa Clara: O nome do bairro viria dos franciscanos, que habitavam o convento de São Francisco na Cidade Alta, e que, de lá, avistavam um morro menor que foi denominado Santa Clara em homenagem a santa de mesmo nome. A ocupação efetiva começou na primeira tentativa de instalação, no morro, de um reservatório de água. Tal empreitada iniciada no fim do século XIX só obteve sucesso no início do século XX, no governo de Jerônimo Monteiro. Muitos trabalhadores engajados nestas obas, acabaram por escolher esta região para morar. A água encanada proveniente deste reservatório foi a primeira a abastecer a cidade. Neste evento, em particular , a atuação do CEA pode-se se debruçar para o aguçamento da sensibilidade dos munícipes para os diversos usos e práticas atreladas aos recursos hídricos em Vitória. É atrelado a este tema, presente no parque, por exemplo, pela história da fonte dos cavalos, que podem-se elaborar ações e atividades.

Outro destaque na história de Santa Clara é a existência do antigo palácio de descanso dos governadores, construído no governo Nestor Gomes (1920-1924). Posteriormente, ao longo do século XX o palacete serviu também como orfanato,

de nome Santa Luzia, como hospital, de doenças sexualmente transmissíveis, e, nos fundos, abrigou a escola Maria Ericinia. Ao fim da década de 70 do séc. XX o palacete estava completamente abandonado, sendo tombado pelo Conselho Estadual de Cultura em 1985. Como em outros casos tal elemento se mostra um importante vetor para o desenvolvimento de ações voltadas para a educação patrimonial e a sensibilidade histórica.

9.1.2. Área de influência indireta

Ilha do Príncipe: O nome do bairro remontaria a uma possível propriedade de D.Pdero II sobre a ilha, tal fato nunca foi comprovado. Os primeiros barracos e palhoças remontam ao início do séc. XX. Contudo, é com o projeto de construção da ponte Florentino Ávidos na década de 20 que a região é efetivamente ocupada, especialmente por operários desta obra. Ao longo do seu desenvolvimento a ilha do príncipe se caracterizou como bairro de moradias simples, muitas delas de estuque. Contra tais condições e visando uma mudança no perfil do bairro, é que durante o governo do interventor João Punaro Bley (1930-1942) foram proibidas construções de estuque, madeira e palha. Tais medidas geraram conflitos e tensões sociais.

A região perdeu suas características de ilha com os aterramentos da década de 60 e 70. Neste período, é planejada e posteriormente construída a rodoviária de Vitória. Assim, a ilha do Príncipe é um exemplo de uma característica essencial da ilha de Vitória, a saber, a sua expansão sobre áreas do mar, alagadas e de mangue.

Mário Cypreste: O bairro surge como consequência direta dos aterros realizados pela Companhia de Melhoramento e Desenvolvimento Urbano S.A (COMDUSA) na década de 60 e 70. A ideia inicial era que servisse aos interesses do porto de Vitória, e que tivesse alguns dos seus terrenos vendidos a iniciativa privada. Na década de 80 um novo aterro expande a área ocupada até o porto do hidroavião. Neste período são construídos o Parque Tancredo Neves (Tancredão) e o sambódromo (Sambão do Povo). O nome do bairro veio de uma homenagem ao

vereador Mário Cypreste oficializada em lei em 1987.

Do Quadro: O morro do Quadro surgiu de um loteamento realizado em 1964, da propriedade de Manoel Rozindo. Ocupa um área que era antigamente associada ao bairro de Santa Tereza e Caratoíra. O nome provém de uma praça existente no bairro, “o quadro”, que popularmente se tornou a forma de se nomar o local.

Caratoíra: A ocupação da área deve-se aos trabalhadores do porto que a partir da década de 20 do séc. XX, passaram a ocupar a região. O nome, de origem indígena, significa montes altos. Ao longo da sua história o bairro dividiu-se em duas parte uma baixa e outra alta com respectivas associações de moradores. Destaca-se também a existência no bairro da escola de samba Novo Império.

Do Cabral: Ocupação mais recente, remonta a década de 70 do último século, o Cabral tem seu surgimento atrelado a imigrantes mineiros que ali se estabeleceram. Uma das primeiras formas de denominar o lugar, Vila Mineira, provém de tal fato. Neste período, segundo o dito popular, as prefeituras mineiras, de cidades atendidas pela linha de ferro Vitória-Minas, davam passagens só de ida para Vitória, justificando tal fato, com o crescimento provocado pelos grandes projetos instalados na capital do Espírito Santo.

9.2 DADOS DEMOGRÁFICOS, ECONÔMICOS E GEOGRÁFICOS

Na primeira parte desta caracterização, das áreas de influência do CEA Moscoso, buscou-se definir o percurso histórico de cada bairro, e, na medida do possível, explicitar possíveis potencialidades presentes nestas regiões. Nesta segunda parte, a análise recai na dimensão sincrônica das áreas de influência. Isto significa trabalhar com dados mais recentes ou que tendam a invariabilidade, que tenham na análise estrutural a base de inteligibilidade dos bairros sobre influência do CEA.

Uma base respeitável de dados utilizados são originários do CENSO 2010 disponíveis no site Vitória em Dados ou no próprio sítio do IBGE[14]. Assim, sobre a área de influência direta e indireta podem-se elencar as seguintes considerações:

14 Ver os sites <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/home.asp> ou <http://www.ibge.gov.br/home/>

1) Um primeiro dado interessante é o número de habitantes da região abrangida, direta e indiretamente, pelo CEA Moscoso. Na área de influência direta têm-se um total de 14 mil 649 pessoas, enquanto na indireta 13mil 571 moradores. Totalizando, em todo o território de influência, 28 mil 220 munícipes. Analisando-se tais números pode-se perceber as dificuldades e desafios que o CEA Moscoso têm no desenvolvimento de atividades que contemplem, de forma proporcionalmente significativa, os habitantes do entorno[15]. Nota-se também o número diminuto de técnicos para o atendimento proporcional deste território.(Tabela 1)

2) A renda média dos bairros, pertencentes a área de influência, apresenta dados importantes para a compreensão do contexto socioeconômico dos munícipes atendidos pela atuação do CEA. No CENSO 2010 foi definido como renda média da cidade de Vitória a quantia de R$ 1.661, 99. Na Tabela 1 pode-se perceber que dos bairro diretamente atendidos pelo CEA três (3) tem renda média igual ou superior (Parque Moscoso, Centro e Santa Clara), e um (1) fica abaixo dos dados gerais para o município (Vila Rubim). Deveras interessante é o resultado para os bairros de influência indireta, todos, sem exceção, ficam abaixo da média municipal, sendo que nenhum deles alcança nem a metade do valor médio. Pode-se concluir que as ações de EA do CEA Moscoso não podem fechar os olhos as condições reais de existência dos seres humanos, que ela visa atingir. Não se pode fazer um tipo de educação ambiental pontual, voltada somente para resultados estatísticos, descontextualizada de outras ações do poder público ou da sociedade civil. Assim, o CEA não pode se voltar unicamente para si, ou para pretensas metas que extirpem o fator humanidade da relação com o ambiente. É de encontro com esta problemática, e visando empoderar os sujeitos de um olhar mais apurado sobre a sua condição, que o CEA, junto com a GEA, desenvolve o projeto Comunidades Conscientes (Ver ANEXO F). Além disso, o próprio CEA pode, junto com outros aparelhos públicos, colaborar com o processos de inclusão social e promoção da cidadania.

15 Como já definido os número correspondentes do bairro Centro devem ser matizados, já que a área de atuação do CEA está atrelada a região da Cidade Alta e ruas adjacentes. Isto não significa descartar completamente os dados deste território, já que esta região concentra muitas casas e prédios residenciais.

Tabela 1- Número de Habitantes e Renda Média da Área de Influência do CEA Moscoso

	Bairros	Nº habitantes	Renda Média (R$)
Influência Direta	Parque Moscoso	1.773	1.754,79
	Centro *	9.838	1.791,15
	Vila Rubim	1.430	897, 74
	Santa Clara	1.608	1.661,99
Influência Indireta	Ilha do Príncipe	2.613	623,21
	Mário Cypreste	3.145	598, 36
	Do Quadro	1.041	512,51
	Caratoíra	5.149	551,45
	Do Cabral	1.623	563,10

Fonte: Censo 2010. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/home.asp>

Total de Habitantes: Área de Influência Direta: 14.649
Área de Influência Indireta: 13.571
Total Geral da área de Influência: 28.220

3) A divisão por gênero, dos habitantes do território, pode ser de grande valia para a apreensão das diferentes sensibilidades masculino/feminino e desta forma potencializar as ações do CEA, quando tal distinção se fizer necessária para o desenvolvimento da EA. Percebe-se, no território de influência, como um todo, que há uma maioria das mulheres sobre os homens.

Tabela 2- Número de Habitantes Homem/Mulher nas Áreas de Influência

	Bairros	Homens	Mulheres
Influência Direta	Parque Moscoso	791	982

* O bairro Centro tem seus dados totais, contemplando assim toda a sua extensão territorial. Contudo, para efeito de abrangência do CEA, deve-se levar em consideração somente a região da Cidade Alta. A outra parte do bairro Centro está inserida sobre área de influência indireta do CEA Gruta da Onça.Ver Mapa 2.

	Centro	4.416	5.422
	Vila Rubim	667	763
	Santa Clara	761	841
Influência Indireta	Ilha do Príncipe	1.194	1.419
	Mário Cypreste	561	584
	Do Quadro	488	553
	Caratoíra	2.370	2.779
	Do Cabral	779	844

Fonte: PMV. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/indicadores /iqu/regiao.asp>

Total de Habitantes homens: Área de influência direta: 6.635
Área de Influência Indireta: 5.725
Total Geral da área de Influência: 12.027

Total de Habitantes mulheres: Área de influência direta**:**8.008
Área de influência indireta:6179
Total Geral da área de influência: 14.187

4) A prefeitura de Vitória utiliza um índice para medir e comparar o desenvolvimento de bairros e regiões da cidade no que tange à habitação, saneamento, meio ambiente, moradia, educação, entre outros indicadores. O Índice de Desenvolvimento Urbano (IQU) é produzido através dos dados dos Censos realizados pelo IBGE e funciona por uma escala que vai de 0 (zero), pior desenvolvimento, a 1 (um), alto desenvolvimento do bairro. Além disso, os bairros são classificados e ranqueados segundo tal índice[16]. Na primeira tabela (Tabela 3) aparecem os bairros da região diretamente atendida pelo CEA. O bairro do Parque Moscoso tem melhor índice entre todos os bairros da região de influência, seja direta ou indiretamente. No geral, percebe-se uma posição muito boa dos bairros de influência direta no ranking, sendo que três deles estão entre os 20 melhores da cidade.

16 Os dados utilizados são originados do Censo de 1991 e 2000. Espera-se que um novo índice sai no ano de 2013 contemplando as atualizações estatísticas provenientes do Censo 2010.

Tabela 3- Índice de Desenvolvimento Urbano (IQU)- Área de Influência Direta.

Bairro	IQU	Ranking
Parque Moscoso	0,74	11
Centro	0,73	14
Santa Clara	0,68	18
Vila Rubim	0,58	29

Fonte: PMV. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/indicadores /iqu/regiao.asp>

Entre os bairros da área de influência indireta os dados não são tão positivos (Tabela 4). O melhor ranqueado é o bairro do morro do Quadro com a 40º posição, a partir daí os outros oscilam até 0 50º lugar, exceção ao bairro do morro do Cabral que está na 66º posição. O IQU aparece como um indicador mais completo que os dados referentes a renda média, já que inclui outras questões relacionadas a qualidade de vida dos munícipes.

Partindo desta constatação, reforça-se a necessidade de se ter um olhar mais amplo, que vá além do simples preservacionismo, ou do "comsumismo consciente" apregoado por certos setores da sociedade capitalista. Assim, o CEA deve servir como um espaço de tensão dentro da própria estrutura institucional da prefeitura para que esta, nas suas várias instâncias, câmaras territoriais, por exemplo, ou secretárias, não deixe de lado a intricada relação estabelecida entre as comunidades, seus problemas e o meio ambiente.

Tabela 4- Índice de Desenvolvimento Urbano (IQU)- Área de Influência Indireta.

Bairro	IQU	Ranking
Do Quadro	0,52	40
Ilha do Príncipe	0,51	43
Mário Cypreste	0,49	47
Caratoíra	0,48	50
Do Cabral	0,42	66

Fonte: PMV. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/indicadores /iqu/regiao.asp>

5) Na área de influência do CEA uma informação relevante são os números relativos a alfabetização da população do entorno. A maior parte dos bairros apresenta índices de alfabetização acima dos 93% o que permite conceber ações e atividades que tenham como uma de suas prerrogativas o domínio sobre a leitura e a escrita. Obviamente, estes

dados não podem mascarar o possível analfabetismo funcional que muitos dos alfabetizados possuem.

Tabela 5– Dados sobre alfabetização na área de influência do CEA Moscoso

	Bairros	**Pessoas de 10 anos ou mais de idade, alfabetizadas (Pessoas)**	**Taxa de alfabetização das pessoas de 10 ou manos ou mais de idade (percentual)**
Influência Direta	Parque Moscoso	1.607	98,83
	Centro	8.950	98,88
	Vila Rubim	1.240	97,25
	Santa Clara	1.377	97,73
Influência Indireta	Ilha do Príncipe	2.196	96,36
	Mário Cypreste	999	97,46
	Do Quadro	892	97,91
	Caratoíra	4.256	96,40
	Do Cabral	1.275	93,89

Fonte- Censo 2010. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/Censo_201 0/DadosUni verso/bairro/universobairroeduca.asp>

A análise das condicionantes socioeconômicas, que compõe a região de influência do parque, permitem uma apreensão mais próxima desta realidade, assim como ancora as linhas de ações, em curso ou que futuramente serão desenvolvidas. Contudo, o diagnostico não se restringe a este escopo mais amplo, deve-se ter em vista a dimensão mais próxima daqueles que habitam ou atuam nos bairros sobre influência do CEA Moscoso. A trabalho de escuta visa perceber as ações realizadas, de forma processual ou pontual, as redes existentes entre os diversos atores públicos na região, as demandas e querelas que nortearão projetos ou intervenções do CEA ou outras instituições.

9.3 PESQUISA DIAGNÓSTICO

A elaboração do Projeto Político Pedagógico é um momento de provocação onde são sistematizadas as reflexões, surgidas da ação concreta do CEA, além de um balanço dos referenciais teóricos e conceituais que permeiam as práticas de EA do CEA Moscoso.

Neste momento de elaboração do PPP, é fundamental construir uma *práxis* que parta de um olhar local, isto é, que reconheça as especificidades do lugar tanto para as reflexões teóricas quanto para a ação. Neste processo, é fundamental superar o imediatismo e os "achismos" que dificultam a implementação de uma EA capaz de superar os desafios que se apresentam a ela. Deve-se pensar que "[...] a transformação é possível porque a consciência não é um espelho da realidade, simples reflexo, mas *é reflexiva e refletora* da realidade" (FREIRE e SHOR, 1986, pág. 25)

Para que seja possível uma organização de ideias e uma aproximação aos níveis das realidades locais enquanto potencial de ação em EA, deve-se perceber o porquê do trabalho de construção de um PPP.

O compromisso da Educação Ambiental, inserida no contexto da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Vitória, ancora-se na institucionalização de ações que visam a formação de valores, conhecimentos e atitudes comprometidos com a construção de sociedades sustentáveis, princípios esses defendidos e apregoados no *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global* (1992).

Assim, a construção de um PPP que reflita tal perspectiva nos orienta para um caminho diferente do adotado anteriormente pela GEA, onde, tradicionalmente, as ações se pautavam em acompanhar projetos de EA nas escolas da rede municipal de Vitória e, esporadicamente, para além do ambiente escolar.

Construir uma sociedade sustentável requer que todos os seus seguimentos possam contribuir para este processo. Ao refletir sobre o papel dos Centros de Educação Ambiental, enquanto espaços responsáveis pela capilarização da EA no município, percebemos a necessidade de potencializar outros seguimentos da sociedade. As comunidades do entorno dos CEAs são constituídas por múltiplos seguimentos e múltiplas interligações como por exemplo: Unidades de Saúde, Cajuns, Associação de moradores, igrejas, ONGs e outros. O entendimento de comunidades adotado neste PPP encontra-se no mapa mental[17] a seguir:

17 Segundo Buzan (2009, p. 09) "os mapas mentais são um método de armazenar, organizar e priorizar informações

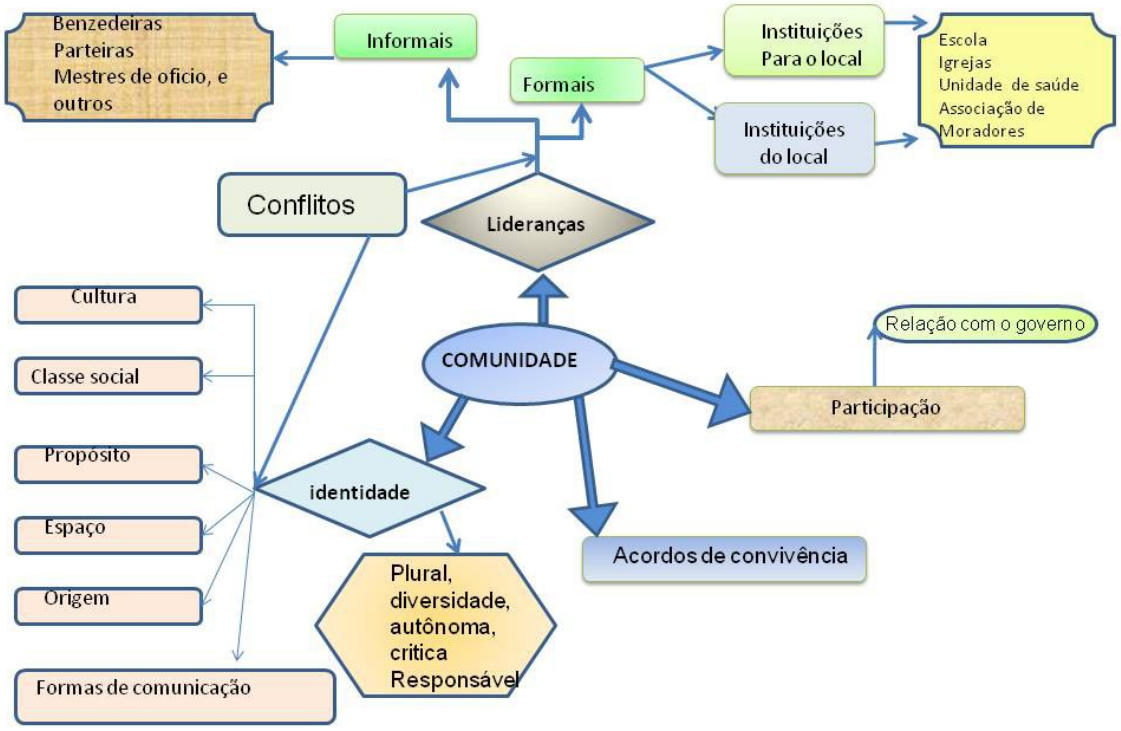


Fig. 22- Mapa Mental. Ramires colocar bibliografia

A intenção é a de ampliar nosso campo de atuação estendendo nosso trabalho para as comunidades do entorno, integrando seguimentos, atores sociais e seus atributos. A interação com todos esses elementos baseia-se no entendimento de uma Educação Ambiental participativa/coletiva, que prevê ações articuladas, sem as quais não se pode garantir o avanço no tratamento das urgentes e emergentes questões ambientais.

A Definição do Entorno dos CEAs

Os CEAs de Vitória foram criados a partir da necessidade de uma gestão descentralizada da educação ambiental, como estratégia de capilarização da atuação da SEMMAM/GEA em todas as regiões do município.

A definição do entorno dos CEAs demandou um trabalho sistematizado de coleta de dados e análise de informações. Constituiu um planejamento estratégico para enraizar

(em geral no papel), usando Palavras-chaves e Imagens-chave, que desencadeiam lembranças específicas e estimulam novas reflexões e idéias".

a EA em áreas que antes não eram alcançadas ou definidas como prioridade.

Como visto mais acima, para potencializar as ações do CEA Moscoso, foram definidas áreas de atuação como de influência direta e influência indireta. Na área de influência direta estão os bairros Parque Moscoso, Centro (parte), Vila Rubim e Santa Clara, onde, inicialmente, serão implementados processos de EA continuada. A área de influência indireta é formada pelo bairro Do Cabral, Do Quadro, a ilha do Príncipe, Mário Cypreste e Caratoíra, bairros que estão próximos à área de influência direta. Na primeira área, os processos serão dinamizados de forma que a EA ambiental se torne parte integrante do cotidiano da comunidade com ações permanentes com proposta de se criar multiplicadores de ações ambientais. Na segunda área, o CEA apoiará iniciativas já existentes, realizando ações pontuais e de acompanhamento; quando as condições se apresentarem favoráveis, passa-se a um nível de complexidade maior, desenvolvendo também ações de EA de forma continuada

9.3.1 Aproximação do Território

O conceito de comunidade é amplo e polissêmico, como mostra o mapa mental anteriormente exposto, e deve ser constituído à longo prazo. A tarefa inicial, foi a de criar um instrumento de pesquisa que desse um “norte” para balizar as ações desejadas.

Definiu-se como público inicial as lideranças formais estabelecidas no território, buscando identificar se realizavam ações de cunho ambiental e/ou de educação ambiental. A criação de um instrumento de pesquisa fez-se necessário e, funcionou como um catalizador de possíveis parcerias e ações que contemplem a proposta de uma EA capilarizadora que está para além do CEA. Ressalte-se que pela abrangência do território do CEA Moscoso adotou-se uma análise por amostragem, visando contemplar os diversos segmentos institucionais do território.

A metodologia utilizada no instrumento, foi a entrevista semi-estruturada que possibilita uma aproximação empática e dialógica com o entrevistado iniciando, dessa maneira, o processo de interação (Anexo G).

As lideranças formais entrevistadas são identificadas no quadro abaixo

Instituição	Localização	Contato (tel.) DDD 027
EMEF São Vicente de Paulo	Pc Irmã Josepha Hozanah - Centro, Vitória - ES, 29015-560	3223-4271
Casa de Acolhida	Parque Moscoso	3322-9128
Instituto Goia	Rua Nestor Gomes, 244 – Centro Vitória - ES, 29015-150	3322-6418
Conselho Tutelar Região Centro de Vitória	Avenida Marcos de Azevedo, 334, Parque Moscoso	3132-7058
TELECENTRO	Dentro das dependências do Parque Moscoso	3203-3139
Centro Educacional Dom Fernando	Rua Dom Fernando, 178, Centro- Vitória- ES, 29015-510	3223-4178
Escola de Ciência e Física	Rua José Anchieta Vitória - ES, 29020-590	3233-3556
Colégio Agostiniano	R Thiers Veloso, 125 – Centro Vitória - ES, 29015-670	3336-4163
Escola Maria Ortiz	Rua Francisco Araújo, S/N - Centro, Vitória - ES, 29015-090	3222-0409
Centro de Convivência da 3ª Idade- Centro	Rua Coronel Monjardim, 147 Centro, Vitória-ES	3381-3416
CMEI Ernestina Pessoa	Rua Loren Reno, 115 Do Moscoso -Vitória-ES	3222-1792
CRAS Centro	Rua Loren Reno, 115 Do Moscoso -Vitória-ES	3132-8074

As entrevistas geraram uma quantidade significativa de dados que são apresentados neste PPP através de gráficos e informações qualitativas que colaboram no processo de apreensão do entorno do CEA Moscoso (APÊNDICE A).

Público atendido

A aferição do público atendido, no universo das instituições entrevistadas, foi conhecido por meio de uma divisão preestabelecida entre três segmentos: *Crianças- 0 a 12 anos, Adolescentes- 13 a 18 anos, Adultos- 19 anos ou mais*. Era possível que uma instituição marcasse mais de um destes públicos. Assim, após a pesquisa, obteve-se o total de 24 marcações afirmativas dentro de um ou mais segmentos de idade. Sendo que 39% deste universo são de atendimentos a adolescentes, 35% a crianças e 26% para adultos.

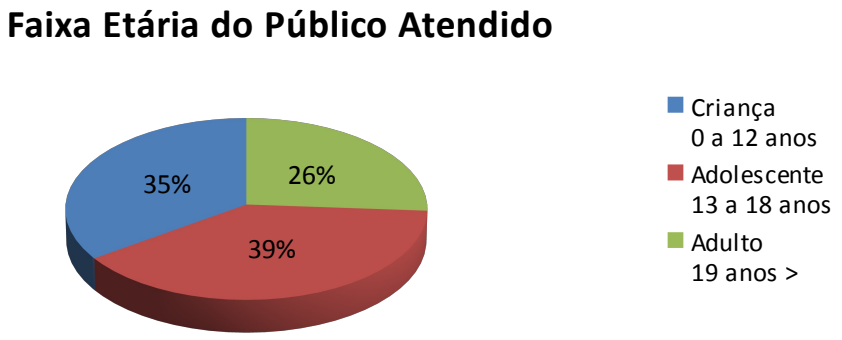


Gráfico 1- Faixa etária de público atendido

Deste modo, o que se percebe é uma abrangência do segmento infanto-juvenil, criança e adolescentes, nas ações e atividades do universo dos entrevistados. Um fator que contribuiu para tal resultado é a participação, na amostra, de instituições de educação formal (CMEI's,EMEF's) e educação não-formal (CRAS, Instituto GOIA) que voltam-se para o atendimento desta faixa etária.

Atividades desenvolvidas

No que tange as atividades desenvolvidas, constata-se uma relação de proximidade entre o percentual dos diversos tipos de ações. Como apresentado no Gráfico 2, as atividades ambientais e as atividades esportivas e recreativas, tem a mesma representatividade (26%), as atividades lúdicas educativas vem um pouco atrás com 21 %, já as atividades culturais são realizadas em 16 % do total das atividades do universo amostral. Por fim, 11% do total de atividades tem características outras como a aplicabilidade da ciência, no caso da Escola de Ciência e Física.

Um fator importante na análise dos dados deste gráfico é ter ciência que uma

instituição poderia responder como responsável por mais de uma atividade, consequentemente os dados se referem as atividades mais representativas em todo o universo da coleta.

No geral, pode-se perceber uma valorização da ação educativa por parte das instituições entrevistadas, e a clara possibilidade de produção de parcerias com o CEA Moscoso.

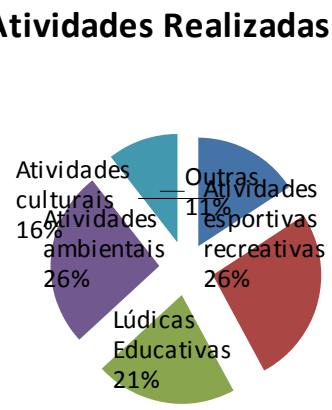


Gráfico 2- Atividades Realizadas

Percentual que realizam atividades de cunho ambiental

No universo das instituições entrevistadas, 92% afirmam desenvolver atividades de cunho ambiental (Gráfico 3). Os números podem ser encarados como auspiciosos para ação do CEA na região do seu entorno, todavia deve-se ter clareza que nem todas as instituições desenvolvem trabalhos processuais na área ambiental, muitas delas, em especial CMEIs e EMEFs, fiam-se em projetos pontuais e sazonais. Além disso, não clareza sobre o que são ações voltadas para o meio ambiente, já que existe muita confusão conceitual e teórica nos atores sociais entrevistados.

Instituições do entorno que realizam ativdade voltadas para questões ambientais

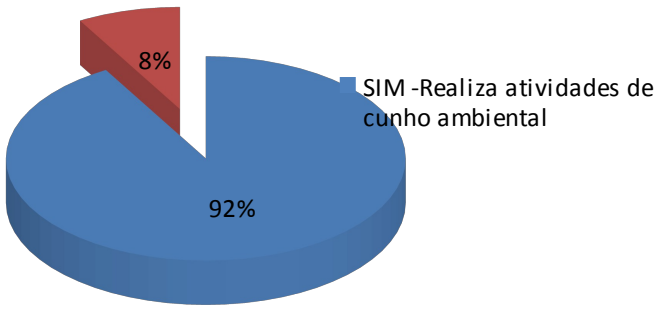


Gráfico 3- Instituições do entorno que realizam ações de cunho ambiental

Natureza das ações realizadas

A natureza das ações de cunho ambiental realizadas pelas instituições foram preestabelecidas em 4 possíveis áreas: *Depredação do Patrimônio, Consumo Consciente, Deposição de Resíduos, Questões de Cidadania.* Além disso, deu-se oportunidade, através do quesito *Outros,* de escuta sobre outras atividades realizadas pelas instituições. Como era possível que mais de um destes quesitos fossem marcados, assim como nenhum deles poderia ser contemplado, alcançou-se um total de 26 marcações afirmativas em relação a estes quesitos preestabelecidos. No total, ficou assim dividida a representatividade de cada ação.

Tipo de atividades ambientais realizadas

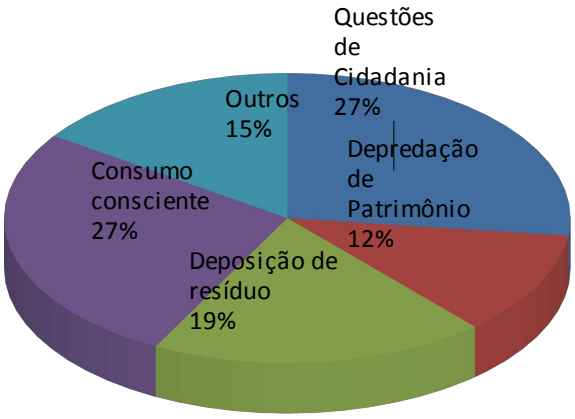


Gráfico 4- Tipos de atividades realizadas

Questões de Cidadania e Consumo Consciente tiveram 27% do total de respostas

afirmativas para os quesitos apresentados. Menos representativo ficaram áreas como Deposição de Resíduos e Depredação de Patrimônio com 19% e 12% respectivamente. No total de respostas, 15% apresentaram outras atividades ambientais que não estavam contempladas nos quesitos preestabelecidos. Como exemplo tem-se, exposições com temas ambientais, visita a feira de produtos sem agrotóxicos, caminhadas pelo centro da cidade, entre outros.

Um dos questionamentos mais relevantes da pesquisa era “Quais questões sociais e ambientais poderiam ser inseridas nas atividades já desenvolvidas pelas instituições?” haja vista que abria-se um canal de escuta do CEA com atores importantes do território. Como respostas mais representativas podemos afirmar que as questões ligadas a resíduos, e em seguida ligadas a consumo consciente foram as mais relevantes. Tais demandas passam a ser norteadoras da ação do CEA, assim como da GEA, no sentido de produzir ações educativas voltadas para tais temáticas. Atualmente, o projeto de Oficinas de Reaproveitamento (APÊNDICE C) tem como uma de suas finalidades sensibilizar os participantes para modos mais sustentáveis de consumo, assim como uma reflexão sobre o pós-consumo.

As instituições pesquisadas têm, em 73% dos casos, parceiros para o desenvolvimentos de suas atividades. Do mesmo modo, todas se mostraram favoráveis ao estabelecimento de parceria com o CEA para a elaboração e implementação de ações futuras.

10 LINHAS DE AÇÃO

O CEA Moscoso elaborou suas linhas de ação tendo em vistas diversos referenciais e elementos norteadores, entre eles: a legislação específica relacionada a EA, o PROGEA, os pressupostos teóricos e metodológicos da EA e da atuação do CEA, as características do entorno onde o CEA Moscoso atua e as demandas e necessidades percebidas no diagnóstico.

São parte integrante das ações educativas e do cardápio de atividades do CEA Moscoso as seguintes ações:

10.1 PROJETO DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO AMBIENTAL DO PARQUE MOSCOSO (APÊNDICE B)

O trabalho de reflexão histórico ambiental sobre os diversos elementos que compõem o parque fazem parte de um roteiro de interpretação. Tal processo educativo ocorre a partir de visitas monitoradas agendadas com o CEA e planejadas, em alguns casos, com o demandante. Ela pode ocorrer nos dias de semana no horário comercial, exceção às segundas-feiras, dedicadas a manutenção do parque, e, em casos especiais, nos fins de semana e no horário noturno, desde que planejado e sancionado pela coordenação.

O trabalho de sensibilização pode ser desenvolvido fora do ambiente do parque, em palestras e exposições dialogadas, todavia a visita monitorada ao parque, não pode deixar de ser parte de um momento, dentro deste processo pedagógico. Outra especificidade é que o roteiro tenta, na medida do possível, atender as diferentes faixas etárias, e os diferentes níveis de escolaridade, tendo por princípio a universalidade, uma das prerrogativas da EA.

A visita não consiste unicamente em uma exposição dialogada, contando com outros recursos pedagógicos como uma cartilha educativa (ANEXO H), jogo da memória, em versão de bolso e em formato de *display (*ANEXO I*)*, quebra cabeça (em *display*), exposição fotográfica nas dependências do parque. Boa parte deste material foi desenvolvido para as festividades dos cem anos do Parque Moscoso e passaram a ser usadas para ações dentro do parque. Para maiores aprofundamentos sobre os objetivos, metodologia e avaliação deste roteiro Ver Apêndice .

10.2 COMUNIDADES CONSCIENTES (ANEXO F)

Este curso tem por propósito promover processos de formação em Educação Ambiental que contribuam para a (re)apropriação de valores e de atitudes das comunidades envolvidas. O objetivo é possibilitar o empoderamento dos sujeitos sobre as problemáticas socioambientais com vistas ao desenvolvimento de ações cidadãs cotidianas sustentáveis.

O público-alvo desta atividade são os munícipes que habitam no entorno do parque, ou que, por ventura, mantenham laços de sociabilidade com o mesmo. Deve-se ter idade igual ou superior a 14 anos. O curso de formação é composto por 10 módulos, com aulas teóricas e práticas e consiste em 2 encontros semanais, sendo um à noite (2ª a 6ª feira), com duração de 2 horas, e o outro no sábado, com duração de 4 horas, ou conforme acordado com a comunidade. A carga horária total do curso é de 30 horas/aula.

10.3 OFICINAS DE REAPROVEITAMENTO (APÊNDICE C)

O ritmo de vida de nosso cotidiano nos leva a praticar ações, muitas vezes automatizadas com relação à destinação equivocada de nossos resíduos por conta da escassez de tempo ou até por falta de orientação. Frequentemente, descartamos materiais rotulados como “lixos” pois, fazemos parte da sociedade consumista na qual, esquecendo-nos que tais materiais poderiam estar sendo reaproveitados na confecção de uma nova peça.

As oficinas de reaproveitamento de materiais complementam as ações após a visita monitorada e seu maior objetivo é a assimilação de que novos comportamentos possam fazer parte do cotidiano de todos os participantes.

São utilizados resíduos diversos na confecção de peças que se tornarão objetos reutilizáveis, aumentando, dessa forma,sua vida útil e consequentemente reduzindo, mesmo que em baixa escala, o volume de resíduos descartados indevidamente nas lixeiras.

São oficinas com duração de 40 minutos aproximadamente, que iniciam após as orientações quanto ao destino correto dos resíduos secos em compartimentos adequados para a coleta.

Os resíduos utilizados nas oficinas são as caixas tetrapak de leite/suco, os CD’s inutilizados, papéis, capas de CD, teclas de teclado, disketes, jornais, revistas, retalhos

de tecidos, garrafas pet, entre outros.

A prática da atividade têm resultado em opções possíveis, principalmente com os menos favorecidos, para complementação de renda ou mesmo por *hobbie* em muitas comunidades brasileiras. A sociedade pode e deve participar, capacitando moradores de baixa renda, organizando cooperativas , produzindo a partir de novos olhares, vislumbrando o desenvolvimento sustentável, a dignidade e principalmente, contribuindo para o valorização do meio ambiente como um todo.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. *In*: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e Caminhos:** formação de educadoras(es). Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. pág. 83 – 92.

BRASIL. Lei nº 2356/1910, 31 de dezembro de 1910.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **A implantação da educação Ambiental no Brasil, Brasília-DF**. Coordenação de Educação Ambiental do Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, DF. 1ª ed. 1998.

_____. Ministério da Educação. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. **Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA.** 3ª ed. Brasília: MEC/MMA, 2005, 102p.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA. Resolução Nº 422, de 23 de março de 2010. Estabelece diretrizes para as campanhas, ações e projetos de Educação Ambiental, conforme a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, nº 56, 24 mar., 2010, pág 91.

._____. Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 79, 28 abr., 1999.

_____. **Recomendação Nº 11, de 04 de maio de 2011.** Recomenda diretrizes para implantação, funcionamento e melhoria da organização dos Centros de Educação Ambiental–CEA, e dá outras orientações. Disponível em: http://www.mma.gov.br/port/conama/recomen/recomen11/recom112011.pdf., Acesso em 31/08/12.

BUZAN, Tony. **Mapas mentais.** Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira. **A construção da cidade**: formas de produção imobiliária em Vitória. Vitória: Floricultura editores, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CASAGRANDE, Braz. **Novo Arrabalde**: conservação e ocupação urbana na concepção do projeto de expansão da cidade de Vitória. 2011. 187fl. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

ELTON, Elmo. **Logradouros antigos de Vitória**. 2ª edição. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1986.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Lei nº 9.265, de 15 de julho de 2009.** Institui a Política Estadual de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.meioambiente.es.gov.br/default.asp, acesso em 31/08/12.

FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e Caminhos:** formação de educadoras(es). Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FERREIRA, Gilton Luís. **Um desejo chamado metrópole**: A modernização urbana de Vitória no limiar do século XIX. 2009, 175 fl, Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História- UFES, Vitória, 2009.

FRANCO, Leonor Araújo. **Análise Histórica da evolução urbana do centro de Vitória**. Vitória: Relatório para Secretária de Desenvolvimento da Cidade-SEDEC, 2006.

FREIRE, Paulo; SCHOR, IRA. **MEDO E OUSADIA:** O Cotidiano do Professor. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da liberdade.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 43ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Papel do Planejamento na Construção do Projeto Político Pedagógico da Escola**. São Paulo: Instituto Paulo freire, 1998.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: Rumo à uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GUIMARÃES, Mauro. **A Dimensão Ambiental na Educação**. 2ª ed. São Paulo: Papirus Editora, 1998.

_____. **A formação de educadores ambientais.** 4ª ed. São Paulo: Papirus Editora, 2007a.

_____. **Educação Ambiental:** No consenso um embate? 5ª ed. São Paulo: Papirus Editora, 2007b.

_____. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P. (Org.). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

JACOBI, Pedro. Apresentação. In: TRISTÃO, Martha. **A Educação Ambiental na formação de professores**: redes de saberes. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2004. p. 17-22.

KLUG, Letícia Beccalli. **Vitória**: sítio físico e paisagem. Vitória: EDUFES, 2009.

KOGURE, Linda. **Parque Moscoso**: 100 anos. Vitória: Prefeitura de Vitória, No prelo.

LEFF, Henrique. **Epistemologia Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para que?** São Paulo: Cortez, 1999.
MANUAL DE ORIENTAÇÃO - **Projeto político pedagógico aplicado a centros de educação ambiental e as salas verdes**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília-DF, 2005.
MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Parque Moscoso:** documento de vida. 2ª Ed. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, História dos bairros. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/historia_bairros> . Acesso em 08 de outubro de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE. GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Programa de Educação Ambiental.** Arquivo interno. Vitória: SEMMAM/GEA, 2009, 102p.
ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombro. **A entrevista na pesquisa qualitativa:** mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaro & PIVA, Izabel Maria da Penha. A Santa Casa de Misericórdia de Vitória ação da irmandade no atendimento à pobreza em Vitória ES (1850-1889) In: **Revista Ágora**. Nº 2, Vitória: UFES, p. 1-26.

SUETH, José Cândido Rifan. **Espírito Santo, um Estado "satélite" na primeira república**: de Moniz Freire a Jerônimo Monteiro (1892-1912). 2004, 146fl. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História- UFES, Vitória, 2004.

TONSO, Sandro. Cardápio de aprendizagens. *In*: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e Caminhos:** formação de educadoras(es). Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. P. 47 – 56.

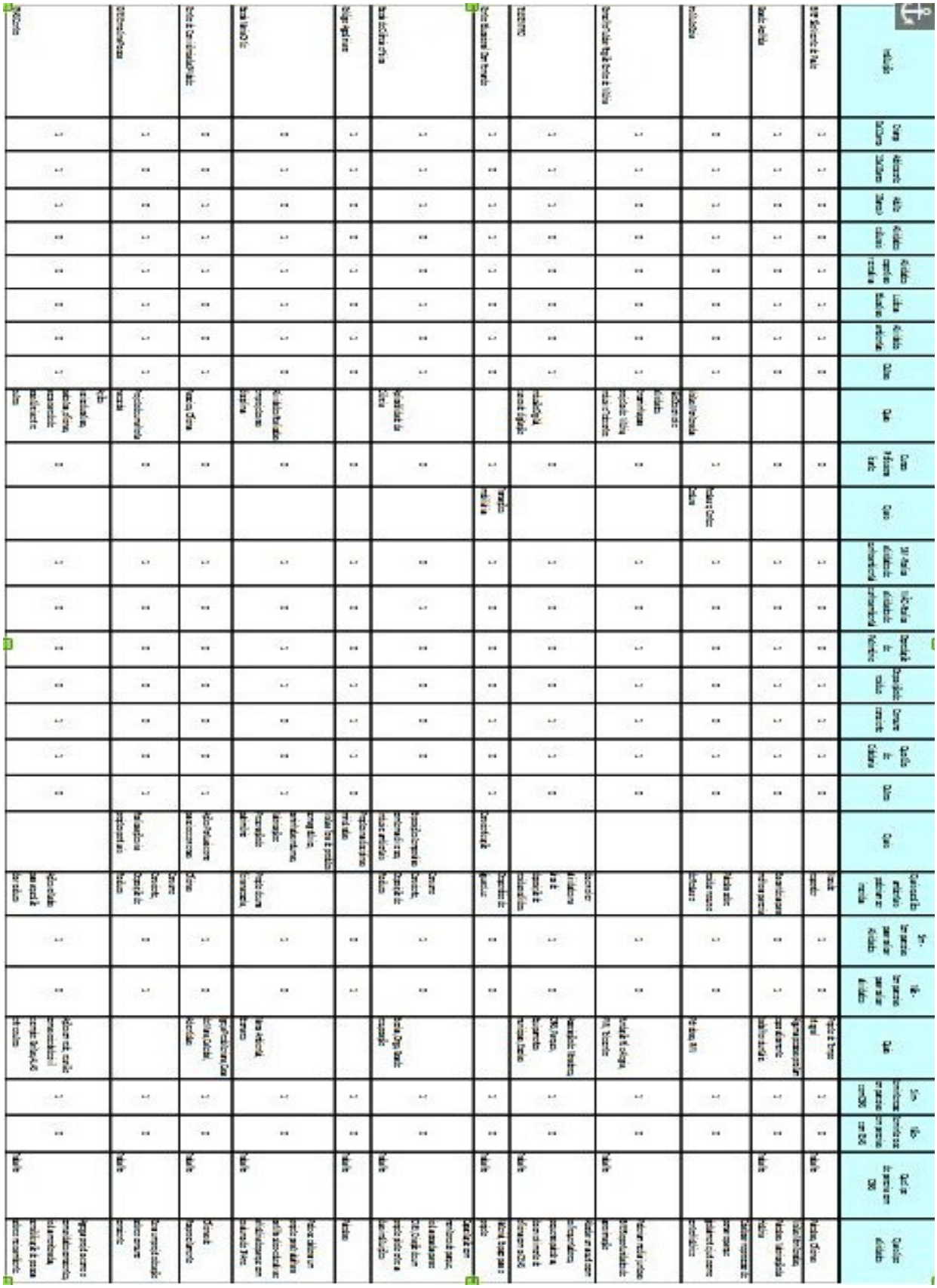
TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL. Rio de Janeiro, Jornada de Educação Ambiental, Fórum Internacional das ONGs – Rio/92, 1992, *in*: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004. p. 235-246.
TRISTÃO, Martha. **A Educação Ambiental na formação de professores**: redes de saberes. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2004.

VIEZZER, Moema Libera. Pesquisa-Ação-Participante. *In*: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e Caminhos:** formação de educadoras(es). Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 277 – 294.

VON TSCHUDI, Johann Jakob. **Viagem à Província do Espírito Santo**: imigração e colonização suíça- 1860. Coleção Canãa. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo, 2004.

APÊNDICE

APÊNDICE A- TABULAÇÃO DA PESQUISA DO ENTORNO DO PARQUE



APÊNDICE B - PROJETO DE INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO AMBIENTAL DO PARQUE MOSCOSO

PARQUE
MOSCOSO

Roteiro de Interpretação Histórico Ambiental do Parque Moscoso

Elaboração e Revisão:
Fernando Fiorotti

Texto Base: Rosa Rasuck

Vitória

2012

Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria Municipal de Meio Ambiente

ROTEIRO DE INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL DOS PARQUES

PARQUE MOSCOSO

Introdução

O presente roteiro de interpretação histórico ambiental tem por objetivo geral sensibilizar os visitantes sobre a riqueza patrimonial e histórica do Parque Moscoso. Os pontos destacados são atualmente, ano corrente de 2012, trabalhados através de uma visita monitorada que visa atingir um público diversificado, em especial aqueles com mais de 12 anos de idades.

Breve Histórico

Até fins do século XIX, a vida da população de Vitória não era das mais saudáveis. A cidade não possuía a menor infra-estrutura sanitária e eram frequentes as epidemias ocasionadas pela falta de higiene pública. O desenvolvimento ocorria na parte alta da cidade, onde se localizavam as igrejas, conventos e as residências. O comércio prosperou na parte baixa mais próxima ao porto, onde foram necessários frequentes aterros.

Entre 1812 e 1819, no governo de Francisco Alberto Rubin, tem inicio o aterro de

parte do Manguezal do Campinho (também chamado Lapa do Mangal), para que ali houvesse ocupação. Um das primeiras finalidades desta intervenção, era permitir o trânsito entre a Santa Casa de Misericórdia e os habitantes da parte alta da cidade.

A partir de 1888 o processo de aterramento foi reativado pelo presidente da província Dr. Henrique Moscoso, cujo governo durou menos de um ano, pois o mesmo veio a falecer no ano de 1889. Neste mesmo ano, ergue-se um monumento ao presidente H. Moscoso, com um busto de autoria de Petrus Verdie.

No governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912) inicia-se a construção, na área do campinho, da “praça” do Moscoso . Concomitante a este processo, foram construídas novas moradias, que serviriam ao funcionalismo público estadual, como do mesmo modo foram realizadas obras de saneamento, de implantação das redes de água e esgoto, e instaladas iluminação pública e privada, tornando Vitória uma cidade mais habitável.

O paisagista Paulo Motta Teixeira foi contratado para jardinar a maior parte da área do parque. Ele deu início às obras em 1910, estaqueando os canteiros à medida que o aterro avançava. Era um enorme jardim que foi ganhando toques paisagísticos, com traços do ‘art noveau’. Assim foram instaladas fontes, repuxos, ruínas de templos gregos, lagoa com ilhota artificial e caminhos sinuosos. O projeto incluía ainda coreto e orquidário. Como igualmente, duas alamedas principais, ainda existentes, que subdividiam o parque em quatro partes bem definidas. As pontes dos lagos possuem até hoje os parapeitos que imitam troncos de árvores.

A inauguração aconteceu em 19 de maio de 1912, com a presença de Jerônimo Monteiro. O Parque possui aproximadamente 24 mil metros quadrados de área, é o mais antigo parque de Vitória.

O parque tornou-se um dos cartões de visita da cidade, sendo um local de passeio, onde era comum as pessoas se deixarem fotografar pelos lambe-lambes.

A região tornou-se altamente valorizada. Instalam-se ao redor do parque lindas residências pertencentes a elite capixaba. O Parque Moscoso era uma área aberta ao público com muita vegetação, lagos e pássaros. Possuía também uma quadra de tênis com o nome Parque Tênis Clube. Além de ser o início de um Clube Social, que passaria a ser o ponto encontro da sociedade capixaba, o Clube Vitória, que veio suceder o “Clube dos Boêmios”. Havia da mesma forma um grande galpão coberto com palhas, lembrando uma habitação indígena, que abrigava um lindo orquidário e, no coreto, eram feitas várias

apresentações culturais, entre elas a da banda da Polícia Militar, cuja apresentação era conhecida popularmente como "retreta".

A primeira intervenção no espaço de Parque se deu em 1952, no governo Jones dos Santos Neves, com a construção do Jardim de Infância Ernestina Pessoa, e de uma Concha Acústica, ambas projetadas pelo arquiteto Francisco Bolonha dentro do pensamento da moderna arquitetura dos anos 50.

Até a década de 60, ficavam nos arredores do Parque os dois melhores cinemas da cidade. Atualmente, várias residências já foram abandonadas ou demolidas, explicitando a suscetibilidade da região ao processo de desvalorização imobiliária. Algumas residências e construções, porém sobreviveram e poderiam facilmente ser restauradas e conservadas como marco do ecletismo da cidade.

Em 1973, novas obras continuaram sendo feitas no governo do Prefeito Chrisógono Teixeira da Cruz, e houve uma grande transformação, desta vez as linhas estruturais foram alteradas e pequenas construções acrescentadas mudando não só a ambientação do parque, mas de certa forma também toda a função do mesmo.

Alamedas foram desviadas e se tornam mais estreitas para dar lugar ora à Capela Ecumênica, ora as quadras de esportes, e foram implantados equipamentos e brinquedos para crianças. O Parque Moscoso totalmente plano teve sua topografia alterada pela criação de morros artificiais, foi fechado por muros e grades, sendo implantado sistema de cobrança de ingresso, com portarias e roletas. Isso isolou o parque das ruas e restringiu seu uso como local de passeio, descanso ou simplesmente de passagem de uma rua para outra.

Nessa época foi construído um prédio para administração e sanitários públicos. Foram implantados equipamentos industrializados de parque, construídos chalés para aves e macacos. Também foram moradores de chalés um leão (retirado por causa das reclamações dos vizinhos devido aos urros deles) e um casal de cervos (que ainda permaneceram por lá durante algum tempo em outro chalé). Haviam também jacarés em uma das fontes. Nessa época o coreto deu lugar aos assentos da Concha Acústica e onde havia orquidário foi construído p prédio da administração.

Em 2001, o parque passou por um processo de revitalização para recuperar as características originais. O muro foi substituído por grades, os traçados dos caminhos e as fontes voltaram aos locais originais e vários outros pequenos detalhes foram

recuperando posições ou características originais, tornando-o semelhante ao que era no passado. Hoje, o Parque Moscoso é praticamente o único local de lazer no centro de Vitória, humanizando a agitação do dia a dia.

Em caminhadas feitas no local é possível constatar sua história através de várias informações fornecidas em diversas placas próximo aos monumentos, que proporcionam aos visitantes, uma viagem no tempo através da imaginação.

PONTOS DO PARQUE

- **Centro de Educação Ambiental do Parque Moscoso**
- **Fonte dos Cavalos**
- **Bustos de Darcy Monteiro, Dr. Pedro Feu Rosa e Santos Dumont**
- **Fonte Jerônimo Monteiro**
- **Monumento a Henrique Moscoso**
- **Alameda Paulo Motta e Central**
- **Ruínas Neo-Clássicas / Ilha dos Amores**
- **Concha Acústica**

ROTEIRO

1. Ponto ou ação

Centro de Educação Ambiental (CEA)

Objetivos

- Apresentar a equipe e sua disponibilidade .
- Reforçar a responsabilidade de manter limpo todo o trajeto a percorrer.
- Estimular o grupo a aproveitar o passeio e agregar conhecimentos.

Conteúdo,texto de apoio, problemas

- O que é um CEA?
- O que é Educação Ambiental?
- O que é Meio Ambiente?

Metodologia – desenvolvimento do tema

Exposição dialogada dos temas.

2. Ponto ou ação

Fonte dos Cavalos

Objetivos

- Apresentar um dos monumentos do parque e contextualizá-lo na história local.
- Refletir sobre a importância da aguá nas sociedades contemporâneas.

Conteúdo ou texto de apoio

De acordo com memória de Accioli de Vasconcellos, primeiro presidente da província, a cidade de Vitória, no inicio de sua ocupação, continha três fontes: da Capixaba, da Fonte Grande e da Lapa (?).

A partir de 11/02/1884, a fábrica de cerveja, da firma Serrat & Schmidt, foi o primeiro prédio da cidade que teve água encanada, tirada da Fonte dos Cavalos.

Em 21/06/1889, foi inaugurado um chafariz, com água da Fonte dos Cavalos.

Em 1910, um novo Chafariz da Lapa, obra em pedra lavrada, feita pelo artista Franz Berlanda, é instalada e considerada a fonte mais antiga do Parque, marcou o fim das obras de aterro e o inicio da construção do Parque. Nessa época serviu como fonte de abastecimento de água dos moradores da região.

Metodologia – desenvolvimento do tema

Exposição dialogada sobre o monumento e seus elementos didáticos.

3. Ponto ou ação

Monumento a Santos Dumont
Monumento à Bondade – Homenagem ao Dr. Darcy Monteiro
Monumento a Dr. Pedro Feu Rosa

Objetivos (claros e bem definidos)

- Refletir sobre o papel do monumento, neste caso bustos, dentro do processo de construção da memória coletiva da cidade.

Conteúdo ou texto de apoio

Monumento a Santos Dumont

Inaugurado a 20 de julho de 1973, é constituído de um busto de bronze, sobre pedestal de granito. A concepção artística é de Carlo Crepaz. Homenagem do povo espírito-santense ao “Pai da Aviação”.

Monumento à Bondade – Homenagem ao Dr. Darcy Monteiro

Busto de bronze sobre pedestal de granito, concepção de Maurício Salgueiro. Foi colocado no parque em 1966, por um grupo de amigos e admiradores. Foi chefe da Clínica na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Destacou-se pela assistência carinhosa que deu a todos os capixabas que lá o procuraram.

Monumento a Dr. Pedro Feu Rosa

Busto de bronze, sobre pedestal de granito, de concepção de Carlo Crepaz, foi inaugurado a 01 de maio de 1982 e sua primeira localização foi ao lado do espaço dos fotógrafos. Médico humanitário , foi também vereador.

Metodologia – desenvolvimento do tema

Parar em frente aos monumentos, perguntar se alguém conhece algum dos homenageados, pedir para lerem as placas, falar sobre a profissão deles, e um pouco sobre o motivo da homenagem.

4.Ponto ou ação (claro, apropriado)

Fonte Jerônimo Monteiro

Objetivos

- Provocar reflexão sobre o papel político e memorialístico dos monumento.
- Despertar o grupo a observar a variedade de elementos visuais que o compõe o mesmo.

Conteúdo ou texto de apoio

A fonte foi instalada em 1912, quando da inauguração do Parque, em homenagem ao governador Jerônimo Monteiro, incentivador da construção do Moscoso.

É uma fonte ornamental situada dentro de um lago redondo. A bacia, decorada com carrancas, tem bicas que jorram água não potável. A bacia da fonte é sustentada por esculturas de ninfas e querubins, que se apoiam sobre base ornamentada, de quatro faces. O aparecimento da art nouveau possibilitou a construção de monumentos em linha industrial.

Não se sabe a autoria do monumento, mas suas características indicam ser da Fundição Val d'Osne, na França. Verdadeira febre na Europa do século XIX, as fontes d'art foram resultados da fusão da indústria com a arte. Fontes e chafarizes eram construídos em escala industrial. Essas peças eram fabricadas em vários tamanhos como forma de abastecimento ou simplesmente ornamentais. As figuras artísticas que compunham as peças – golfinhos, sereias, deuses gregos, querubins eram valorizados pelos efeitos dos jorros d'água.

Metodologia – desenvolvimento do tema

Exposição dialogada utilizando-se dos próprio monumento para contextualização do discurso.

5.Ponto ou ação (claro, apropriado)

Monumento a Henrique Moscoso

Objetivos

- Refletir sobre o papel de Henrique Moscoso no processo de aterramento.
- Contextualizar o funcionamento do sistema político imperial e do regime republicano na virada do século XIX para o XX.

Conteúdo ou texto de apoio

Henrique Ataíde Lobo Moscoso nascido em Pernambuco, nomeado presidente da província do Espírito Santo no ano de 1888. Tomou posse dia 03 de agosto de 1888 e foi transferido em 1889 para tomar posse na província do Pará. Não chegou a viajar, pois faleceu no ES em 08 de agosto de 1889.

Durante o período que esteve no governo iniciou o aterramento da região da *Lapa do Mangual*.

Metodologia – desenvolvimento do tema

Exposição dialogada com os visitantes.

7.Ponto ou ação

Alameda Paulo Motta /Alameda Central

Objetivos

- Refletir sobre a figura de Paulo Motta
- Reconhecer através de imagens a transformação do Parque Moscoso (Exposição do centenário do Parque)

Conteúdo ou texto de apoio

As alamedas cortam o parque em duas direções e são fundamentais para a circulação dentro do mesmo. No ano de 2012 as alamedas são ladeadas com displays que apresentam a história do Moscoso através de fotografias e imagens.

Metodologia – desenvolvimento do tema

Exposição dialogada com a observação de imagens expostas ao longo do caminho.

8.Ponto ou ação

Ruínas Neo-Clássicas / Ilha dos Amores

Objetivos

- Refletir sobre a beleza estética das ilhotas
- Relacionar as aspirações estilísticas do parque com outras tendências arquitetônicas e artísticas.
- Compreender a importância do cuidado com os patrimônios púbicos.

Conteúdo ou texto de apoio

O Moscoso conta com duas ilhas artificiais, a maior delas é nomeada ilha dos amores. Tal denominação viria da tendência de servir de lugar para os encontros de enamorados e apaixonados. A ilha menor abriga ainda uma réplica de colunas gregas, projeto original de Paulo Motta. Tal elemento visa atrelar a beleza e graciosidade do Parque aos padrões clássicos da Roma e Grécia antiga.

Metodologia – desenvolvimento do tema

Exposição dialogada que tem como um elemento de complemento uma pichação nas colunas gregas. Tal depredação é tema de uma sensibilização que visa valoriza o cuidado com os bens públicos.

9.Ponto ou ação (claro, apropriado)

Concha Acústica

Objetivos

- Compreender o que é um patrimônio estadual
- A estética e o papel cultural da concha acústica.

Conteúdo ou texto de apoio

A Concha Acústica foi construída em 1952 durante o governo de Jones dos Santos Neves. Seu projeto, assim como da escola Ernestina Pessoa, são de autoria de Francisco Bolonha. Construída para receber eventos artísticos e culturais foi palco de muitos festivais e apresentações ao longo da década de 60 e 70. Tombada pelo Governo do Espírito Santo na década de 80, é atualmente parte do patrimônio estadual.

Metodologia – desenvolvimento do tema

Exposição dialogada com uma pequena atividade prática que ocorre quando os alunos são incentivados a testar a acústica da concha.

APÊNDICE C – OFICINAS DE REAPROVEITAMENTO

CARDÁPIO DE ATIVIDADES

O ritmo de vida de nosso cotidiano nos leva a praticar ações, muitas vezes automatizadas com relação à destinação equivocada de nossos resíduos por conta da escassez de tempo ou até por falta de orientação. Frequentemente, descartamos materiais rotulados como “lixos” pois, fazemos parte da sociedade consumista na qual, esquecendo-nos que tais materiais poderiam estar sendo reaproveitados na confecção de uma nova peça.

As possibilidades de interferência junto ao material a ser reaproveitado são inúmeras(decorativa e utilitária) e têm sido opções possíveis a serem realizadas principalmente com os menos favorecidos para complementação de renda ou mesmo por *hobbie* em muitas comunidades brasileiras. A sociedade pode e deve participar, capacitando moradores de baixa renda, organizando cooperativas , produzindo a partir de novos olhares, vislumbrando o desenvolvimento sustentável, a dignidade e principalmente, contribuindo para o valorização do meio ambiente como um todo.

OFICINA DE REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS

RE F TRANS
O

R
M
A

1- PORTA LÁPIS DE CAIXA DE LEITE/SUCO

JUSTIFICATIVA

A caixa tetrapak é utilizada pelas indústrias alimentícias para manter seu produto armazenado em condições favoráveis ao consumo. Após o uso dos produtos, as embalagens são descartadas em sua grande maioria em contentores de coleta doméstica, produzindo grandes quantidades de resíduos sólidos. A coleta seletiva não abrange grande área e a população ainda não tem o conhecimento suficiente na destinação correta dos resíduos sólidos, gerados a partir das embalagens. Uma forma de minimizar o descarte seria a produção de peças que pudessem ser reutilizadas, aumentando a vida útil da embalagem.

OBJETIVO

Dialogar com os participantes da oficina sobre a maneira correta em destinar os resíduos nos PEV's.

Apresentar uma proposta de reutilização usando a embalagem tetrapak como material a ser trabalhado com fins utilitários ou mesmo decorativos, reduzindo dessa forma o quantitativo de material descartado.

Sensibilizar sobre nossa atuação como consumidores, refletindo sobre sermos parte que integra o meio ambiente, tornando-nos agentes de novas condutas na preservação de nossa qualidade de vida.

METODOLOGIA

As oficinas prevem momentos de informação, reflexão, sensibilização e despertamento do processo criativo nos participantes.

No início, apresentamos a forma original da embalagem dialogando sobre sua

importância na conservação dos alimentos e produtos a serem consumidos e comentamos sobre a grande quantidade de resíduos que são gerados após seu uso. A seguir, apresentamos aos participantes o desafio de, a partir de uma **forma** original, **reforma**r e **transformar,** pensando sempre em reutilizar, ou seja, aumentar sua vida útil, criando possibilidades de reuso. Expomos uma peça já transformada para em seguida, distribuirmos materiais diversos que possibilitem a execução.A tesoura, cola, pincel, retalhos de tecidos, papéis coloridos, fitas coloridas, revistas, figuras diversas e botões são alguns deles.



Materiais sugeridos para a confecção da peça

A caixa de leite ou suco deve estar limpa e seca para que possa ser trabalhada.



Medindo e marcando 11 cm com caneta, do fundo para cima, nos 4 lados da caixa



Marcando com a caneta os quatro lados da caixa.



Cortando com estilete, faca ou tesoura a área marcada.



Aparando as pontas irregulares da caixa.



Passando cola em um lado por vez da caixa para colar o

Em seguida, a escolha do material para revestir a caixa, (tecido ou papel) deixando uma parte excedente para o acabamento interno. As medidas para essa caixa são 31cmx13cm.



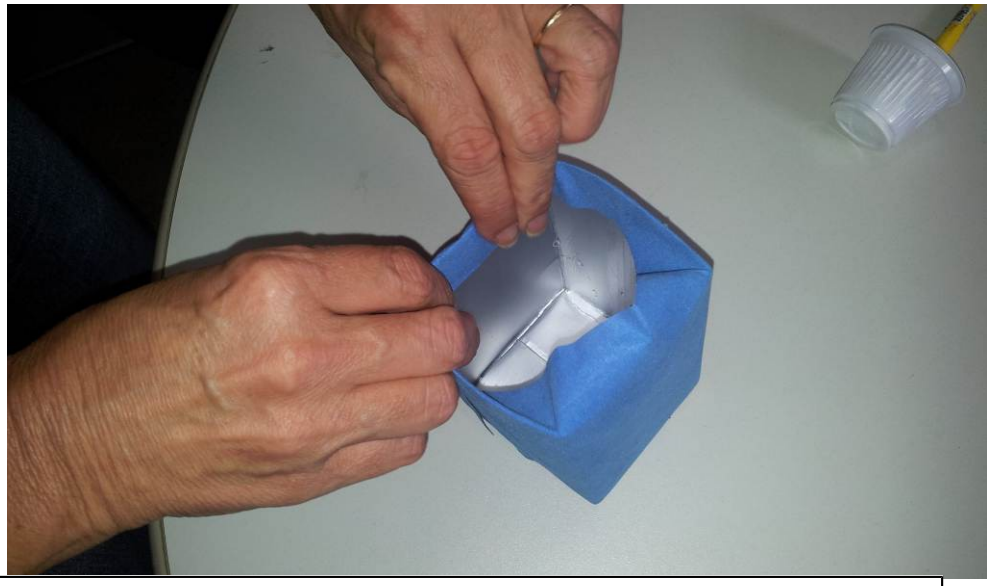
Colando o papel, deixando a sobra na parte de cima da



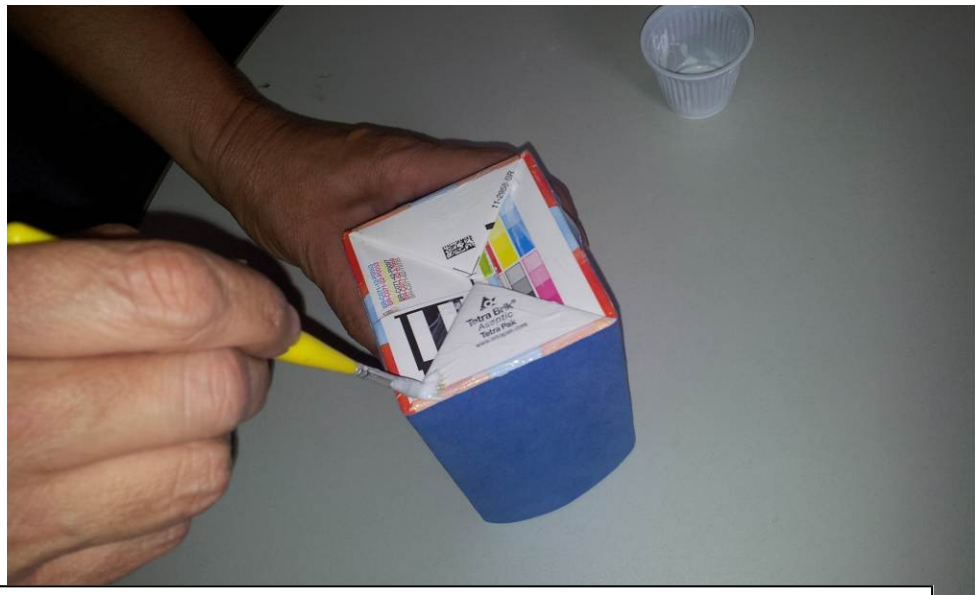
Arrematando a ponta do papel com a cola branca.



Aplicando cola no interior da caixa para o acabamento do



Colando as sobras do papel no interior da caixa.



Passando cola no fundo da caixa

As medidas do fundo desta caixa é uma quadrado de 9cm x 9cm.



Colando o papel do fundo da caixa.



Aparando as sobras de papel do fundo da caixa.



Colando figuras autoadesivas para decorar o porta lápis



Porta lápis finalizado.

2-QUADRO OU IMÃ DE GELADEIRA DE CD

JUSTIFICATIVA

A invenção do *compact disc* ,ou CD se deu no fim da década de 80 com a

finalidade de aumentar a durabilidade e melhorar a qualidade do som reproduzido anteriormente pelos discos de vinil. O acrílico que compõe o CD não tem ainda como ser reciclado no Brasil. Por conta disso, a atividade com o CD se justifica como meio de diminuição de resíduos, trazendo aos participantes as possibilidades em agregar materiais, possibilitando a reutilização ao CD.

OBJETIVO

Dialogar com os participantes da oficina sobre a maneira correta em destinar os resíduos nos PEV's, alertando que, no caso dos CD's, ainda não é possível serem reciclados.

Apresentar uma proposta de reutilização usando o CD como material a ser trabalhado com fins utilitários ou decorativos, reduzindo dessa forma o quantitativo de material descartado.

Sensibilizar sobre nossa atuação como consumidores, refletindo sobre sermos parte que integra o meio ambiente, tornando-nos agentes de novas condutas na preservação de nossa qualidade de vida.

METODOLOGIA

Para a confecção do quadro/imã de geladeira de CD é sugerido o corte de papéis, E.V.A do tamanho do CD. Podem ser usados como opções de revestimentos os tecidos, botões, fitas, sianinhas, etc.

Inicia colando de um lado do CD o papel ou tecido para cobrir a área colorida. Trabalhar com a criatividade as possibilidades possíveis. Colar o E.V.A (opcional) do outro lado. Fixar a placa de imã com cola quente ou um pedaço de fita dobrada para ser utilizado como meio de fixação.



Materiais sugeridos para elaborar a peça.



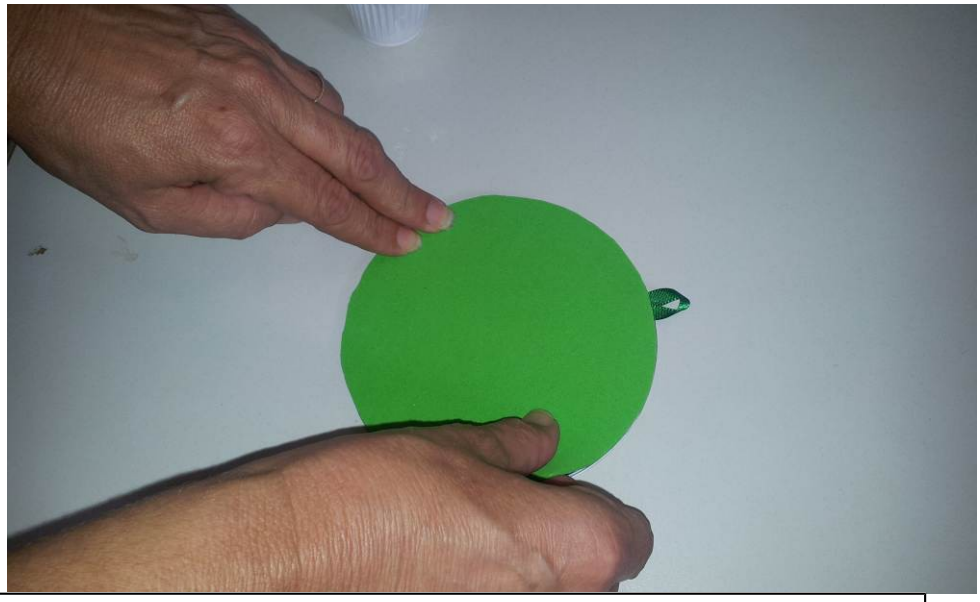
Passando cola em um lado do CD.



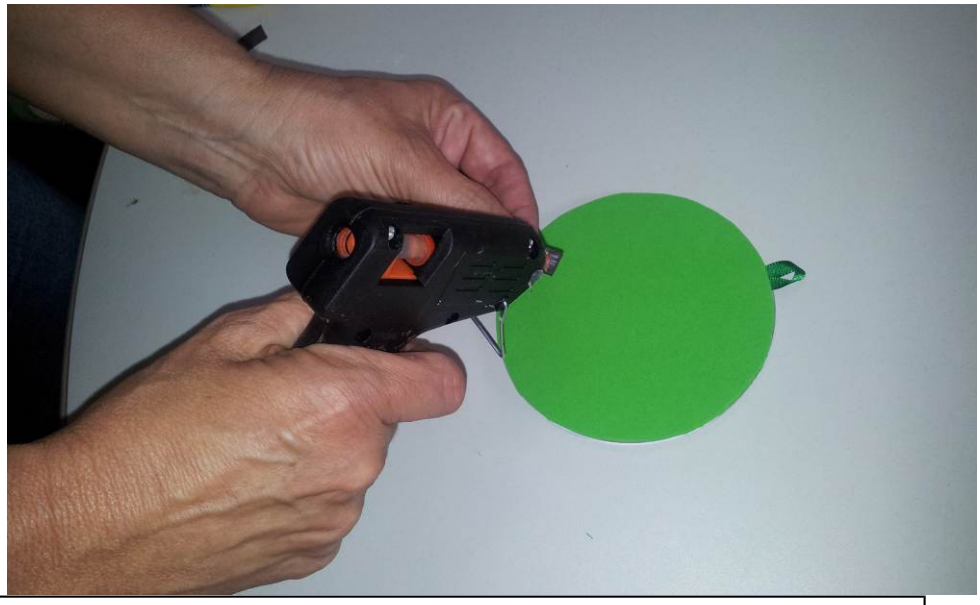
Colando papel branco.



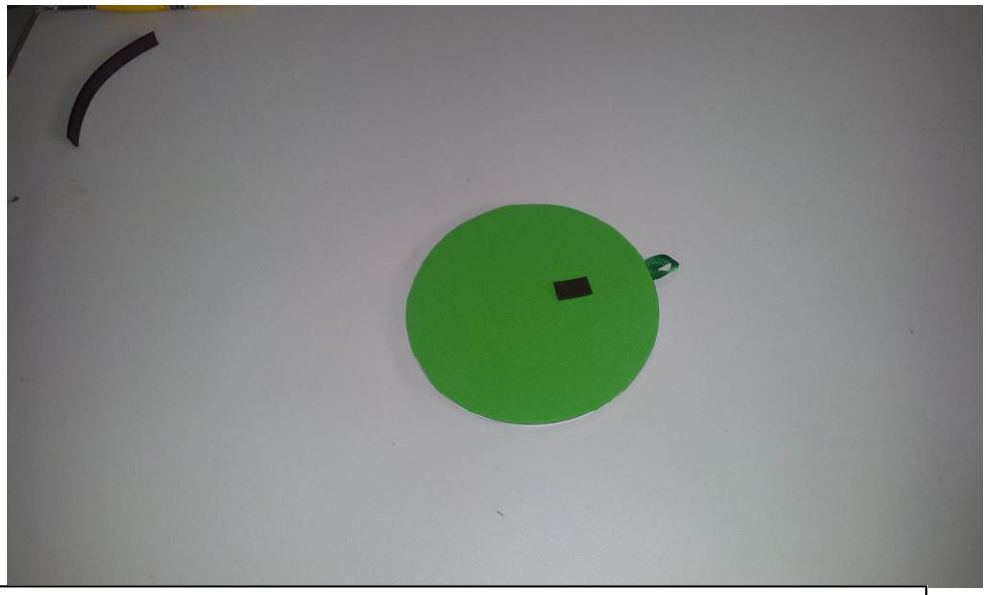
Fixando a fita dobrada no CD.



Fixando o E.V.A na parte traseira do CD



Passando cola quente no imã para colar atrás do quadro/imã de geladeira.



Imã colado na parte traseira do CD.



Colagem das peças do quadro. Peça finalizada.

3 - CATAVENTO

OBJETIVO

Provocar seus participantes à reflexão de uma possibilidade de reutilização de

materiais que, comumente são descartados.

Estimular o imaginário dos participantes através do processo criativo aliando o criar e o fazer , obtendo uma produção original e personalizada.

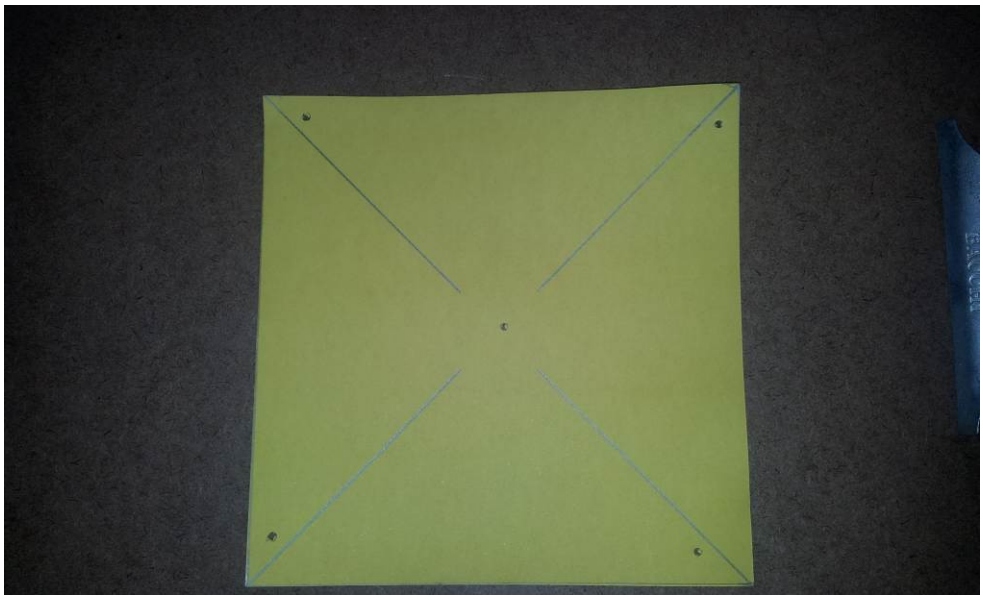
Ressaltar a importância do reaproveitamento para a diminuição de descarte em lixos sem destinação adequada (ecopontos).

METODOLOGIA

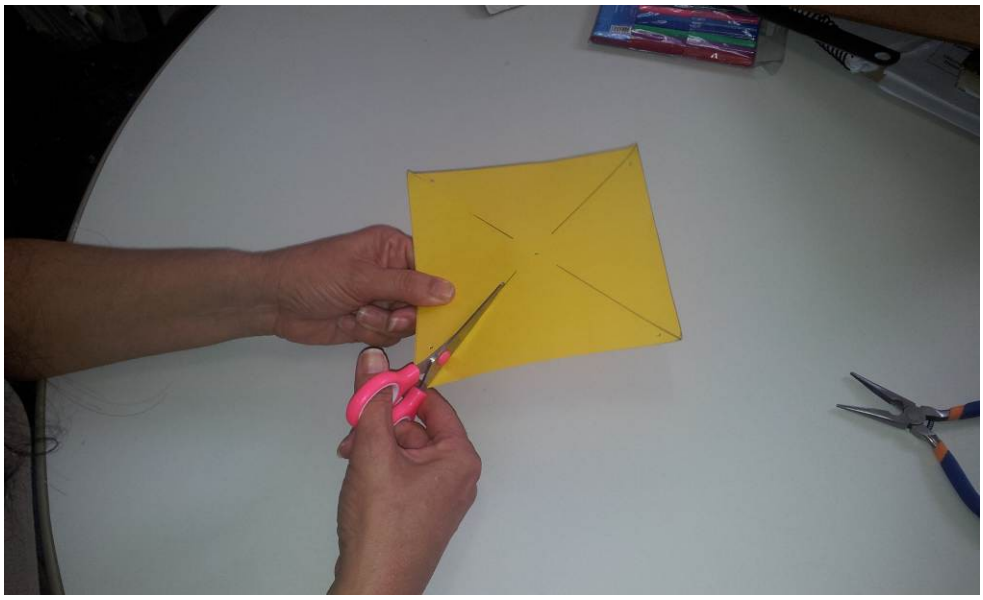
A oficina de catavento inicia com o corte do quadrado em papel cartolina ou similar de 15x15cm. É marcado da extremidade dos quatro lados do quadrado ao centro a distancia de 9 cm. Furar o centro do quadrado e cada um dos lados, conforme a foto. Decore o catavento com motivos florais, mensagens, etc. Em seguida, corte a linha marcada (9 cm) para montar o catavento. Corte um pedaço de arame de aproximadamente 10 cm e inicie a montagem colocando o arame no furo central. Segure o arame por baixo do papel, mantendo fixo e, um a um, vá encaixando a ponta da cartolina furada no aramame. Dobre o arame para fixá-lo . Calcule a distancia das pontas dobradas de forma a não ficarem muito apertadas, o que impossibilitará a entrada do ar e assim não girará. Prenda o arame ao palito de churrasco, dando voltas para fixá-lo.



Materiais para a confecção do catavento.



Marcação para o corte em diagonal e visualização dos pontos perfurados



Corte da áreas marcadas.



Inserindo o arame no furo central



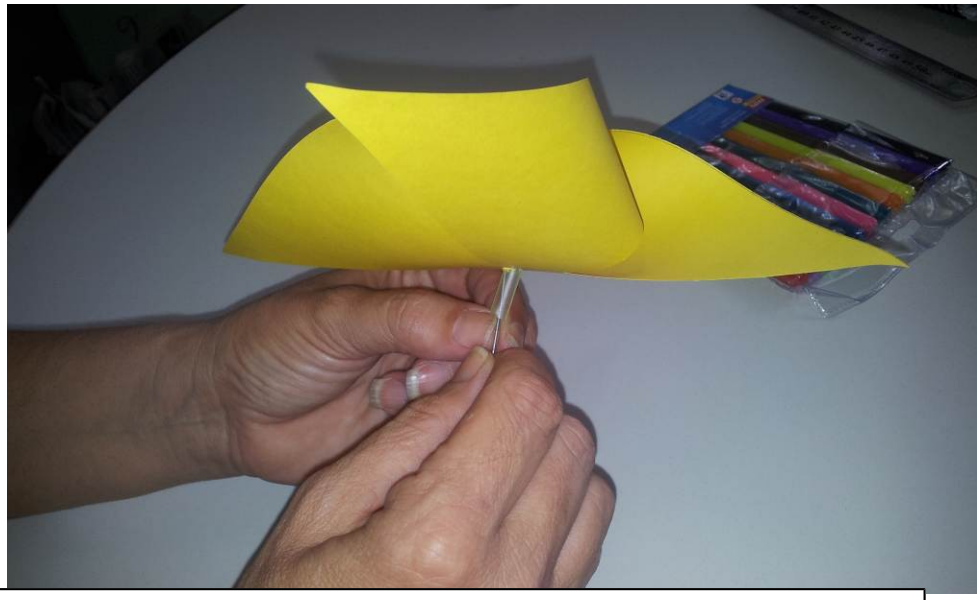
Encaixando as bordas furadas uma a uma, em sequência.



Dobrando a ponta do arame com alicate.



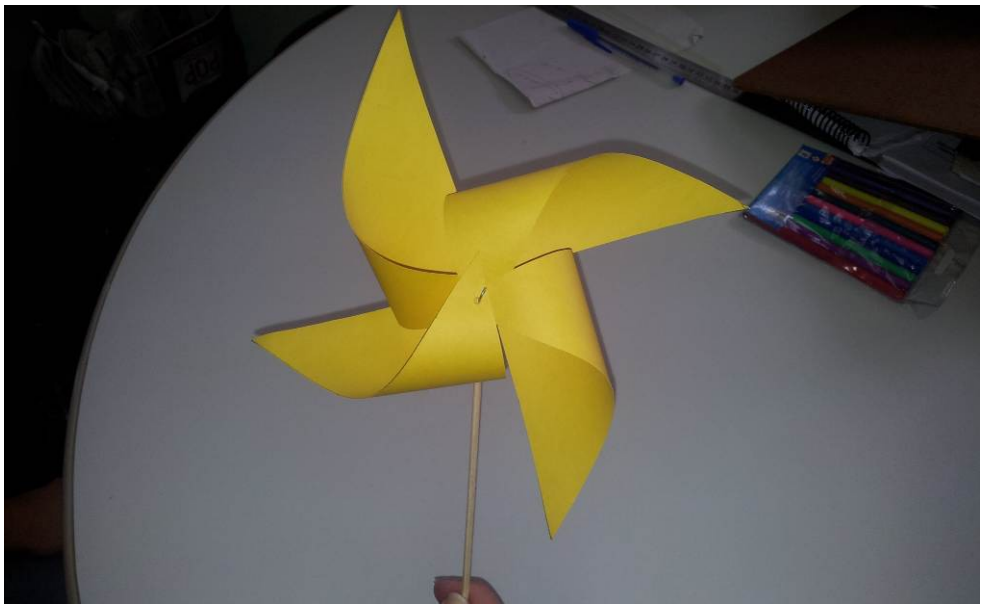
Visualização do arame fixado na frente do catavento.



Inserindo o canudinho cortado no arame.



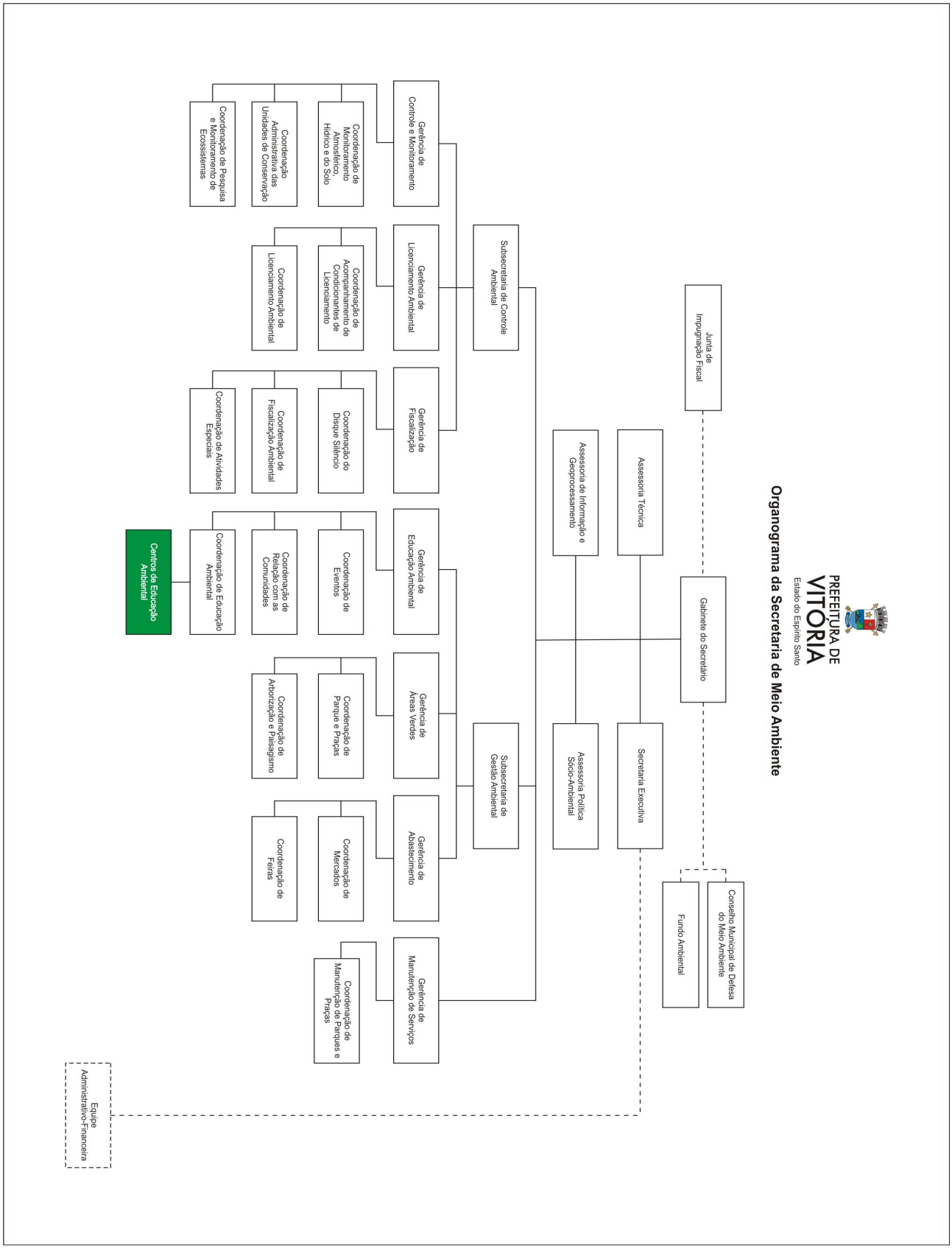
Posicionando o palito de churrasco junto ao arame e enrolando.



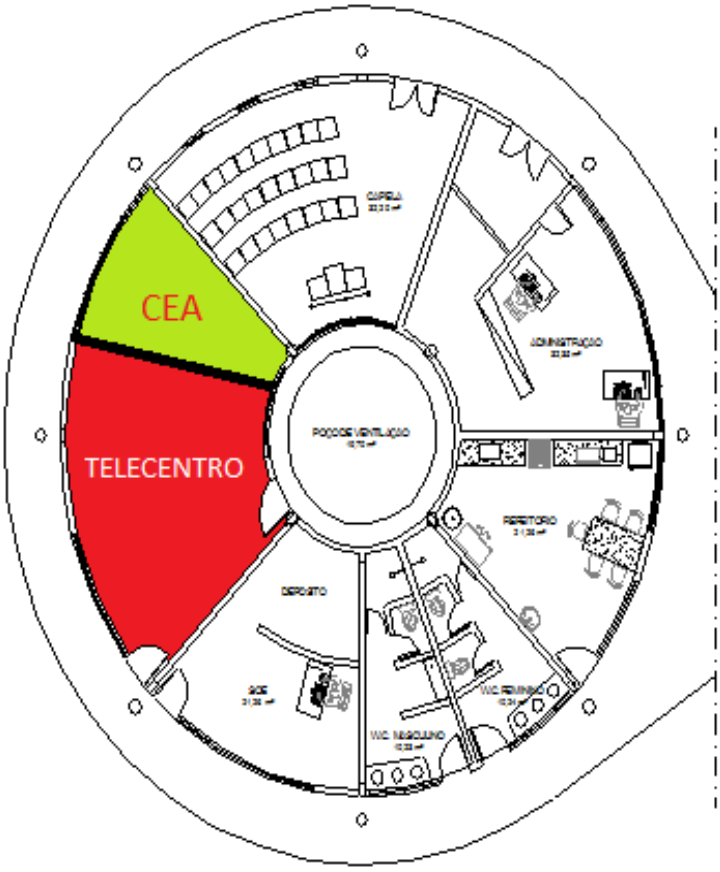
Peça finalizada.

ANEXOS

ANEXO A- ORGANOGRAMA SEMMAM



ANEXO B- PLANTA CEA



PLANTA BAIXA: ADMINISTRAÇÃO/SANITÁRIOS/APOIO

ANEXO C- LEVANTAMENTO ARBÓREO DAS PLANTAS DO PARQUE MOSCOSO

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA

JULIA MERÇON FERNANDES MOREIRA

LEVANTAMENTO ARBÓREO DAS ÁRVORES PRESENTES NO PARQUE MOSCOSO

Vitória

2012

INTRODUÇÃO

O Parque Moscoso, inaugurado em 1912, está situado em área do antigo Campinho dos tempos coloniais, que originalmente era um extenso manguezal, aterrado no início do século XX.

O projeto original, de 1908, que mais lembrava uma grande praça ajardinada, foi planejado e implantado pelo paisagista Paulo Motta Teixeira. Tornou-se o cartão de visitas da cidade, valorizando os terrenos de entorno onde foram construídas elegantes casas da elite de Vitória.

Ao longo de 100 anos de história, o paisagismo do parque sofreu várias mudanças. Algumas árvores foram retiradas, por não terem se adequado ao clima do local, já que o paisagista Paulo Motta trouxe a maioria das árvores do exterior.

Este artigo visa listar, classificar e caracterizar as árvores presentes no Parque Moscoso atualmente, além de falar um pouco da história de cada uma.

LEVANTAMENTO DE ÁRVORES PRESENTES NO PARQUE MOSCOSO

1 PAU-BRASIL

Nome Científico

Caesalpinia echinata Lam.

Características

O Pau-Brasil é uma leguminosa espinhenta cuja madeira pesada possui a presença interna de um extrato que produz uma espécie de tinta vermelha. A madeira dessa árvore é laranja ou vermelho-alaranjada e, por ser de alta qualidade, é utilizada para fabricação de instrumentos musicais. Atinge de 8 a 30 metros de altura e 40 a 70 cm de diâmetro e possui flores amarelas com manchas vermelho-púrpura.

O Pau-Brasil é considerado uma planta semidecídua (árvores das quais somente metade das folhas se desprende) e podem ser heliófitas (árvores cujo desenvolvimento depende do sol) ou esciófitas (árvores cujo desenvolvimento dependem de sombra). Tais características são peculiares à floresta pluvial atlântica.

Esta planta ocorre preferencialmente em terrenos secos sendo típica da floresta primária densa. Sua floração vai do início de Setembro à meados de Outubro e, entre Novembro e Janeiro, se dá a maturação dos frutos.

Histórico

A história do Pau-Brasil, remonta do século 9. Naquela época, a madeira era encontrada nas Índias Orientais dentre as plantas que possibilitavam a extração de corantes vermelhos. Na Europa, para onde eram destinadas, essas plantas levavam o nome de “brecilis”, “brezil”, “brazily”, ou “brasil”, todos os nomes derivados da palavra “brasília” que significa “cor de brasa” ou “vermelho”.

Os portugueses, ao chegaram ao Brasil, ficaram encantados com o corante que a madeira produzia, tornando a extração do Pau-Brasil, um monopólio real. Ou seja, só podia extrair tal madeira da costa brasileira, se a coroa portuguesa autorizasse tal ato. O primeiro a receber essa autorização foi Fernando de Noronha, em 1501.

Os espanhóis, em respeito ao Tratado de Tordesilhas, se afastarem do litoral brasileiro. Porém os franceses, desconhecendo tal tratado, agiam de forma liberal extraindo a madeira ilegalmente.

A participação indígena na extração do Pau-Brasil foi fundamental, pois a tripulação não dava conta de transportar tal quantidade de madeira, sozinhos. A princípio, a mão de obra indígena era conquistada através do escambo (troca da mão de obra dos mesmos por quinquilharias como espelho, tecido e até facas e canivetes).

Os contrabandistas franceses eram mais habilitados na técnica do escambo que os portugueses, porém seu sistema de extração causou vários prejuízos à mata brasileira, pois ao invés de cortar as árvores, estes ateavam fogo na parte inferior de seus troncos causando vários incêndios e matando grande parte da fauna brasileira. Os índios, ao perceberem o que a extração do Pau-Brasil estava causando à mata brasileira, começaram a se recusar a participar de tal ato, fazendo com que os portugueses e franceses partissem para o trabalho escravo dos mesmos.

Sendo o comércio do Pau–Brasil monopólio da Coroa Portuguesa e, pela necessidade dessa Coroa levantar recursos financeiros imediatos, a mesma impedia, muitas vezes, o embarque do açúcar brasileiro e o substituía pelo embarque do Pau–Brasil.

O Pau–Brasil foi explorado durante 375 anos ininterruptos de forma desordenada e selvagem, o que veio a provocar o seu atual estado de extinção do habitat natural, pois se estendia na faixa litorânea brasileira desde o Estado do Rio Grande do Norte até o Estado do Rio de Janeiro.

Curiosidades

Hoje, o corte ilegal do Pau-Brasil é considerado crime federal e existem programas de organizações que levantam a quantidade dessa espécie no seu estado natural, assim como repovoam áreas degradadas com essa e outras espécies ameaçadas de extinção.

Por ser de alta qualidade, a madeira do Pau-Brasil é utilizada na fabricação de instrumentos musicais como violinos, harpas e violas. É utilizada, também, na fabricação de móveis de alta qualidade.

No dia 3 de maio, comemora-se o dia nacional do Pau-Brasil. Inclusive, há registros

que afirmam que o nome do país foi originado de tal árvore. A princípio, o nome do Brasil era “Terra de Santa-Cruz” porém, a importância econômica dessa planta foi de tamanha importância para a coroa portuguesa, que estes começaram a se referir ao Brasil como “Terra do Brasil” e, após algum tempo, a apenas “Brasil”.

O termo “Lam.” Que se encontra no nome científico do Pau-Brasil, é a abreviação de Lamarck, que foi o botânico que, em 1789, descreveu o Pau-Brasil, conforme as normas de nomenclatura botânica.





2 MAGNÓLIA BRANCA

Nome Científico

Magnolia grandiflora

Características

O gênero botânico Magnolia é possuidor de várias árvores e arbustos floríferos, alguns deles atingindo estaturas bem elevadas, como a magnólia branca, que atinge até trinta metros de altura.

A principal característica dessas plantas é apresentar floração abundante com flores bem grandes, que florescem durante boa parte do ano, até mesmo durante o inverno, mesmo a planta não possuindo muitas flores nesta época. Devido a isto é uma planta muito boa para ser utilizada na decoração de praças ou até calçadas, no caso das variações de menor porte.

A magnólia branca é uma flor da família das magnoliáceas, do gênero magnólia com folhas grandes, ovais e coriáceas, com habitat na América e Ásia. Sua origem é no estado de Carolina do Sul, nos Estados Unidos da América.

As famílias agrupam árvores com características semelhantes, e aquela a que pertence o gênero *Magnolia*, designa-se justamente por Magnoliaceae. Um dos seus traços distintivos é a forma particular da flor em forma de tulipa. Refira-se a propósito que os tulipeiros (*Liriodendrum tulipifera*) pertencem também a um dos dez gêneros desta família.

São vulgarmente designadas apenas por “magnólia” ou “magnólia-branca”, “magnólia-de-flores-grandes”, “magnólia-sempre-verde” e ainda, simplesmente, “grandiflora”.

Histórico

A designação vulgar de “magnólia” abrange atualmente mais de uma centena de espécies de árvores e arbustos originários tanto da América Central e do Norte como da Ásia.

A primeira magnólia a chegar à Europa proveio da Virgínia, em 1688, enviada pelo missionário e botânico John Banister e foi plantada no parque do bispo de Londres, em Fulham. A designação do gênero, anterior a Lineu, deve-se a Charles Plumier, botânico do monarca francês, que em fins do séc. XVII assim pretendeu homenagear Pierre Magnol (1638-1715), autor da primeira classificação das plantas em “famílias” e diretor do Jardim Botânico de Montpellier, o mais antigo de França.

O primeiro exemplar plantado na Europa no início do séc. XVIII vegetou tristemente durante cerca de 20 anos numa estufa perto de Nantes, antes de ser transplantado para o exterior onde finalmente se desenvolveu e floriu abundantemente, atraindo visitantes de muito longe.

Curiosidades

O designativo da espécie, “grandiflora” faz jus às belíssimas flores brancas que podem em certos casos atingir cerca de 25 cm de diâmetro, e que são com efeito as maiores do gênero.

As flores da Magnólia-branca florescem durante a primavera eo verão. Os extratos dos brotos e flores da árvore magnólia estão disponíveis em extrato de álcool, e em forma de óleo volátil e contêm óleos essenciais que podem possuir um imenso valor medicinal. No entanto, os efeitos colaterais destes produtos não foram documentados cientificamente:

Alergias

Os óleos voláteis das flores de magnólia-branca podem ajudar a prevenir condições alérgicas como asma, inibindo a liberação de histamina de um tipo de células do sistema imunológico conhecidas como mastócitos.

Pele

Os extratos de flor de magnólia têm sido usados historicamente na China para minimizar a irritação causada por alguns ingredientes cosméticos. Eles também podem ajudar a remover manchas escuras e clarear a pele.

Problemas respiratórios e Sinusite

A Magnolia-branca tem sido usada na medicina tradicional chinesa para tratar diversas doenças respiratórias, doenças pulmonares e sintomas de gripe. Segundo a

tradicional medicina chinesa, a casca de magnólia tem sido empregada no tratamento de uma variedade de resfriados e sintomas de congestionamento ao longo dos séculos. Honokiol e magnolol, os dois componentes ativos, desempenham um papel ativo no alívio de sintomas de asma, dores no peito ou congestionamento e crises de tosse. O botão de flor, no entanto, é usado quase exclusivamente para o tratamento da congestão nasal, dores de cabeça e febre.

Distúrbios intestinais

Tônicos feitos a partir da magnólia-branca são utilizados na medicina chinesa para tratar distúrbios intestinais incluindo problemas com a digestão, inchaço abdominal e desconforto geral. A casca de magnolia trata de sintomas de espasmos intestinais, dor abdominal, diarréia e vômitos. A medicina tradicional e acupunturistas, muitas vezes preparam a flor magnólia com suco de gengibre para melhorar a digestão.

Ansiedade e Depressão

Um novo estudo dentro da medicina chinesa descobriu que honokiol e magnololhe, os ingredientes ativos encontrados na magnólia-branca, exibem efeitos antidepressivo. A combinação dos dois compostos parece ajudar a normalizar níveis de serotonina e de corticosterona no cérebro. Além disso para o tratamento de alguns tipos de depressão, o composto combinado foi mostrado ser eficaz no tratamento de ansiedade, dores de cabeça crônicas e neurose.





3 QUARESMEIRA ROXA

Nome Científico

Tibouchina sp.

Características

Família: Melastomataceae

Utilização: Madeira utilizada para vigas, caibros e moirões. Muito utilizada para paisagismo urbano e geral.

Coleta de sementes: Diretamente da árvore quando começar a abertura espontânea dos frutos.

Fruto: marrom, seco, em forma de taça, contendo várias sementes por fruto, possuindo aproximadamente 0,7 cm de diâmetro.

Flor: Rosa, branca, violácea.

Crescimento da muda: Rápido.

Germinação: Delicada.

Plantio: Mata ciliar, área aberta, solo degradado.

Época de coleta de sementes: Fevereiro a abril

Observação: As sementes deverão ser minimamente cobertas com substrato leve mantidas com pouca umidade.

Seu porte geralmente é pequeno a médio, podendo atingir de 8 a 12 metros de altura. A floração ocorre duas vezes por ano, no outono e na primavera, despontando abundantes flores roxas.

Mesmo quando não está em flor, a quaresmeira é ornamental. Sua copa é de cor verde escura, com formato arredondado, e sua folhagem pode ser perene ou semi-decídua, dependendo do clima em que se encontra.

As flores são solitárias, grandes, vistosas e duráveis. Desabrocham com a cor branca e gradativamente vão se tornando violáceas, passando pelo rosa. Esta particularidade faz com que na mesma planta sejam observadas flores de três cores.

Na mata original, a quaresmeira pode viver de 60 a 70 anos. Com o estresse da cidade, elas vivem menos de 50 anos e podem florescer três vezes por ano. As maiores vítimas do estresse são as quaresmeiras que se encontram isoladas nas ruas. Os vilões são o monóxido de carbono, produzido pela queima de combustível dos veículos, e o ozônio. A falta de adubação, o pequeno espaço para crescer e expandir suas raízes e as podas drásticas também apressam a morte das quaresmeiras.

Segundo os pesquisadores, as plantas estressadas sabem que terão vida mais curta e produzem mais flores para garantir mais sementes e mais "descendentes". A floração é a forma de perpetuação da espécie. Nas quaresmeiras, as mais velhas vão ficando cada vez mais exuberantes.

Histórico

Por várias vezes, tamoios e portugueses se enfrentaram e no ano de 1566 aconteceu um grande combate entre os dois povos. Esse episódio ficou conhecido na história como a guerra das canoas, que se desenrolou ao redor de Paquetá (RJ) e que dizimou toda a tribo tamoio que vivia na Ilha.

Dizem que os tamoios, já prevendo essa derrota e a extinção da sua tribo, providenciaram com antecedência um grande ritual religioso em que invocaram os espíritos dos seus ancestrais para que, de alguma forma, ficasse marcado para sempre que o chão e a Natureza desta ilha das muitas pacas era território deles, e a eles pertencia.

Não há concordância em relação ao local em que tal rito ocorreu: se na Imbuca, ou na Lagoa Grande. Em cada um desses locais havia uma taba da tribo de Paquetá, e cada uma delas era dirigida por um cacique, além do Pajé, que era o mesmo para as duas aldeias. Eram pois três chefes: dois temporais e um espiritual. E foi em torno deles que

ficou estabelecido o sinal para marcar a posse indígena de Paquetá. Ficou combinado que os espíritos dos ancestrais usariam para marcar esse fato, as mesmas cores que cada um dos três caciques costumava usar nos seus cocares e nos seus colares. O da Imbuca preferia o amarelo das penas dos bem-te-vis, o da Lagoa Grande preferia as flores azuis das bromélias que enfeitavam as margens dessa grande lagoa e o Pajé andava sempre ornamentado com vários colares de conchas cor-de-rosa, que existiam em quantidade nas praias de Paquetá.

Os mais antigos contam que foi depois da guerra das canoas, quando morreram todos os índios de Paquetá e os seus três caciques, que começaram a aparecer mata atlântica, essas três grandes árvores ornamentais: o Ipê amarelo, que floresce principalmente na Imbuca, as quaresmeiras, que enfeitam de roxo as encostas, e as paineiras da curva do vento, que sempre enfeitam Paquetá com as suas grandes flores cor-de-rosa. Dizem que elas simbolizam aqueles três grandes chefes tamoios.

Curiosidades

A Quaresmeira também é conhecida como cuipeúna, manacá-da-serra, flor-de-maio, flor-da-quaresma, jacatirão-de-capote e pau-de-flor. As espécies de maior ocorrência na Mata Atlântica são a *Tibouchina mutabilis* e a *Tibouchina sellowiana.* Nas fotos abaixo, além dessas duas espécies, estão representadas várias outras, entre árvores, arvoretas e arbustos.

Além da importância ecológica, a quaresmeira é muito utilizada na arborização urbana, com fins paisagísticos, devido à beleza de suas flores e por não apresentar raízes agressivas, permitindo seu plantio em diversos espaços, desde isoladas em calçadas, até em pequenos bosques em grandes parques públicos. Seu crescimento é rápido.

Elas têm esse nome porque parte da floração mais intensa é próxima ao período religioso da Quaresma, que vai da quarta-feira de cinzas ao domingo de Páscoa, período de reflexão que antecede a Páscoa para os católicos. Outra coincidência: a cor símbolo da Páscoa é o roxo, mesma tonalidade de cor das flores da quaresmeira.

Sua madeira apesar de ser de qualidade inferior é indicada para a construção de vigas, caibros, obra internas, postes, esteios e moirões para lugares secos.





4 IPÊ AMARELO

Nome Científico:
Tabebuia chrysotricha

Características:

Família: Bignoniaceae.

Utilização: madeira utilizada na construção civil, cercas, molduras, postes, tábuas, rodapés, etc. espécie muito utilizada pelo paisagismo urbano.

Coleta de sementes: diretamente da árvore quando começar a abertura espontânea dos frutos.

Época de coleta de sementes: outubro a novembro.

Fruto: legume deiscente.

Flor: amarela.

Crescimento da muda: médio.

Germinação: rápida.

Plantio: mata ciliar, área aberta.

Observação: semear logo após a coleta, pois perde rapidamente poder de germinação. A cobertura das sementes nas sementeiras deve ser uma fina camada com substrato leve.

As características morfológicas do Ipê-Amarelo são: Altura de quatro a dez metros, com tronco de trinta a quarenta centímetros de diâmetro. Ramos novos e pecíolos

cobertos por densa pubescência ferrugínea. Folhas compostas; folíolos pubescentes em ambas as faces, ásperos, coriáceos, e cinco a dez centímetros de comprimento por três a cinco centímetros de largura.

Moderadamente pesada, resistente, difícil de serrar, de grande durabilidade mesmo quando em condições adversas.

Floresce durante os meses de agosto-setembro, geralmente com a planta totalmente despida da folhagem. Os frutos amadurecem a partir de setembro a meados de outubro.

Histórico

Ipê é uma palavra de origem tupi, que significa árvore cascuda, e é o nome popular usado para designar um grupo de nove ou dez espécies de árvores com características semelhantes de flores brancas, amarelas, rosas, roxas ou lilás. No Norte, Leste e Nordeste do Brasil, são mais conhecidos como pau d'arco (os indígenas utilizavam a madeira para fazer arco e flecha); no Pantanal, como peúva (do tupi, árvore da casca); e, em algumas regiões de Minas Gerais e Goiás, como ipeúna (do tupi, una = preto). Na Argentina e Paraguai ele é conhecido como lapacho.

Conhecidos por sua beleza e pela resistência e durabilidade de sua madeira, os ipês foram muito usados na construção de telhados de igrejas dos séculos XVII e XVIII. Se não fosse pelos ipês, muitas dessas construções teriam se perdido com o tempo. Até hoje a madeira do ipê é muito valorizada, sendo bastante utilizada na construção civil e naval.

Curiosidades

A madeira é própria para obra externas, como postes, peças para pontes, tábuas para assoalhos, rodapés, molduras, etc. A árvore é extremamente ornamental, principalmente quando em flor; é a espécie de ipê amarelo mais cultivada em praças e ruas estreitas e sob redes elétricas em virtude de seu pequeno porte.

De forma geral os ipês ocorrem principalmente em florestas tropicais, mas também podem aparecem de forma exuberante no Cerrado e na Caatinga. A *Tabebuia*

chrysotricha é uma das espécies nativas de ipê-amarelo que ocorre na Mata Atlântica, desde o Espírito Santo até Santa Catarina. Este nome científico (chrysotricha) é devido à presença de densos pêlos cor de ouro nos ramos novos. Tem como sinonímias Botânicas: *Tecoma chrysotricha* e *Handroantus chrysotrichus*.





5 PAINEIRA ROSA

Nome Científico
Chorisia speciosa

Características

Nome Popular: Paineira-rosa, paineira, árvore-de-paina, paina-de-seda, árvore-de-lã, barriguda, paineira-fêmea, paineira-de-espinho

Família: Malvaceae

Divisão: Angiospermae

Origem: Brasil e Argentina

Ciclo de Vida: Perene

A paineira-rosa é uma árvore bastante popular, e isto se deve principalmente à sua beleza extraordinária e seu curioso fruto. O tronco é cinzento-esverdeado e recoberto de acúleos grandes e piramidais. A madeira da paineira-rosa é bastante leve, mole e pouco resistente, além de não ter boa durabilidade.

As flores pintalgadas de vermelho, podem se apresentar em diversas tonalidades de rosa, de acordo com a variedade. O fruto é bastante grande e se abre quando maduro, liberando boa quantidade de paina-sedosa, entremeada com as sementes que são carregadas pelo vento. A paineira-rosa é uma árvore tropical, mas tolera o frio, desde que não seja muito intenso. Multiplica-se facilmente por sementes, que germinam e se desenvolvem rapidamente.

Árvore caducifólia com até 30 m de altura e 120 cm ou mais de diâmetro, na idade adulta. Folhas com sete folíolos glabros, lanceolados com 10 a 15 cm de comprimento e 4 a 5 cm de largura, margem serrilhada; pecíolo de 5 a 17 cm de comprimento. Ocorre

naturalmente nos estados da Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Distrito Federal.

Planta decídua, heliófita, seletiva higrófita, característica da floresta latifoliada semidecídua. Ocorre tanto no interior da floresta primária densa, como em formações secundárias; prefere solos férteis de planícies aluviais e fundo de vales. Produz anualmente grande quantidade de sementes viáveis, que são amplamente disseminadas pelo vento graças à sua fixação à paina.

Histórico

Ocorre naturalmente no Peru, Bolívia, noroeste da Argentina, Paraguai e sul do Brasil e Uruguai. Porém para alguns autores, ainda não há consenso de sua real ocorrência natural.

Curiosidades

A paineira chamava-se, até pouco tempo, *Chorisia speciosa*. Este nome se deve a homenagem feita ao artista russo Ludwig Choris (1795-1828), o qual viajou em várias expedições de naturalistas pela América do Sul e Europa. O termo *"speciosa"* significa "bela", devido à beleza de suas flores.

Cerne branco-amarelado, suavemente rosado e textura grossa. Possui fraca resistência e grande tendência ao apodrecimento. É utilizada em aeromodelismo, material isolante, flutuadores, enchimento de portas, embalagens leves, caixas, forro de móveis, cochos, gamelas, tamancos, canoas, divisórias e outros usos que não requeiram resistência. Além disso, produz pasta para cartão e papel.

A paineira-rosa é uma planta excelente para o paisagismo de grandes áreas, como parques e jardins públicos, devido ao seu rápido crescimento, rusticidade e beleza. A floração é intensa e ocorre no verão e outono com a árvore semi ou completamente despida de sua folhagem.





6 JAMBO

Nome Científico

Syzygium jambos

Características

Árvores com ramos acinzentados e cicatrizes foliares aparentes. Folhas opostas, elípticas, ápice agudo, glabras, de coloração verde-escura, brilhante com a face inferior mais clara. Flores de coloração branco-esverdeadas, adensadas, de estames longos, brancos, bem destacadas na árvore, perfumadas e melíferas. Fruto baga globosa, amarelo-rósea, róseo-branca, ou arroxeada, polpa suculenta, perfumada e de sabor muito agradável.

Histórico

Espécie exótica, originária da Ásia. Cultivada em todas as partes quentes não só no Brasil como dos demais países de clima tropical.

Curiosidades

Frutífera consumida ao natural ou como doces, geléias, compotas e a polpa do fruto fermentado produz aguardente. A árvore pode também ser utilizada como planta ornamental e como quebra-vento.





7 SAPUCAIA

Nome Científico
Lecythis pisonis

Características

É uma árvore média a alta da mata atlântica úmida, com ocorrência desde o Rio de Janeiro até o Ceará, com predominância nos estados do Espírito Santo e Bahia. Sua freqüência natural na floresta nunca foi muito alta e, hoje, já pode ser considerada rara no habitat. Isto se deve a pequena produção de sementes e a intensa perseguição dos macacos que consomem avidamente suas castanhas. Ocorre quase que exclusivamente nas várzeas e início de encostas em solos de boa fertilidade e bem supridos de matéria orgânica e umidade, porém não ocorre em solos permanentemente encharcados. Apesar de sua altura máxima não ultrapassar 40 m, seu tronco pode atingir 9 m de circunferência. Quando cultivada fora da mata, seu porte não ultrapassa 25 m e sua copa é mais globosa, quando comparada com exemplares da floresta. É considerada uma planta decídua, ou seja, que perde suas folhas no inverno, quer pela menor disponibilidade de água no solo, quer pela menor temperatura nesta época do ano. Na primavera surgem as folhas novas de cor rosa-avermelhada, juntamente com as flores de cor lilás, conferindo à sua copa beleza indescritível. Este espetáculo dura algumas semanas, atingindo o seu

auge no final de outubro e passando lentamente para a cor verde normal. Somente árvores adultas (com mais de 8 anos) exibem esta característica. Existem mais 3 espécies de sapucaia, porém nenhuma com esta característica, apesar de se assemelharem morfologicamente. A sapucaia, contudo, não é a única espécie de árvore a exibir folhas novas coloridas.

Histórico

Originalmente sua distribuição natural se estendia desde o Ceará até o Rio de Janeiro na mata atlântica de várzea, sendo mais freqüente, contudo do sul da Bahia até o norte do Rio de Janeiro. Sua ocorrência e importância foram mais acentuadas no Espírito Santo e Rio de Janeiro, tendo inclusive emprestado o seu nome para designar várias localidades, como a cidade de Sapucaia no Rio de Janeiro.

Curiosidades

Uma das principais curiosidades desta árvore é a forma de seu fruto, denominada botanicamente "pixídio" e popularmente conhecida como "cumbuca". Trata-se de uma cápsula lenhosa de forma globosa de 2-4 kg e até 25 cm de diâmetro, dotada de uma tampa na extremidade oposta ao cabinho de fixação que se descola e cai quando o fruto está maduro para permitir a liberação das sementes. Isto ocorre nos meses de agosto-setembro. As sementes ou "castanhas" são comestíveis e muito deliciosas. Seu sabor rivaliza com a "castanha-do-pará", contudo não é comercial porque a produção é muito baixa e muito perseguida pelos macacos e outros animais selvagens.

Não é considerada de excelente qualidade. De densidade média (0,88 g/cm3), dura, resistente, grã direita, de textura média, era usada principalmente para vigamentos de construções rurais em geral, esteios, postes, estacas, tábuas para assoalhos, pontes, etc. Sua durabilidade quando exposta ao tempo não é das maiores.





8 JACARANDÁ DA BAHIA

Nome Científico

Dalbergia nigra

Características

Altura de 15-25 metros, com tronco de 40-80 cm de diâmetro. Folhas compostas pinadas de 5-8 cm de comprimento, com 11-17 folíolos glabrescentes de 12-15 mm de comprimento.

Planta decídua, heliófita, seletiva xerófita, característica da floresta pluvial da encosta atlântica. Ocorre principalmente nas encostas bem drenadas, sendo encontrada tanto no interior da mata primária densa como nas formações secundárias; apresenta caráter pioneiro, ocorrendo inclusive em cortes de barrancos. Produz anualmente grande quantidade de sementes viáveis e é capaz de regenerar também a partir de raízes.

Floresce durante os meses de setembro-novembro. A maturação dos frutos ocorre nos meses de agosto-setembro.

Histórico

É uma das mais valorizadas madeiras brasileiras e foi explorada desde o início do período colonial. Sem ocorrer reposição, sem replantio, foi ficando rara, tendo quase desaparecido, assim como o pau Brasil. Uma das dificuldades para o brotamento das sementes é que elas são utilizadas por roedores como alimento. O desequilíbrio ecológico, a diminuição do número de cobras, predador natural dos ratos, tem aumentado a população destes últimos, o que não é bom para a manutenção da Mata Atlântica. O jacarandá-da-bahia, além de patrimônio natural, é patrimônio cultural do nosso povo e precisa ser replantado.

Curiosidades

Madeira Moderadamente pesada (densidade 0,87 g/cm3), bastante decorativa, muito resistente, de longa durabilidade natural. É própria para mobiliário de luxo, sendo mundialmente conhecido seu emprego na construção de piano; empregada também para acabamentos internos em construção civil, como lambris, molduras, portas, rodapés, para folhas faqueadas decorativas, revestimento de móveis, caixas de rádios e televisões, peças torneadas, instrumentos musicais, etc. A árvore é muito ornamental, principalmente pela folhagem delicada e forma aberta de sua copa; é largamente empregada no paisagismo em geral. Como planta rústica e adaptada a terrenos secos, é ótima para plantios mistos em terrenos degradados de preservação permanente.

Tem como nomes populares: jacarandá-da-bahia, jacarandá-preto, caviúna, cabiúna, cabiúna-rajada, cabiúna-do-mato, graúna, caviúno, jacarandá, jacarandá-cabiúna, jacarandá-caviúna, jacarandá-una, pau-preto, jacarandazinho.





9 FICUS BENJAMINA

Nome Científico

Ficus benjamina

Características

Planta angiospérmica (sementes escondidas no fruto) da Família das Moraceae, de folhas perenes (perenifólia). Atualmente encontra-se disseminada por quase todos os países tropicais e sub-tropicais.

As folhas são ovaladas e tem a orla ligeiramente ondulada, de cores que vão do verde escuro até verde acinzentado, com manchas mais claras, na sub-espécie “variegata”. Suas folhas são pequenas, brilhantes e perenes, de coloração verde ou variada, de branco ou amarelo, conhecidos como Fícus rajado. Pode possuir frutos pequenos, de cor verde, tipo figo, que ficam vermelhos ao amadurecer.

Com caule acinzentado, raízes aéreas e ramos pêndulos, ela tem crescimento moderado e em condições naturais, chega a 30 metros de altura. Suas folhas são pequenas, brilhantes e perenes, de coloração verde ou variada, de branco ou amarelo, conhecidos como Fícus rajado.

Histórico

A *Ficus benjamina* é originária da Índia, Himalaias, Malásia e Norte da Austrália.

Curiosidades

Os seus ramos pendentes e a folhagem densa (quando saudável) dão-lhe um aspecto muito atraente e por isso tem grande procura como planta ornamental.

A *Ficus benjamina* adapta-se bem a planta de interior e é muito conhecida, difundida e preferida pela sua resistência e beleza.

A sua seiva, leitosa e algo resinosa, (látex) é venenosa e pegajosa, mancha os tecidos e pode provocar irritação da pele e reações alérgicas: comichão nos olhos e na pele, tosse e dificuldades respiratórias. No entanto, estes sintomas só duram poucos

minutos.





10 PAU FERRO

Nome Científico
Caesalpinia ferrea

Características

O pau-ferro é um árvore perenifólia a semi-decídua, nativa da mata atlântica, ocorrendo do sudeste ao nordeste do Brasil, nas florestas pluviais de encosta atlântica (floresta ombrófila densa). A copa é arredondada e ampla, com cerca de 6 a 12 metros de diâmetro. O porte é imponente, atingindo de 20 a 30 metros de altura. O tronco apresenta 50 a 80 cm de diâmetro. Ele é claro, marmorizado, liso e descamante, o que lhe confere em efeito decorativo interessante. As folhas são compostas bipinadas, com folíolos elípticos de cor verde-escura. A floração ocorre no verão e outono. As flores são amarelas, pequenas, e de importância ornamental secundária. Os frutos são vagens duras que amadurecem no inverno. Parte dos frutos cai, enquanto que uma boa parte ainda permanece na planta, formando um banco de sementes aéreo. Como o próprio nome já diz, o pau-ferro possui madeira dura, densa, durável e resistente e seu crescimento é rápido, principalmente nos primeiros anos.

Histórico

Nativa do Brasil, oriunda da caatinga nordestina.

Curiosidades

O pau-ferro é muito visado para o paisagismo por suas características ornamentais e de sombreamento. Apesar do porte, não possui raízes agressivas, o que é um fator importante de eleição para arborização urbana. Como o próprio nome já diz, o pau-ferro possui madeira dura, densa, durável e resistente, de excelente qualidade para a fabricação de violões e violinos, e para construção civil, na construção de vigas, esteios, caibros, etc. Seu crescimento é rápido, principalmente nos primeiros anos. Em

recuperação de áreas degradadas, o pau-ferro também é uma excelente escolha, por crescer bem em áreas abertas.

Propriedades Medicinais

Indicações: Diabetes, infecções bronco-pulmonares, infecções intestinais, disenterias, diarréias, cáries, gengivite, reumatismo, sífilis

Propriedades: Anti-séptico, antimicrobiana, adstringente, depurativo.

Partes usadas: Cascas





11 ANGICO

Nome Científico
Anadenanthera SP

Características

Raiz

A planta jovem forma tubérculos lenhosos pequenos na raiz principal, que é pivotante e acentuada em relação às laterais. Na planta adulta não se encontra mais tubérculos e as raízes superficiais são mais desenvolvidas.

Caule

Nos solos férteis e profundos, tem caule ereto, porém nos solos de tabuleiro, nas ladeiras, tem caule tortuoso. A casca tem muitas variações, tanto na cor (clara, acinzentada, castanho avermelhado, escura) como na textura (completamente coberto de acúleos, escura, profundamente gretada, áspera, apresentando arestas salientes; ou com poucos acúleos; ou lisa totalmente desprovida de acúleos e com fissuras longitudinais pouco profundas). Ao ser ferida ela exsuda uma goma-resina amareladas e avermelhada.

Folha

Composta bipenadas, com até 30 pares de pinas opostas, estas medindo 4 a 8 cm; folíolos de 50 a 80 pares, opostos, sésseis, em geral medindo 3-6 x 1-2 mm; pecíolo com glândula preta eliposóide, localizada junto à inserção e mais algumas menores entre os últimos pares de folíolos.

Flor

Branca ou amarelo-esverdeadas, pequeninas, dispostas em capítulos globosos auxiliares ou terminais, de 3 a 5 cm, co cheiro característico e suave.

Fruto

O Fruto e uma vagem castanho-avermelhado, achatado, grande, até 30 cm de comprimento, com superfície rugosa e dotada de pequenas excrescências e com bordas espessados e levemente constritos entre as sementes. Contem 8 a 15 sementes e se abre, do inicio, apenas por um dos lados.

É uma das espécies de mais ampla distribuição no espaço das caatingas, mais habita também as florestas decíduas alta, a mata atlântica, o cerrado, o Pantanal Mato-Grossense (nas partes secas calcárias) e campos rupestres ou de altitude, ocorrendo desde o Maranhão até o norte da Argentina, Peru, Bolívia, Paraguai, e de Minas Gerais até Mato Grosso. Na caatinga, tem porte entre 3 a 15m em outros ecossistemas atinge 20 ou até 30 m com diâmetro de até mais de um metro.

Histórico

Elas são nativas da América tropical, principalmente do Brasil

Curiosidades

Propriedades Medicinais:

Em forma de goma dissolvida aplica-se a:

- tosse;
- bronquite;
- asma;
- demais doenças respiratórias

Em forma de xarope, pela casca:

- diarréia;
- disinteria;
- anginas;

É útil também como:

- adstringente;
- depurativo;
- hemostático;

E atua em:

- leucorréias;
- gonorréias.

Porém, o uso excessivo pode causar lesões no septo e na boca.

O seu uso está bem documentado e expande-se a pelo menos 55 tribos indígenas. O pó feito das sementes chama-se cohoba, e é cheirado em rituais no Brasil, Chile, Colômbia, Peru, Haiti, República Dominicana e Porto Rico. Têm sido descobertos muitos instrumentos de uso, o tubo longo, usado para soprar cohoba para o nariz de outra pessoa, sendo o objeto mais familiar.



12 CEDRO

Nome Científico
Cedrus deodara

Características

É uma árvore conífera de grande porte, que chega a atingir 40 à 50 metros de altura, excepcionalmente 60 metros, com um tronco que pode medir até 3 metros de diâmetro. Tem uma copa cónica, com ramos nivelados e lançamentos pendentes. Folhas nos braquiblastos. As folhas são aciculares (com forma de agulha) geralmente com 2,5 a 5 centímetro de comprimento, por vezes atingindo os 7 centímetros, finas (1 mm de diâmetro), isoladas nos macroblastos (ramos maiores) e em tufos ou pincéis densos com 20 à 30 nos braquiblastos (ramos menores); variando do verde-brilhante ao glauco verde-azulado. Os estróbilos têm a forma de barril, com 7 à 13 centímetros de comprimento e 5 à 8 centímetros de diâmetro, desintegrando-se após a maturação (12 meses após a polinização) de forma a libertar as sementes aladas. As inflorescências masculinas medem de 4 a 6 centímetros de comprimento, libertando o pólen no outono.

Histórico

É a árvore nacional do Paquistão . Entre os hindus, é adorado como uma árvore divina, especialmente na Caxemira, Punjab e aldeias, como o nome sugere deodar. A primeira metade da palavra significa deva palavras do divino, divindade, deus, e Zeus, o duro conota segunda parte, druida, árvore, e verdadeiro.

Curiosidades

Propriedades medicinais: anti-seborréica, anti-séptica, aromática, calmante, condicionante, desinfetante, desodorante, fixadora, fortalecedora dos cabelos, fungicida. O cedro-do-himalaia é uma árvore ornamental apreciada pela elegância do seu porte, sendo frequente usada em parques e grandes jardins devido à sua folhagem pendente.

O cedro é uma árvore ornamental apreciada pela elegância do seu porte, sendo frequente usada em parques e grandes jardins devido à sua folhagem pendente.





13 JEQUITIBÁ

Nome Científico

Cariniana legalis

Características

Árvore muito alta (30-50 m de altura) da mata atlântica clímax, com tronco retilíneo e cilíndrico de 70-100 cm de diâmetro. Exemplares centenários são comuns em muitas matas do estado de São Paulo, onde a altura pode se aproximar dos 55 m e o diâmetro na base do tronco pode ultrapassar 2 m. É uma das árvores mais altas da flora brasileira e certamente a mais alta da Mata Atlântica. Folhas membranáceas de 4-7 cm de comprimento que adquirem tonalidades róseo-avermelhadas quando novas. Os frutos são cápsulas lenhosas com formato semelhante à de um cachimbo, que deixam liberar as sementes por uma abertura em sua extremidade distal quando maduros.

É uma planta semidecídua durante o período invernal, tanto heliófita como esciófita, cuja dispersão é bastante irregular e descontínua ao longo de sua área de dispersão. Pode ser muito freqüente em determinadas locais como no interior do estado de São Paulo ou Norte do Espírito Santo, podendo faltar completamente em outros locais. Ocorre principalmente no interior da floresta primária densa, onde ocupa o dossel superior, contudo tolera ambientes abertos de formações secundárias.

Histórico

Os quinhentos anos de colonização e a exploração desordenada exterminaram os jequitibás no Nordeste do Brasil. As árvores foram transformadas em materiais de construção e de mobiliário ou, simplesmente, foram derrubadas para gerar mais espaço para as plantações. No presente, os jequitibás podem ser vistos do Espírito Santo até São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso.

Há mais de cinqüenta e cinco anos, não são encontrados jequitibás no Estado de Pernambuco. Os últimos registros são datados de 1952, e estão nos arquivos da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Pernambuco (IPA). No primeiro, consta que o botânico italiano Adolpho Ducke (1876 - 1959) encontrou um jequitibá na Usina Mussurepe, em

Paudalho, perto da Estrada de Aldeia, na Zona da Mata Norte do Estado, em um remanescente florestal; e, no segundo, que o botânico paraibano Dárdano de Andrade Lima (1919 -1981), que era curador do herbário do IPA, encontrou um outro no Engenho Itaboraí, em Paudalho/PE. Segundo esses dois pesquisadores, existiam muitos jequitibás na área onde, hoje, só restam dois, mas eles foram derrubados para se expandir a fronteira agrícola, e passaram a fazer parte das árvores em processo de extinção. No presente, podem ser encontrados apenas na Região Sudeste, e em alguns Estados vizinhos.

Curiosidades

Fornece madeira leve (0,53 g/cm3), macia, de baixa resistência ao ataque de organismos xilófagos, usada para construção civil em obras internas, para confecção de contraplacados, móveis, brinquedos, lápis, salto de calçados, cabos de vassouras, etc. Suas sementes são o alimento preferido dos macacos. A árvore, apesar de seu grande porte, é ótima para a arborização de parques e grandes jardins. Esta árvore, pelo tamanho monumental, é admirada por todos a ponto de ter sido escolhida como árvore símbolo do estado de São Paulo e ter emprestado seu nome para designar cidades, palácios, parques, ruas e bairros em todo o sudeste do país.





14 OITI

Nome Científico
Licania tomentosa

Características

Espécie que atinge altura máxima de 15 m , com tronco de 30 a 50 cm de diâmetro. Copa frondosa e as raízes não são agressivas. As folhas são simples, alternas, elípticas, alongadas, de 7 a 14 cm de comprimento por 3 a 5 cm de largura, pilosas em ambos os lados e de cor verde-clara, quando novas, tornado-se glabras, a pilosidade se destaca quando esfregamos a folha. Quando completamente formadas possuem bordas lisas, superfície lisa e brilhante, cor verde-escura e persistente durante o ano todo. As flores são pequenas e brancas, produzidas em inflorescências (cachos) e resultam na formação de grande quantidade de frutos por planta. Os frutos, quando maduros, apresentam coloração amarela. A planta produz grande quantidade de frutos de tamanho médio, polpa fina, forma ovalada, com cerca de 5 cm de comprimento e a maior parte tomada por um grande caroço bem resistente, que é a semente, envolta em massa amarela, pegajosa e fibrosa, aroma agradável e saborosa. Um Kg de sementes contém aproximadamente 84 unidades.

Histórico

Espécie típica da flora brasileira, é uma árvore-símbolo da Região Nordeste, com grande valor simbólico, principalmente no estado de Pernambuco.

Curiosidades

A *Licania tomentosa* fornece ótima sombra, sendo ideal para o paisagismo urbano e de acordo com estudos, extratos da espécie inibem a ação do vírus herpes-simples.





15 ANGICO-BRANCO

Nome Científico
Anadenanthera colubrina

Características

São árvores de folhas miúdas, frutos alongados do tipo vagem, com sementes marrom-avermelhadas, redondas, lisas e achatadas. Tem germinação alta e crescimento rápido. Normalmente são árvores de médio a grande porte, comuns em capoeiras ou na colonização de áreas abertas, no inverno perdendo totalmente as folhas. Tem copa ampla de folhagem rarefeita, no total chegando aos 20-25 metros.

As árvores de angico-branco são encontradas, em boa parte, com intensa florada entre novembro e janeiro. Após perder as folhas, fica coberta de flores brancas. Brotam com as primeiras chuvas de setembro, em seguida sendo coberto por numerosas inflorescências.

Possui tronco acinzentado, tortuoso e alto. A Casca tem espessura de até 20 mm. A casca externa é lisa branco-acinzentada a cinza-escura, áspera, provida de fendas finas. A casca interna é levemente avermelhada. Sua casca é rica em taninos.

Histórico

Elas são nativas da América tropical, principalmente do Brasil.

Curiosidades

A flor do angico é melífera e atrai insetos e aves e é muito procurada pelas abelhas.sendo já amplamente utilizada em curtumes. Sua casca amarga pode ser antidesintérica e útil na cura de úlceras. É expectorante energético e com várias aplicações medicinais. A tintura obtida de suas folhas é eficaz em golpes e comoções cerebrais. Sua resina possui aplicações medicinais e industriais.

Sendo rústicos e adaptados a terrenos secos, são recomendados para

recuperação ambiental, crescendo muito bem em solos pobres e degradados, podendo ser útil ainda na arborização urbana e no paisagismo. Pode ser aproveitada para arborização de parques e praças e para o plantio em florestas mistas destinadas às áreas de preservação permanente.





16 FALSO PAU-BRASIL

Nome Científico

Colubrina glandulosa

Características

Possui de 10-20 metros de altura, planta morfologicamente bem variável. Floração em grande parte do ano, mas mais intensamente em outubro-dezembro, frutos principalmente em dezembro-fevereiro (Lorenzi, 2000).

Histórico

Esta árvore, originária da Índia e da Malásia, foi introduzida no Brasil porque tem as propriedades do pau-brasil, árvore que fornecia, no cerne do seu tronco, material para tingir os tecidos de vermelho, e era vendida como se uma fosse a outra - origem do nome mais conhecido. É muito parecida, na imagem arbórea, com a "Sibipiruna".

Curiosidades

Construções em geral, qualidades ornamentais, planta rústica de fácil cultivo. Produz anualmente grande quantidade de sementes, o que permite ampla disseminação nos meses de outubro-dezembro. Os frutos amadurecem principalmente em dezembro-fevereiro.





17 PALMEIRA TAMAREIRA

Nome Científico
Phoenix dactylifera

Características

Palmeira solitária, ou cespitosa, dióica, robusta, desprovida de palmito visível, de 15-30 m de altura. Caule geralmente simples por remoção das brotações da base, surgidas de estolões, revestido durante muitos anos pela base das folhas já caídas, com diâmetro variável de 27 a 45 cm. Na fase adulta a produção de brotos, tanto na base como no tronco é bem menor. Folhas pinadas, glaucas (verde-azuladas), de 3-5 m de comprimento, com numerosas pinas rijas, as da base transformadas em espinhos. Inflorescências unissexuais, dispostas entre as folhas, ramificadas e longas, com flores masculinas e femininas em plantas separadas. Frutos ovóide alongados, brilhantes, amarelo- avermelhados e depois marrons, de polpa carnosa, densa e doce. As sementes são alongadas, pontiagudas, com sulco longitudinal característico.

Histórico

Origem no Norte da África, Oriente Médio e Índia, em regiões costeiras.

Curiosidades

Espécie pouco cultivada como ornamental no país, contudo em expansão no Nordeste semi-árido irrigado para produção dos frutos conhecidos como “tâmaras”. Para isto é indispensável a presença de plantas masculinas e femininas na mesma área. Há diversas variedades selecionadas para produção de frutos. É também adequada para o paisagismo, destacando-se pela beleza da folhagem.





18 PALMEIRA LEQUE

Nome Científico
Licuala grandis

Características

A Licuala é uma palmeira de tronco simples, originariamente da Oceania, e abrange cerca de 2-3 metros de altura, com uma folhagem muito decorativa. Suas folhas são praticamente orbiculares, grandes, plissadas, de margens uniformemente denteadas, coriáceas, verde-escuras e brilhantes.

Contém inflorescências grandes, ramificadas e com flores pequenas, sem importância decrativa. Seus frutos são esféricos, pequenos e de casca marrom.

Ela é cultivada e muito valorizada em vasos para interiores iluminados, ou a meia-sombra como planta isloada ou em grupos, em terra sempre úmida. Não é resistente ao frio e muito menos a ventos e desenvolve-se melhor ao frio e desenvolve-se melhor na zona litorânea.

Histórico

Planta exótica das Ilhas Solomon e Nova Britânia.

Curiosidades

Utilizada na decoração interna de casas, apartamentos e parques de visitação.





19 PALMEIRA LATÂNIA

Nome Científico
Latania loddigesii

Características

Palmeira solitária, dióica, desprovida de palmito visível e dotada de copa densa e arredondada, de 8-10 mdc altura. Caule fino, cilíndrico, fortemente anelado ou provida dos remanescentes das folhas já caídas, de cor acinzentada, de cerca de 18cm de diâmetro.

Folhas em leque, grandes (até 4 m de comprimento), expandidas, divididas em segmentos cinza-azulados, com o pecíolo e a região basal da lâmina revestidas por lanugem branca espessa na juventude.Na juventude apresenta folhas avermelhadas e pecíolo e região basal da lamina de um vermelho intenso.

Inflorescências dispostas entre as folhas, com as masculinas e femininas em plantas separadas (dióica), ramificadas, pendentes, de quase 2 m de comprimento. Frutos numerosos, marrom-esverdeados, brilhantes, ovalados, com polpa mole e contendo 1-3 sementes.

Sementes ovóides alongadas, estriadas em relevo.

Histórico

Origem nas Ilhas Mascarenas ou Reunião.

Curiosidades

Espécie ainda não difundida no país, cultivada apenas em coleções botânicas, destaca-se pela tonalidade azulada de suas folhas, mais acentuada quando a pleno sol e na fase adulta.

Na juventude apresenta folhas e caules de tons vermelhos de grande beleza. É adequada para cultivo em vasos para interiores quando jovem e para arborização de parques e grandes jardins, isoladamente ou em grupos.





20 PALMEIRA REAL

Nome Científico

Archontophoenix cunninghamii

Características

De porte elegante, seu estipe geralmente é único, anelado e alcança de 15 a 20 metros de altura e até 20 cm de diâmetro. As folhas são pinadas, longas, com ráquis curvada e folíolos lanceolados, rígidos, acuminados e verdes. O palmito é longo e visível, recoberto pelas bainhas foliares, de cor verde clara. A inflorescência surge logo abaixo do palmito e tem cerca de 1 m de comprimento. Ela é do tipo espádice, pendente, divida em numerosas espigas com ramificações fortes e uma espata esverdeada que se desprende da planta com o amadurecimento das flores. As flores são brancas a violáceas e atraem abelhas, principalmente arapuás. Os frutos são drupas esféricas e vermelhas, atrativas para os passarinhos.

Histórico

A história cultural da palmeira real ou imperial deveria ser inserida no contexto global da difusão de palmeiras em geral. Essa difusão, na era moderna, é estreitamente relacionada com a história colonial. Quanto ao Oriente, tem-se salientado o papel dos holandeses no início da pesquisa de palmeiras nos seus postos asiáticos. No início do século XVII, introduziram-se os primeiros exemplares no Jardim Botânico de Leiden, nos Países Baixos. Entre 1678 e 1703, por ordem do governador holandês do Malabar, o botânico J. Commelin, de Amsterdam, criou a sua obra Hortus Malabaricus, com descrição pormenorizada da palmeira. Das antigas descrições, tem-se o Herbarium Amboinense de G. E. Rumphius (ca. 1627-1702).

Curiosidades

Esta palmeira é amplamente utilizada no paisagismo urbano nas grandes cidades

brasileiras. Da mesma forma que outras palmeiras, a seafórtia confere uma beleza tropical a qualquer jardim ou parque, com a diferença de que cresce muito mais rápido se comparada a outras espécies. Pode ser utilizada isolada, em renques ou em grupos. Quando plantadas bem juntas em duplas ou trios, obtém-se um efeito interessante e escultural, pois as palmeiras ficam ligeiramente curvas. Atualmente, esta palmeira vem sendo cultivada também para a produção de palmito, com excelente produtividade e qualidade. Devido à facilidade de propagação, pode tornar-se invasiva nos locais onde é introduzida.





21 PALMEIRA IMPERIAL

Nome Científico

Roystonea oleracea

Características

Palmeira solitária, robusta e altaneira, provida de palmito de mais de 2 m de comprimento, de 18-40 m de altura. Caule colunar ou levemente dilatado, de delineamento uniforme e elegante, liso, de cor esbranquiçada, com cerca de 46-66 cm de diâmetro.

Folhas pinadas, em número de 16-22 contemporâneas, de 2-4 m de comprimento, planas pela distribuição uniforme das pinas, dispostas obliquamente, porém as inferiores mais ou menos horizontalmente, deixando mostrar o palmito. Inflorescências afixadas abaixo das folhas, muito grandes e ramificadas, com bráctea peduncular de cerca de 1,5 m de comprimento. Frutos pequenos, cilíndrico-alongados, arroxeados.

Histórico

A história cultural da palmeira real ou imperial deveria ser inserida no contexto global da difusão de palmeiras em geral. Essa difusão, na era moderna, é estreitamente relacionada com a história colonial. Quanto ao Oriente, tem-se salientado o papel dos holandeses no início da pesquisa de palmeiras nos seus postos asiáticos. No início do século XVII, introduziram-se os primeiros exemplares no Jardim Botânico de Leiden, nos Países Baixos. Entre 1678 e 1703, por ordem do governador holandês do Malabar, o botânico J. Commelin, de Amsterdam, criou a sua obra Hortus Malabaricus, com descrição pormenorizada da palmeira. Das antigas descrições, tem-se o Herbarium Amboinense de G. E. Rumphius (ca. 1627-1702).

Entre as árvores que mais marcaram e marcam a imagem do Brasil encontra-se a palmeira imperial (Roystonea oleracea, Roystonea regia, Oreodosa regia). À frente de grandes casas de fazenda, solares, edifícios públicos e praças do Brasil, as palmeiras imperiais tornaram-se elemento até mesmo emblemático do país configurado como

independente no século XIX.

Curiosidades

Espécie largamente cultivada, introduzida no início do século IXX. Belos exemplares seculares são observados no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, imponentes pela altura que alcançam. De grande efeito paisagístico, é símbolo aristocrático na literatura nacional. Freqüente em parques como planta isolada, grupos, fileiras ou aléias. Exige locais espaçosos e ensolarados. O palmito é comestível.





22 CICAS

Nome Científico

Cycas revoluta

Características

Suas folhas são longas, rígidas e brilhantes, compostos por folíolos pontiagudos. A planta tem crescimento bastante lento, o que a torna muito valorizada no mercado. Ela multiplica-se pelas sementes formadas no ápice, mas principalmente pelas brotações laterais que surgem na planta adulta. Vai bem como planta isolada e em conjuntos no jardim ou em vasos.

Histórico

Cycas revoluta é originária das ilhas do Japão, é considerada como uma das espécies mais antigas do mundo.

Curiosidades

A Cica é um feto parecido com a palmeira, muito apreciada dos jardins nas regiões onde os invernos são suaves. Pelas regiões mais ao norte, podem ser plantadas em vasos, e por as cicas no outono num lugar iluminado e bem arejado, para fazer dela uma planta de interior.





23 PALMEIRA DENDÊ

Nome Científico
Elaeis guineensis Jacq.

Características

O fruto é simples e carnoso, com endocarpo espesso que protege a semente. Quando maduro, sua casca é alaranjada. De sabor doce e cheiro forte, é constituído de 45% de ácido palmítico, 1% de ácido mirístico, 4% de ácido esteárico, 40% de ácido oléico e 10% de ácido linoléico.

As variedades são classificadas, de acordo com a espessura (endocarpo), em: Dura – apresenta casca de mais de 2 mm de espessura e fibras na polpa; essa variedade é usada como planta feminina na produção de híbridos comerciais. Psífera – os frutos dessa variedade não possuem casca separando a polpa da amêndoa. Ela é usada como fornecedora de pólen na produção de híbridos comerciais. Tenera – apresenta casca com espessura inferior a 2 mm e anel fibroso ao redor desta, é obtida através do cruzamento das variedades dura com psífera, sendo recomendada para plantios comerciais.

Histórico

Acredita-se que o dendezeiro foi introduzido no Brasil pelos negros escravizados. Dele extrai-se também o vinho de dendê ou vinho de palma, de cor branquicenta, espumante e agridoce, o que se dá por meio de uma incisão na parte superior do espique ou logo abaixo da inserção das espatas do dendezeiro. Hoje anda distante da mesa afro-brasileira e desaparecido dos rituais religiosos nos terreiros de candomblé, mas no Brasil escravocrata era comercializado nos tabuleiros e bancas das “vendedeiras de rua”.

A experiência milenar na África e a secular da Bahia são o maior testemunho de que o óleo de dendê é absolutamente compatível com a saúde humana. Não há registro na literatura científica especializada de qualquer resultado suspeito ou conclusivo acerca da contraindicação do dendê na alimentação. O que ocorre é o uso abusivo desse

ingrediente na preparação de pratos típicos da culinária baiana, acarretando, naturalmente, a quebra da harmonia dos sabores e favorecendo distúrbios digestivos, fato que ocorreria com qualquer outro óleo.

O uso do óleo de dendê ou de palma data do tempo dos egípcios. Na África, o dendezeiro consta dos relatos dos primeiros visitantes europeus, como parte integrante da paisagem, dos hábitos e da cultura popular desde o século XV.
No Brasil, as primeiras plantações industriais de dendê datam do início dos anos 1960, na Bahia, e logo após no Pará e Amazonas.

Curiosidades

O dendê é muito usado para a produção de 2 tipos de óleo, extraídos por processos físicos, pressão e calor, sem qualquer uso de solventes químicos. O primeiro, extraído da polpa (mesocarpo) é chamado de dendê, azeite de dendê ou óleo de palma. Tem coloração avermelhada graças a substâncias carotenóides, muito caras à culinária baiana em pratos como caruru, vatapá, acarajé, entre outros. O segundo, o óleo de palmiste, é extraído da semente (amêndoa). Este óleo é semissólido em temperatura ambiente, com coloração escura e elevada proporção de ácido láurico e mirístico, utilizado na confeitaria, na produção de margarinas, sorvetes, sabões, detergentes e graxas.

Tais óleos são muitas vezes desodorizados e clarificados resultando num produto incolor largamente apreciado para fazer frituras, pois, nesse refino, há ganhos significativos de tocoferol (vitamina E). Esse fator os protege da oxidação e garante um bom índice de digestibilidade. Mesmo quando superaquecidos, mantêm um odor agradável, além de apresentar pouca tendência a formar subprodutos indesejáveis, como ocorre com outros óleos.

Com maior apuro no processamento do óleo de palma, é possível produzir um óleo de mesa que substitui satisfatoriamente o azeite de oliva. Para tanto, há o refino, a desodorização e o branqueamento, que visam a reduzir a viscosidade, neutralizar o odor e o sabor e retirar os pigmentos carotenóides responsáveis pela coloração alaranjada do óleo.

Esse novo produto, conhecido como RDB (em português, refinado, descorado e

desodorizado), já conquistou o mercado internacional e é muito consumido na Europa, Estados Unidos, México e América Central. No Brasil, porém, ainda é pouco conhecido. Quando o óleo de palma é submetido ao processo de fracionamento, hidrogenação ou interesterificação, aumentam de maneira considerável suas possibilidades de uso, em particular na fabricação de produtos alimentícios especiais e sofisticados, como o vanaspati, uma manteiga vegetal clarificada, com textura granulada e ponto de fusão entre 33°C e 42°C, de uso frequente das populações de origem indiana do Sudeste Asiático, Pacífico e países como Egito, Iraque, Irã e Afeganistão. Segundo Felippe, os africanos comem as folhas jovens, tenras, dos dendezeiros, e as chamam de palmito. Folhas adultas são usadas para a cobertura das cabanas.

O consumo in natura tanto dos óleos quanto dos frutos, que são consumidos crus, assados ou cozidos, só ocorre na África e no Brasil. Contudo, o uso dos derivados, processados ou transformados industrialmente, já está consolidado nos principais mercados do mundo. Sua propagação se dá por sementes.





CONCLUSÃO

Hoje, no Parque Moscoso, existem diversas espécies arborícolas preenchendo o espaço educativo de um dos parques mais antigos do município de Vitória. Entre essas árvores, têm-se espécies nativas e exóticas, todas escolhidas pelo paisagista responsável pela arborismo do parque, Paulo Motta.

As árvores exóticas presentes no parque, variam da África às Ilhas Mascarenas, todas replantadas de forma a “decorar” o parque pois, por serem diferentes, tornam-se atrativos, fazendo do parque um local agradável para visitas e lazer de turistas e moradores do entorno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUNIZ, Maria. Parque Moscoso: Documento de Vida – Coleção Cadernos de História Nº45, IHGES. Disponível em: < http://www.turismocapixaba.com.br/parque-moscoso>. Visitado em: 13 de Abril de 2012.

DESCONHECIDO. Informações Botânicas, Jardinagem e Paisagismo. Disponível em: < **http://www.jardineiro.net**>. Visitado em: 7 de Março de 2012.

DESCONHECIDO. Árvores. Disponível em: < http://www.achetudoeregiao.com.br/ANIMAIS/sequoia.htm> Visitado em: 22 de Fevereiro de 2012.

DESCONHECIDO. Plantas. Disponível em: < http://www.plantasonya.com.br/arvores-e-palmeiras/oitizeiro.html> Visitado em: 13 de Março de 2012.

DESCONHECIDO. OITI - Licania tomentosa. Disponível em: < http://pro.casa.abril.com.br/group/produtoresecolecionadoresdebromliaseorqudeas/forum/topics/oiti-licania-tomentosa?xg_source=activity> Visitado em: 25 de Março de 2012.

DESCONHECIDO – Plantas que curam. Disponível em: < http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/acaju-caatinga.html> Visitado em: 30 de Março de 2012.

ANEXO D- PLANTA PARQUE MOSCOSO



ANEXO E- FICHA CATALOGRÁFICA DOS MONUMENTOS DO PARQUE MOSCOSO

Nº. 11e —— FICHA CATALOGRÁFICA
INVENTÁRIO DAS ESCULTURAS E MONUMENTOS URBANOS DE VITÓRIA/ES

BAIRRO: CENTRO
LOCALIZAÇÃO: PARQUE MOSCOSO
Próximo ao portão da Rua 23 de Maio

participações na IV BA/Paris, 1º Salão Esso-MAM/RJ (1ºprêmio), 4 Bienais/SP, 4 Panoramas da Arte Brasileira-MAM/SP, a Bienal Brasil Séc.XX/SP e a "Cotidiano/Arte: A Técnica" – Itaú Cultural/SP/1999. Em 1994 realizou em Vitória a retrospectiva, "Sólido Insólito", ocupando 4 galerias de arte e 1 shopping, simultaneamente. É autor dos troféus, o "Broto"/ES, "Coruja de Ouro"/cinema e "Copa Brasil/futebol. Foi jurado dos desfiles das Escolas de Samba-Grupo Especial/RJ, em 14 carnavais. Precursor da escultura cinética no Brasil utiliza a luz, som e movimento desde os anos 60.

8.2-FONTES: Entrevistas do artista à pesquisadora.

8.3-HOMENAGEADO: Cirurgião capixaba, nascido em Cachoeiro de Itapemirim, na tradicional família Monteiro que deu vários políticos ao ES. Trabalhou na Santa. Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, no Hospital Municipal Miguel Couto e no Souza Aguiar, dentre outros.

8.4-FONTES

9-INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

10-FOTOS DO ESTADO ATUAL: Sergio L. T. Câmara





11-FICHA

11.1-AUTOR: Maria Helena Lindenberg

11.2-DATA: 28/02/2008

Nº. 12e FICHA CATALOGRÁFICA
INVENTÁRIO DOS MONUMENTOS URBANOS DE VITÓRIA/ES

BAIRRO: CENTRO
LOCALIZAÇÃO: PARQUE MOSCOSO
Próximo ao portão da Rua 23 de Maio



1-IDENTIFICAÇÃO: **Pedro Feu Rosa (Dr.)**

2-AUTOR: **Carlo Crepaz**

3- NATUREZA DA OBRA / MATERIAL / TÉCNICA

3.1-OBRA: Busto de bronze

3.2-Maiores dimensões (cm)

H: 49 L: 33 C: 22

3.3-PEDESTAL: pedra??

3.4-Maiores dimensões (cm)

H: 103 L: 63,5 C: 54

4-INSCRIÇÕES: Sim

Assinado no ombro esquerdo - **Crepaz**

Placa de bronze no pedestal:

AO HUMANITÁRIO MÉDICO
PEDRO FEU ROSA
HOMENAGEM DO POVO CAPIXABA
01-05-82

5-DATA DE INAUGURAÇÃO: 1º de maio de 1982

6-DESCRIÇÃO SUCINTA/ FUNÇÃO: Homenageia médico capixaba mas está prejudicada pela localização, sem planejamento, junto a outros bustos de personalidades homenageadas, mas sem relação histórica ou artística.

7-CONSERVAÇÃO / ESTADO ATUAL

7.1-Conservada em seu aspecto original: **Não**

7.2- Restaurada/ alterada/ adaptada/ consertada/ **incompleta/ mal conservada**: Os óculos da obra estão quebrados. O pedestal é de mau gosto e as placas de pedra estão se descolando.

8- REFERENCIAS HISTÓRICAS

8.1-AUTOR: **Carlo Crepaz** - * Ortisei, Itália, 1911- + 1992

Carlo Crepaz nasceu em uma família tradicionalmente ligada à escultura. Sua mãe era filha de escultores e o pai possuía um atelier em Ortisei, cidadezinha nos Alpes italianos, onde executava, geralmente, encomendas de obras sacras.
Antes mesmo de ingressar no curso profissionalizante da Escola de Artes de Ortisei, Carlo já exercia o ofício. Na Itália exerceu a sua profissão em outras cidades como Roma e, também, na Alemanha.
Em 1951, devido à baixa demanda por obras de arte no período pós-guerra europeu, veio para Vitória a convite dos Padres Pavonianos (congregação de origem italiana) para trabalhar e dar aulas em uma oficina de escultura no bairro de Santo Antonio. O curso durou pouco, mas em 1954 ele foi convidado a lecionar na nascente Escola de Belas Artes, mais tarde integrada à UFES. No Centro de Artes ministrou a disciplina de Modelagem e foi professor de diversos artistas plásticos do ES até 1981.
Durante os 33 anos em que aqui viveu sua produção esteve mais voltada para a tradição religiosa, a execução de bustos de personalidades e ao atendimento às encomendas de monumentos no Estado. É o autor da maior parte das obras urbanas em Vitória onde

permanecem, como testemunhas do gosto oficial na estatuária pública a escultura do índio *Araribóia*, os bustos da Praça Costa Pereira, Praça Ubaldo Ramalhete e do Parque Moscoso, além do *Monumento ao Papa Pio XII*. Além dessas obras de importância histórica, há peças em que o olhar de cunho social ou o envolvimento do escultor com os modelos afloram na representação plástica, como as várias versões da catadora de lixo, *Dona Domingas*, sua vizinha no bairro de Santo Antonio.
Tanto no ES como em outros estados do Brasil e na Europa suas inúmeras esculturas foram sempre realizadas em madeira, gesso, bronze e cimento branco. Moradores e visitantes de Vitória ao passearem pelo centro e bairros próximos, têm a oportunidade de apreciar o grande apuro técnico e o domínio desses materiais nas belas esculturas do artista, tanto em igrejas quanto no cenário urbano de Vitória.
Durante sua vida artística Crepaz notabilizou-se com escultor da figura humana, mas foi, também, pintor de paisagens e restaurador.
Depois de aposentar-se pela UFES montou residência e ateliê em Jacaraípe e mais tarde, em 1984 retornou a Ortisei onde faleceu em 1992.

8.2-FONTES: Informações prestadas por Bruno Piozner, seu conterrâneo, ex-aluno e procurador.

8.3-HOMENAGEADO: O médico capixaba Dr. Pedro Miguel Feu Rosa

8.4:- FONTES

9-INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

10-FOTOS DO ESTADO ATUAL: Sérgio L. T. Câmara





11-FICHA

11.1-AUTOR: Maria Helena Lindenberg

11.2-DATA: 28/02/2008

Nº. 13e- FICHA CATALOGRÁFICA
INVENTÁRIO DAS ESCULTURAS E MONUMENTOS URBANOS DE VITÓRIA/ES

BAIRRO: CENTRO
LOCALIZAÇÃO: PARQUE MOSCOSO
Próximo ao portão da Rua 23 de Maio.



1-IDENTIFICAÇÃO: **Santos Dumont**
2-AUTORIA: **Carlo Crepaz**
3- NATUREZA DA OBRA / MATERIAL / TÉCNICA
3.1-OBRA: Busto de bronze
3.2 - Maiores dimensões (cm)
H: 57 L: 52 C: 34
3.3-PEDESTAL: Cimento e granito apicoado
3.4 - Maiores dimensões (cm)
H: 98 ø: 95

4-INSCRIÇÕES: Sim
Assinado no ombro esquerdo: **Crepaz**
Placa com inscrições desaparecida

5-DATA DE INAUGURAÇÃO: 20 de julho de 1973

6-DESCRIÇÃO SUCINTA/ FUNÇÃO: Na última reforma do Parque Moscoso, foi removida para as proximidades do portão da Rua 23 de Maio. Homenageia o Pai da Aviação, mas está prejudicada pela localização, sem planejamento, junto a outros bustos de personalidades homenageadas, mas sem relação histórica ou artística.

7-CONSERVAÇÃO / ESTADO ATUAL
7.1-Conservado em seu aspecto original: **Não**
7.2- Restaurada/ alterada/ adaptada/ consertada/ **incompleta/ mal conservada**: O busto está solto, sem fixação no pedestal e pode ser retirado com facilidade. O pedestal é adaptado e de mau gosto.

8- REFERENCIAS HISTÓRICAS
8.1-AUTOR: **Carlo Crepaz** - * Ortisei, Itália, 1911- + 1992
Descendente de escultores formou-se na EBA de sua cidade natal. Dos 16 aos 40 anos trabalhou na Itália e na Alemanha. Em 1951 veio para Vitória, a fim de ensinar na escola de arte das Obras Pavonianas, a convite dos padres. Foi um dos fundadores da EBA, atual CAR/UFES, onde lecionou de 1957 a 61. Naturalizou-se brasileiro. Após permanecer 33 anos no ES, retornou a Ortisei. Seu estilo manteve-se sempre dentro dos padrões clássicos. Deixou mais de 150 obras em várias cidades do ES, em outros estados brasileiros e países, principalmente bustos, santos e monumentos públicos em madeira ou bronze.
Ver ficha **Nº 12e**.

8.2-FONTES: Informações prestadas por Bruno Piozner, seu conterrâneo, ex-aluno e procurador.

8.3-HOMENAGEADO: Alberto Santos Dumont nasceu em 20/7/1873 e faleceu em 23/7/1932. Era aeronauta, inventor e engenheiro. Além do trabalho pioneiro com dirigíveis, ele foi o primeiro a decolar a bordo de um avião impulsionado por um motor aeronáutico. Em 23/10/1906, ele voou cerca de 60 m, a uma altura de 2 a 3 m com seu 14-Bis, no Campo de Bagatelle, em Paris. Apesar da maioria dos países do mundo considerar os irmãos Wright como os inventores do avião, por uma decolagem ocorrida em 17/12/1903, com o uso de uma catapulta, o 14-Bis teve uma decolagem autopropulsada, e por isso, Santos Dumont é considerado no Brasil e em alguns países, como a França, como o "Pai da Aviação".

8.4-FONTES:

9-INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

10-FOTOS DO ESTADO ATUAL





11-FICHA

11.1-AUTOR: Maria Helena Lindenberg

11.2-DATA: 26/02/2008

Nº. 14a - FICHA CATALOGRÁFICA
INVENTÁRIO DAS ESCULTURAS E MONUMENTOS URBANOS DE VITÓRIA/ES

BAIRRO: CENTRO
LOCALIZAÇÃO: PARQUE MOSCOSO
Próximo à Alameda Paulo Motta.



1-IDENTIFICAÇÃO: **Henrique Moscoso**

2-AUTOR: **Petrus Verdié**

3- NATUREZA DA OBRA / MATERIAL / TÉCNICA

3.1-OBRA: Busto de bronze

3.2-Maiores dimensões (cm)

H: 56 L: 56 C: 35

3.3-PEDESTAL: Granito jateado cinza, tendo uma folha de bronze com 16x27x2 cm, instalada próximo à base.

3.4 - Maiores dimensões (cm)

H: 210 L: 49 C: 84

4-INSCRIÇÕES:

Assinado e datado sob o ombro esquerdo: **Petrus Verdié - DE Janeiro 1811**

Letras de bronze sobre o pedestal:

DR. HENRIQUE MOSCOSO
HOMENAGEM
DO GOVERNO DO ESTADO
MONUMENTO PRIMITIVO EM 1881
BUSTO COLOCADO EM 1910
RECOLOCADO EM 1973

5-DATA DE INAUGURAÇÃO: [1910? - ver data da execução do busto]

6-DESCRIÇÃO SUCINTA/ FUNÇÃO: Homenageia o responsável pelo início dos aterros no local. A obra foi removida do seu local original e teve o pedestal substituído.

7-CONSERVAÇÃO / ESTADO ATUAL

7.1-Conservado em seu aspecto original: **Não**

7.2– Restaurada/ **alterada/** adaptada/ consertada/ incompleta/ mal conservada: Pedestal

8- REFERENCIAS HISTÓRICAS

8.1-AUTOR: **Petrus Verdié** - * Firminy, França 1875 - + Rio de Janeiro, GB, 1951. Escultor e professor, realizou sua formação artística nas escolas de Belas Artes de Toulouse e de Paris. Em 1898 começou a participar de salões e, nesse mesmo ano, transferiu-se para o Brasil tornando-se, posteriormente, cidadão brasileiro naturalizado. Como indica Alfredo Galvão em *Subsídios para a História da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes* (1954), foi nomeado interinamente, em 1911, para lecionar na cadeira de escultura de ornatos da ENBA. Aposentou-se como professor em 1940. Há obras de sua autoria nos acervos do MNBA, MdJVI, do Palácio Pedro Ernesto (Câmara Municipal do RJ), na antiga Residência Eduardo Otto Theiler (Flamengo) e nas ruas do RJ.

8.2-FONTES: PONTUAL, Roberto, *Dicionário de Artes Plásticas*

FONTAINHA, Afonso, *História dos Monumentos do Rio de Janeiro*, 1963

8.3-HOMENAGEADO: Henrique de Ataíde Lobo Moscoso nasceu em Pernambuco. Em 01/6/1868 foi nomeado Presidente da Província do ES. Ele foi o responsável pelo início do saneamento de Vitória e pelo aterro do mangue do Campinho, onde hoje está o Parque Moscoso. Faleceu no ES em 08/6/1869.

8.4-FONTES

9-INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

9.1 – FONTES:

10-FOTOS DO ESTADO ATUAL:



11-FICHA

11.1-AUTOR: Maria Helena Lindenberg

11.2-DATA: 28/02/2008

Nº. 15e— FICHA CATALOGRÁFICA
INVENTÁRIO DAS ESCULTURAS E MONUMENTOS URBANOS DE VITÓRIA/ES

BAIRRO: CENTRO
LOCALIZAÇÃO: PARQUE MOSCOSO:
Espaço externo do Parque Infantil Ernestina Pessoa, junto ao gradil



1-IDENTIFICAÇÃO: **Ernestina Pessoa (professora)**
2-AUTOR: **Carlo Crepaz**
3- NATUREZA DA OBRA / MATERIAL / TÉCNICA
3.1-OBRA: Grupo escultórico em bronze
3.2-Maiores dimensões (cm):
H: 168 L: 87 C: 53
3.3-PEDESTAL: granito
3.4-Maiores dimensões (cm):
H: 81 L: 120,5 C: 70
4-INSCRIÇÕES: Não
Placa desaparecida.

5-DATA DE INAUGURAÇÃO: [Governo Jones dos Santos Neves, 1951 ou 1952]

6-DESCRIÇÃO SUCINTA/ FUNÇÃO: O conjunto escultórico, formado pela estátua da professora conduzindo uma menina e trazendo um livro na outra mão, tem pombinhos a seus pés e integra o Parque Infantil Ernestina Pessoa, projetado pelo arquiteto modernista Francisco Bolonha e inaugurado em 1952.

7-CONSERVAÇÃO / ESTADO ATUAL
7.1-Conservado em seu aspecto original: **Não**
7.2-Restaurada/ alterada/ adaptada/ consertada/ **incompleta/ mal conservada**: As asas dos pombos aos pés da professora foram arrancadas. A placa inaugural desapareceu e o pedestal está danificado. **Necessita restauração.**

8- REFERENCIAS HISTÓRICAS
8.1-AUTOR: **Carlo Crepaz** - * Ortisei, Itália, 1911- + 1992

Descendente de escultores formou-se na EBA de sua cidade natal. Dos 16 aos 40 anos trabalhou na Itália e na Alemanha. Em 1951 veio para Vitória, a fim de ensinar na escola de arte das Obras Pavonianas, a convite dos padres. Foi um dos fundadores da EBA, atual CAR/UFES, onde lecionou de 1957 a 81. Naturalizou-se brasileiro. Após permanecer 33 anos no ES, retornou a Ortisei. Seu estilo manteve-se sempre dentro dos padrões clássicos. Deixou mais de 150 obras em várias cidades do ES, em outros estados brasileiros e países, principalmente bustos, santos e monumentos públicos em madeira ou bronze.

8.2-FONTES: Informações prestadas por Bruno Plozner, seu ex-aluno e procurador.

8.3-HOMENAGEADA: A professora **Ernestina Pessoa** (Dona Nenen) teve um colégio na Rua Caramuru, no centro de Vitória, o Liceu Philomático, inaugurado em 28/12/1910. Ela foi a formadora dos primeiros escoteiros no ES, em 1920. Foi professora de Jones dos Santos Neves, o governador que encomendou a obra.

8.4-FONTES: DERENZI, L. S., *Caminhos Percorridos.*

ELTON, E. In *Logradouros Antigos de Vitória*, Instituto Jones dos Santos Neves, 1986.

9-INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

10-FOTOS DO ESTADO ATUAL



11-FICHA

11.1-AUTOR: Maria Helena Lindenberg

11.2-DATA: 28/02/2008

Nº. 16a — FICHA CATALOGRÁFICA
INVENTÁRIO DAS ESCULTURAS E MONUMENTOS URBANOS DE VITÓRIA/ES

BAIRRO: CENTRO
LOCALIZAÇÃO: PARQUE MOSCOSO



1-IDENTIFICAÇÃO: Fonte de Jerônimo Monteiro

2-AUTORIA: não identificado

3– NATUREZA DA OBRA / MATERIAL / TÉCNICA

3.1-OBRA: ferro fundido ou antimônio

3.2-Maiores dimensões (cm)

H: ~= 550

Ø: 180

3.3-LAGO: borda em granito, cercada por grade em metal

3.4-Maiores dimensões (cm)

H: ~=120

Ø: 900

4 - INSCRIÇÕES: Inscrição sob as estátuas, sobre base circular:

Á Jeronymo Monteiro
O Povo Agradecido 1908 - 1912
„Trabalha e Confia"

5 - DATA DE INAUGURAÇÃO: 1912

6- DESCRIÇÃO SUCINTA/ FUNÇÃO: Fonte ornamental situada dentro de lago redondo. A bacia, decorada com carrancas, tem bicas de onde jorra água não potável. A bacia da fonte é sustentada por esculturas de ninfas e crianças com guirlandas, que se apóiam sobre base ornamentada, de quatro faces. Erigida com o propósito de homenagear o então Presidente do Estado do ES.

7- CONSERVAÇÃO / ESTADO ATUAL

7.1-Conservado em seu aspecto original: Não

7.2 – Restaurada/ **alterada**/ adaptada/ consertada/ **Incompleta/ mal conservada**:

Originalmente estava localizada junto à esquina da Av. República com a Rua José de Anchieta. Removida para outro local do parque perdeu a balaustrada de alvenaria em torno do lago. Todo o conjunto escultórico está pintado com tinta cinza e algumas estátuas têm partes refeitas grosseiramente, aparentemente moldadas em cimento cinza.

8- REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

8.1-AUTOR: Não identificado, mas a fonte tem características das obras da Fundição Val d'Osne, França. Fizemos consulta à ASPM e aguardamos retorno.
Verdadeira febre na Europa do século XIX, as "Fontes d'Art" foram frutos do casamento da indústria com a arte. Depois da França, o Brasil é o país que reúne a maior coleção dessas peças e, dentre as cidades brasileiras, o Rio de Janeiro é o guardião do acervo mais importante, com cerca de 200 peças. Elas estão em parques e praças do Rio e vão desde uma simples bica de ferro fundido, como a que existe no Alto da Boa Vista, até o monumental Chafariz do Monroe, com mais de 10 metros de altura, que leva a assinatura do escultor Mathurin Moreau, expoente do Val d'Osne. São obras de arte reproduzidas e descritas nos catálogos das fundições e fabricadas em escala industrial: chafarizes monumentais, médios e pequenos, de abastecimento ou ornamentais eram colocados em meio a jardins públicos para contemplação das figuras artísticas - golfinhos, sereias, deuses gregos, crianças, etc. valorizadas pelos efeitos de jorros d'água. É a Auguste Glaziou que o Rio de Janeiro deve a sua expressiva coleção de fundição artística, pois convidado por D. Pedro II

em 1858 para reformar o Passeio Público, o botânico e paisagista bretão incentivou a importação de peças do Val d'Osne, a começar pelas 4 estátuas alegóricas de Mathurin Moreau – A Primavera, O Verão, O Outono e O Inverno – que se encontravam no referido Passeio Público.
A catalogação de todas as peças existentes no Rio começou em 1992, quando a "Association pour la Sauvegarde et la Promotion Métallurgique Haut-Marnais" – ASPM fez os primeiros contatos com a Fundação Parques e Jardins do Rio.
A Fundição Val d'Osne localizava-se na cidade de Osne-le-Val, Departamento de Haute-Marne, Região da Champagne-Ardenne, na França. Foi estabelecida, em 1836, por Jean Pierre Victor André, que recebeu naquele ano, autorização real para construir um alto-forno no Val d'Osne. Diferentemente de outras fundições que só produziam peças utilitárias ele preferiu dedicar-se à fundição artística, atingindo o auge de sua produção entre 1870 e 1892, sob o nome de "Société Anonyme de Fonderies d'art du Val d'Osne". A empresa encerrou as suas atividades em 1986.

8.2-FONTES: ROBERT-DEHAULT, É. JUNQUEIRA E. BULHÕES A. WUILLAUME F. *A memória francesa no Rio*, Les Éditions de l'Amateur (França), ASPM (França) e Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

8.3-HOMENAGEADO: Jerônimo de Souza Monteiro nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, ES em 4/6/1870 e faleceu em 23/10/1933. Formado em Direito exerceu a advocacia no ES e no RJ. Foi Deputado Estadual em 1896, Deputado Federal de 1897 a 1899 e de 1915 a 1918, Governador do Estado do Espírito Santo de 23/5/1908 a 23/5/1912, encerrando sua vida política como Senador, de 1918 a 1927. É considerado um grande estadista que destacou seu governo pelo conjunto de transformações promovidas no ES, até então muito atrasado.

8.4-FONTES: QUEIROZ DO VALLE, E. *O Estado do Espírito Santo e os espírito-santenses*, Apex Gráfica e Editora Ltda., 1971.

9-INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

10-FOTOS DO ESTADO ATUAL: Sergio L. T. Câmara



11-FICHA

11.1-AUTOR: Maria Helena Lindenberg

11.2-DATA: 28/02/2008

ANEXO F - PROJETO: COMUNIDADE CONSCIENTE

APRESENTAÇÃO

A discussão sobre meio ambiente é ampla e permeia questões que vão desde a sua concepção enquanto norteadora de propostas sustentáveis até sua concepção emancipatória. A sociedade percebe cada vez mais, que os impactos causados ao meio ambiente são de responsabilidade de todos e que a inserção em ações ambientais dentro das comunidades é um fator decisivo para mudanças significativas.

O eixo condutor do projeto é o diálogo: os facilitadores promovem a interação dos saberes já constituídos com novos saberes, incentivando a observação critica da comunidade e seu entorno. O grupo, continuamente desafiado a novas percepções, reflete sobre sua realidade e propõe ações que subsidiem o planejamento participativo de ações coletivas, na busca de minimizar ou resolver os problemas ambientais locais.

O Projeto Comunidades Conscientes elaborado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente por meio da Gerência de Educação Ambiental, executou no ano de 2009 um Projeto Piloto que atendeu a Comunidade de Santo Antônio.

No ano de 2010, o Projeto teve uma abrangência maior, os módulos do curso foram reformulados, aulas de campo foram inseridas, e passamos a contar com a parceria do Programa Terra Mais Igual, atendendo às comunidades dos territórios das poligonais 01 e 02. Além disso, o Projeto foi executado junto a beneficiários do Projeto Habitar da Secretaria de Habitação.

JUSTIFICATIVA

A crise de um futuro ameaçado e a busca de um desenvolvimento que satisfaça as demandas do presente sem prejudicar as necessidades do futuro, são desafios planetários.

Há de se considerar, que como todos os municípios, Vitória também vem sofrendo problemas relacionados à poluição do solo, das águas, do ar, desmatamento da área de manguezal, migrações, desemprego, drogas entre outras. Questões cada vez mais

preocupantes com necessidade de providencias urgentes do Poder Público e da sociedade.

Nesse contexto, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente acredita que além de outras medidas, a Educação Ambiental é de fundamental importância nesse processo, buscando despertar em cada indivíduo e em suas relações com o outro e com o planeta, a construção de um novo mundo, baseado em valores, conhecimentos e atitudes, individuais e coletivas, mais sustentáveis.

OBJETIVO GERAL

Promover processos de formação em Educação Ambiental que contribuam para a (re)apropriação de valores e de atitudes das comunidades envolvidas em relação às questões socioambientais, com vistas ao desenvolvimento de ações cidadãs cotidianas sustentáveis.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover a aproximação do poder público com as comunidades;
- Contribuir para ampliar o nível de consciência das comunidades quanto à cidadania ambiental;
- Resgatar a memória do bairro e do município, para que a comunidade conheça melhor sua realidade, suas origens, seu desenvolvimento e o surgimento dos problemas socioambientais locais;
- Desencadear processos de reconstrução coletiva de valores e atitudes condizentes com a proposta de vida sustentável;
- Possibilitar debates e reflexões em torno das questões socioambientais locais, regionais e nacionais, bem com as prevenções e soluções;
- Realizar planejamento participativo com proposição de ações que possam minimizar os problemas socioambientais locais, identificados pelos participantes do curso.

PÚBLICO-ALVO

Munícipes de Vitória das comunidades envolvidas no projeto, com idade igual ou superior a 14 anos.

METODOLOGIA

O curso de formação é composto por 10 módulos, com aulas teóricas e práticas e consiste em 2 encontros semanais, sendo um à noite (2ª a 6ª feira), com duração de 2 horas, e o outro no sábado, com duração de 4 horas, ou conforme acordado com a comunidade. A carga horária total do curso é de 30 horas/aula.

Para a realização do curso haverá, inicialmente, a mobilização nos bairros/territórios definidos a cada ano. A mobilização caberá a SEMMAM e aos parceiros envolvidos no projeto. Cada turma deverá ter um mínimo 15 participantes e no máximo 30. Se durante o curso houver evasões e o numero de participantes se tornar inferior a 10, o curso será interrompido. A idade mínima para a participação é de 14 anos.

Os cursos acontecerão, preferencialmente, nas comunidades do entorno dos Centros de Educação Ambiental e/ou das áreas de interesse socioambiental atendidas pelo Programa Terra Mais Igual. Após a formação, o grupo irá planejar e executar ações ambientais em sua comunidade.

- Ações prévias:

1º momento: Mobilização da comunidade, apresentação do Projeto (para esclarecimento de dúvidas e definição dos dias e horários de funcionamento) e inscrição dos interessados.

- Curso de formação:

1º módulo: Apresentação do curso (carga horária: 2 horas);

2º módulo: Introdução a temática socioambiental (carga horária: 2 horas);

3º módulo: Breve histórico ambiental de Vitória (carga horária: 2 horas);

4º módulo: Noções de Legislação Ambiental (carga horária: 2 horas);

5º módulo: Mata Atlântica. Aula de campo (carga horária: 4 horas);

6º módulo: Manguezal. Aula de campo (carga horária: 4 horas);

7º módulo: Arborização urbana e seus benefícios: Aula de campo (carga horária: 4 horas);

8º módulo: Recursos hídricos (carga horária: 4 horas);

9º módulo: Resíduos sólidos e consumo responsável (carga horária: 4 horas);

10º módulo: Planejamento participativo de ações (carga horária: 2 horas).

- Atividades complementares:

Durante o curso os participantes são motivados a elaborar um diagnostico da realidade ambiental de seu bairro, por meio de atividades fora de sala de aula, individuais ou em grupo, orientadas pelos instrutores.

- Certificação:

Após a conclusão do curso os participantes que obtiverem freqüência igual ou superior a 75% receberão um certificado de 30 horas e estarão aptos a desenvolver atividades socioambientais cotidianas em conjunto com a comunidade em que vivem, com o apoio da SEMMAM e de outras secretarias parceiras.

- Avaliação:

A avaliação é um processo de fundamental importância na implantação e execução de um projeto de Educação Ambiental, na medida em que, a partir dos subsídios gerados a equipe de trabalho reorienta o planejamento, visando o aperfeiçoamento do projeto e o alcance do objetivo proposto. Nesse sentido, cada módulo do curso será avaliado pelos participantes, em instrumento próprio, a fim verificar se os objetivos foram alcançados e se há necessidade de adequações.

- Ações pós curso:

Promover encontros periódicos com os participantes para acompanhamento das ações planejadas, avaliação do processo e planejamento de novas ações.

RECURSOS

- **Materiais**: Espaço físico para a realização do curso (escolas, associações de moradores, igrejas, etc); Equipamentos: datashow, computador, câmera fotográfica, caixa de som; Transporte para as atividades de campo (locação de ônibus ou agendamento de Kombi da central de veiculos).
- **Humanos**: facilitadores e pessoal de apoio (servidores da PMV).
- **Financeiros:** recursos para pagamento dos facilitadores advindos do Projeto "Prata da Casa". Confecção de camisas, bolsas e canecas do projeto? Locação de ônibus? Lanche?

METAS

<u>2012/ 2013</u>

- Elaborar e imprimir material didático para o curso;
- Realizar 1 curso de formação (projeto piloto).

<u>2013</u>

- Realizar 4 cursos de formação para comunidades;
- Realizar, no mínimo, 4 intervenções socioambientais com os participantes dos cursos em seus bairros de origem;
- Realizar 2 encontros com os “Protetores Socioambientais Comunitários”;

<u>2012/ 2013</u>

- Revisar o projeto, as ementas e o material didático do curso;
- Realizar 4 cursos para comunidades;
- Acompanhar periodicamente os participantes nas atividades pós-curso.
- Pensar em valores para realização de projeto de intervenção.

RESULTADOS ESPERADOS

- Formação de agentes multiplicadores nas comunidades envolvidas;

- Disseminação de experiências práticas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida;

- Utilização dos recursos naturais de forma mais consciente e sustentável.

Elaboração do Projeto: Educadores Ambientais da Gerência de Educação Ambiental – GEA/SEMMAM.

ANEXO G – ROTEIRO DA PESQUISA

PREFEITURA DE VITÓRIA
SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nome da instituição:_____
Localização:_____
__
Tipo de instituição:_____ Contato: _____
Público atendido:_____

Bloco I – Identificação do Público Atendido:

Faixa etária :

☐ - Criança: de _____a _____

☐ - Adolescente: de _____até_____

☐ - Adulto: de _____a _____

Que atividades são Desenvolvidas pela instituição?

☐ - Atividades Culturais

☐ - Atividades esportivas e recreativas

☐ — Lúdicas educativas

☐ — Atividades socioambientais

☐ – Outras. Quais?
_____
_____
_____

☐ - cursos profissionalizantes. Quais? _____
_____

Bloco II – Identificação de interesses da Instituição com atividades socioambientais.

Entre as atividades desenvolvidas pela instituição, existe alguma voltada para questões ambientais? ( ) Sim ( ) Não

Quais tipos de atividade:

( ) DEPREDAÇÃO DE PATRIMÔNIOS
( ) DEPOSIÇÃO DE RESÍDUOS
LIXOS
(( ) CONSUMO CONSCIENTE
(( ) QUESTÕES DE CIDADANIA

OUTROS:_____
_____
_

Quais questões ambientais e sociais poderiam ser inseridas nas atividades já desenvolvidas pelas instituições?

_____
_____
_____

Bloco III – Parcerias.

A instituição já possui algum tipo de parceria para desenvolvimento de atividades conjuntas (associação de moradores, igrejas, ou outros equipamentos municipais, ONGs, etc.). Quais?

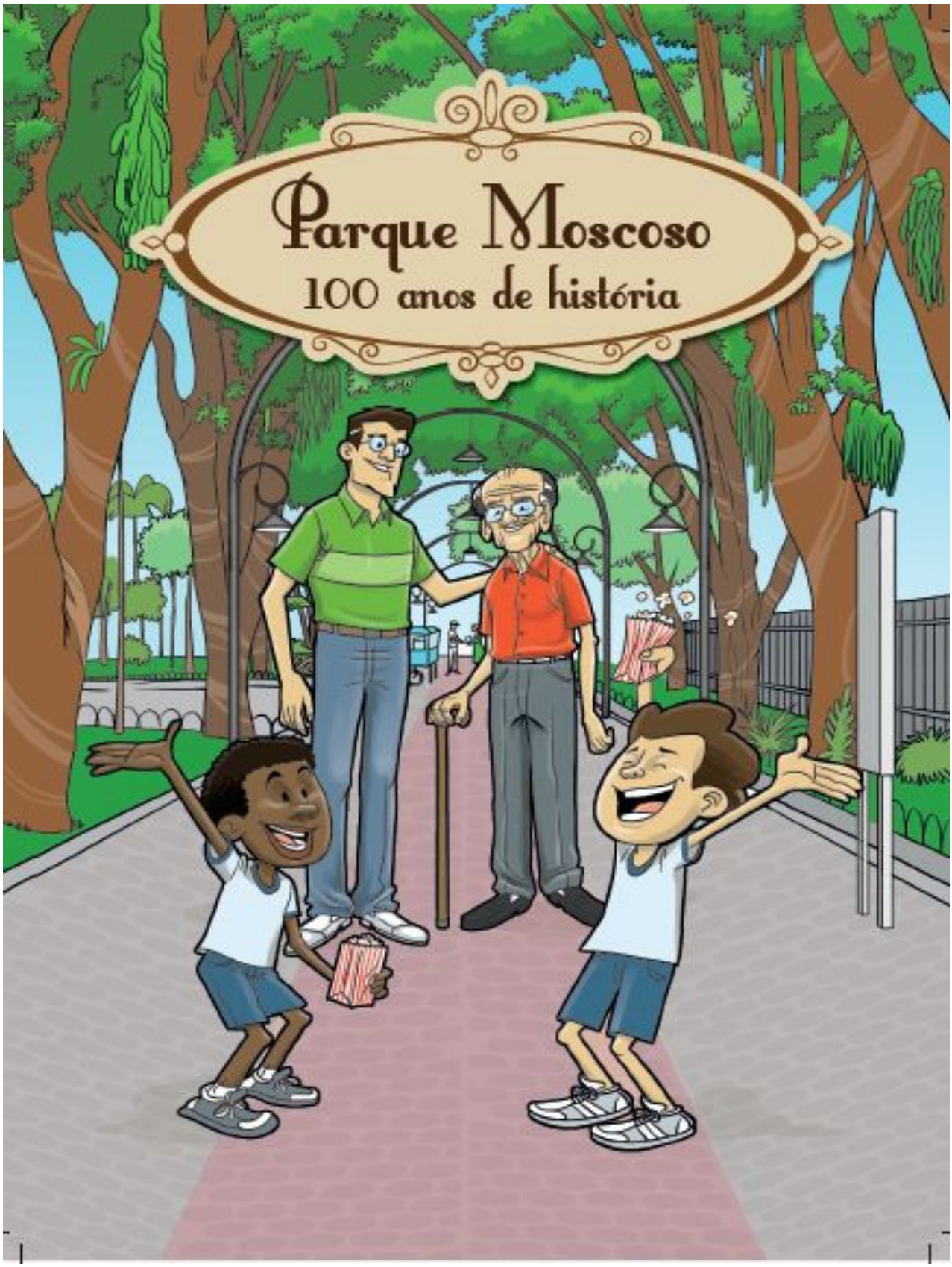
_____
_____
_____

Há interesse em estabelecer parceria com um Centro de educação ambiental?
( ) Sim ( ) Não

Que tipo de parceria pode ser desenvolvida? Que tipo de atividades podem ser realizadas?

_____
_____
_____
_____

ANEXO H – CARTILHA EDUCATIVA DO PARQUE MOSCOSO



Apresentação

Em 2012, o Parque Moscoso completa 100 anos de uma trajetória marcante na vida de várias gerações de capixabas. Construído no início do século XX, o parque "gostoso", como era carinhosamente chamado pelas crianças, tornou-se um lugar de encontro e lazer das famílias.

Ao longo destes anos diversas mudanças ocorreram na paisagem do parque, o que não altera a sua importância no cotidiano dos frequentadores. As vivências e memórias se misturam aos monumentos, alamedas, palmeiras e aos jardins do parque.

Como parte das comemorações do aniversário do Parque Moscoso, a Prefeitura de Vitória presenteia você com este material educativo que conta um pouco dessa história.

João Carlos Coser
Prefeito de Vitória


PESQUISA SOBRE PARQUE MOSCOSO
PARA A PESQUISA, VOCÊS DEVEM CONSULTAR FONTES VARIADAS COMO LIVROS, INTERNET, PESSOAS QUE FREQUENTAM O PARQUE...
ALEXANDRE, VAMOS FAZER ESSE TRABALHO JUNTOS? TIVE UMA IDEIA MANEIRA PARA A PESQUISA!
QUAL?
VAMOS CONVERSAR COM MEU AVÔ! ELE FREQUENTA O PARQUE DESDE CRIANÇA!
IH, NÃO SEI, JOÃO... SEU AVÔ? ELE JÁ ESTÁ VELHINHO. NÃO É MAIS FÁCIL USAR A INTERNET?
VAI POR MIM, O TRABALHO VAI FICAR SHOW!
COMO VOCÊ SEMPRE MANDA BEM NOS TRABALHOS, VOU CONFIAR.
BELEZA! A GENTE SE ENCONTRA LÁ EM CASA DEPOIS DO ALMOÇO.


EU E O ALEXANDRE TEMOS QUE FAZER UMA PESQUISA DA ESCOLA SOBRE O PARQUE MOSCOSO.
COMO O SENHOR FREQUENTOU O PARQUE DURANTE MUITO TEMPO, PODIA NOS AJUDAR.
CLARO, ADORO AJUDAR VOCÊ NAS TAREFAS DE ESCOLA. O QUE PRECISAM SABER?
CONTA PRA GENTE SOBRE O INÍCIO DO PARQUE.
QUANDO EU NASCI, O PARQUE JÁ EXISTIA, MAS MEU PAI CONTAVA QUE NAQUELA REGIÃO HOUVE VÁRIOS ATERRAMENTOS, E UM DELES FOI REALIZADO PELO HENRIQUE MOSCOSO EM 1988, QUE GOVERNAVA O ESPÍRITO SANTO.
O BRASIL AINDA TINHA IMPERADOR, E O ESTADO ERA CHAMADO DE PROVÍNCIA.
ENTÃO, SEU JOSÉ, FOI ELE QUEM CONSTRUIU O PARQUE?
NÃO, NÃO. O NOME FICOU POR ELE TER FEITO ESSE ATERRO E O LUGAR TER FICADO CONHECIDO COMO VILA MOSCOSO.
MAS O PARQUE VEIO DEPOIS, SÓ COMEÇOU A SER CONSTRUÍDO EM 1910, QUANDO O ESPÍRITO SANTO JÁ ERA UM ESTADO, GOVERNADO POR JERÔNIMO MONTEIRO, QUE AMPLIOU OS ATERROS INICIADOS.


MAIS UM ATERRO? O PESSOAL GOSTAVA DISSO ANTIGAMENTE...
NAQUELA ÉPOCA, SE ACREDITAVA QUE ATERRAR ERA UMA FORMA DE MANTER A CIDADE LIMPA, AINDA MAIS EM UMA CIDADE COMO VITÓRIA, CHEIA DE ILHAS E BRAÇOS DE MAR POR TODA PARTE.
HOJE, JÁ SABEMOS QUE NÃO É BEM ASSIM.
E O PARQUE SURGIU COMO?
PARA AJUDAR A VALORIZAR AQUELA ÁREA, O GOVERNADOR PEDIU A UM PROJETISTA, CHAMADO PAULO MOTTA. ELE CRIOU LAGOS E ALAMEDAS, FEZ JARDINS E DEIXOU O LUGAR MAIS BONITO. DEPOIS DA INAUGURAÇÃO EM 1912, AS FAMÍLIAS IMPORTANTES DA ÉPOCA COMEÇARAM A MUDAR PARA A VILA DO MOSCOSO.
E O SENHOR GOSTAVA DE IR LÁ, VÔ?
EU ADORAVA IR À PRAÇA DO MOSCOSO, COM UM CORETO ONDE A BANDA DA POLÍCIA SE APRESENTAVA, UMA ILHA ARTIFICIAL COM PONTES QUE SIMULAVAM TRONCOS DE ÁRVORES E RUÍNAS GREGAS, UM ORQUIDÁRIO, OS LAMBE-LAMBES...
LAMBE-LAMBES? QUE ISSO, VENDEDOR DE PIRULITO?
NÃO, NADA DISSO. ERAM OS FOTÓGRAFOS AMBULANTES. AS MÁQUINAS ERAM TRIPÉS COM UMA CAIXA E UM PANO ESCURO PARA TIRAR FOTOS QUE ERAM REVELADAS NA HORA. PENA QUE HOJE JÁ ESTÃO QUASE DESAPARECIDOS.


NOSSA, ESTRANHO PAGAR ALGUÉM PARA TIRAR FOTO. HOJE, TODO O MUNDO TIRA FOTO COM O CELULAR.
AH, MAS VALIA A PENA. AS PESSOAS IAM ARRUMADAS PARA O PARQUE, OS PASSEIOS ERAM EVENTOS SOCIAIS.
AQUELA CONCHA GRANDONA QUE TEM LÁ É DESSA ÉPOCA?
NÃO, FOI CONSTRUÍDA EM 1952 QUANDO O GOVERNO CONTRATOU UM ARQUITETO CHAMADO FRANCISCO BOLONHA. ELE PROJETOU DOIS NOVOS ELEMENTOS PARA O PARQUE, UM JARDIM DE INFÂNCIA E ESSA CONCHA GRANDONA.
E PARA QUE ELA SERVE, VÔ?
AQUILO, NA VERDADE, É UMA CONCHA ACÚSTICA.
É FEITA NESSE FORMATO PORQUE AMPLIA NATURALMENTE OS SONS DAS VOZES E DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS SEM MICROFONES, PERFEITO PARA APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS.


BOA TARDE, PAI. OLÁ, MENINOS! O QUE ESTÃO APRONTANDO?
NADA NÃO, PAI. SÓ ESTAMOS FAZENDO UM TRABALHO DE ESCOLA, E O AVÔ ESTÁ NOS AJUDANDO.


E SOBRE O QUE É?
ELES QUEREM SABER MAIS SOBRE O PARQUE MOSCOSO. VOCÊ LEMBRA COMO VOCÊ ADORAVA IR LÁ, ALCINO?


ADORAVA MESMO. QUERIA IR TODO O FINAL DE SEMANA PARA LÁ, JUNTAVA DINHEIRO SÓ PARA PAGAR A ENTRADA.
UÉ, TINHA QUE PAGAR PARA ENTRAR NO PARQUE?


SIM, NA DÉCADA DE 1970 O PARQUE PASSOU POR UMA GRANDE REFORMA. GANHOU MUROS E GRADES, ALÉM DE TEREM MUDADO ALGUNS MONUMENTOS DE LUGAR.
E TINHA OS BICHOS... QUANDO EU ERA CRIANÇA, ADORAVA IR LÁ VER OS BICHOS. TINHA ATÉ UM LEÃO.
TINHA LEÃO NO PARQUE MOSCOSO?
NESSA MESMA REFORMA, ELES CONSTRUÍRAM CHALÉS PARA AVES, MACACOS E ATÉ PARA UM LEÃO.
QUE DOIDEIRA! MAS NÃO ERA TRISTE PARA OS BICHINHOS?
AGORA, OLHANDO PARA TRÁS, VEJO QUE ERA MUITO TRISTE MESMO.


MAS, MESMO ASSIM, O PESSOAL CONTINUAVA GOSTANDO DO PARQUE.
SIM, QUASE VIROU UM PARQUE DE DIVERSÕES, MESMO COM A FALTA DE ESPAÇO ADEQUADO PARA OS ANIMAIS.
MUITA GENTE IA LÁ, PRINCIPALMENTE NOS FINAIS DE SEMANA.
TEVE UMA ÉPOCA EM QUE O ALCINO IA AO PARQUE QUASE TODO DIA...
HAHAHA, SIM, A MESADA QUASE NÃO DAVA PARA PAGAR AS ENTRADAS. MAS VALIA A PENA, FOI LÁ QUE EU CONHECI A MÃE DO JOÃO.
ISTO EU NÃO SABIA. QUE LEGAL!
PENA QUE O PARQUE MUDOU TANTO. SERIA LEGAL VER COMO ELE ERA NA ÉPOCA DO SEU JOSÉ.
BOM, O PARQUE FOI REFORMADO EM 2001, REMODELADO PARA LEMBRAR AS SUAS FORMAS ORIGINAIS. COMO O TRABALHO DE VOCÊS ESTÁ FEITO, E EU TENHO A TARDE LIVRE, QUE TAL UM PASSEIO NO PARQUE?
OBA!


NOSSA, JOÃO, VOCÊ ESTAVA CERTO. NOSSO TRABALHO FICOU ÓTIMO! E EU QUERENDO SÓ COPIAR DA INTERNET...
NÃO FALEI? E AINDA GANHAMOS UM PASSEIO NO PARQUE, COM DIREITO A PIPOCA. VIVA O PARQUE MOSCOSO!
Fim

Atividades

Labirinto



Vamos ajudar o vovô a encontrar a academia popular?





Caça Palavras

O *Parque Moscoso*, que fica na capital do Espírito Santo, *Vitória*, é um espaço *Tranquilo*. Um ambiente cercado por belas árvores de várias espécies, perfeito para uma tarde de *Lazer*.

Lá existe a concha *Acústica*, que é capaz de amplificar a voz de quem fala pertinho dela, e há uma academia popular, para quem quer manter a forma e a *Saúde*, além de muitas opções para quem gosta de diversão!

Encontre, no quadro abaixo, as palavras destacadas no texto sobre o Parque Moscoso.



P	A	R	Q	U	E	M	O	S	C	O	S	O
Y	H	U	R	E	D	H	S	W	T	D	Z	G
T	G	U	R	H	Z	A	J	Y	X	A	S	L
R	H	W	F	G	T	E	S	A	R	R	I	H
A	R	T	S	H	K	M	A	W	R	G	J	E
N	H	R	A	C	Ú	S	T	I	C	A	V	S
Q	G	W	V	B	N	R	O	T	Y	L	C	A
U	K	L	A	Z	E	R	J	E	R	G	T	Ú
I	E	K	B	V	C	S	X	N	M	E	T	D
L	G	D	E	F	J	Y	E	E	J	K	C	E
O	Y	H	R	V	I	T	Ó	R	I	A	K	O



Jogo dos sete erros

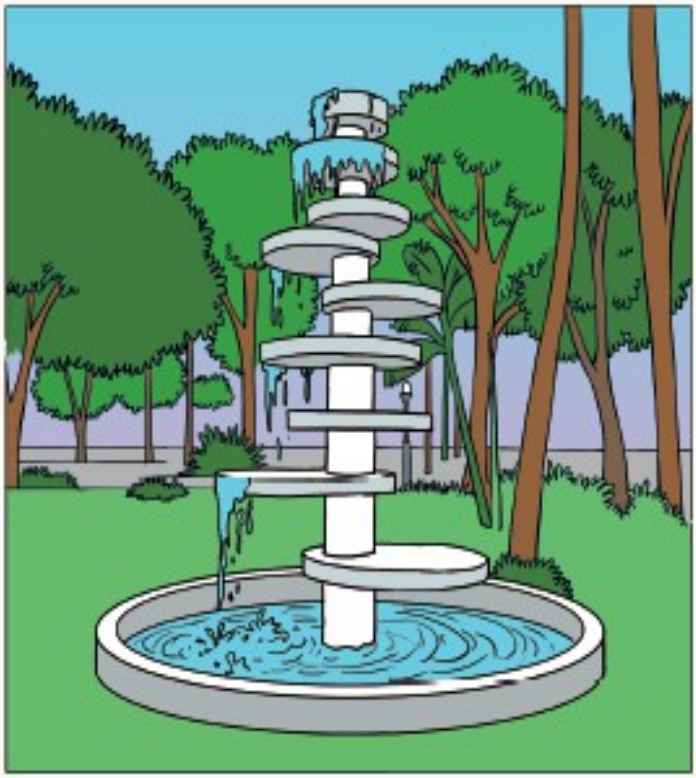
Existem 7 diferenças entre as imagens abaixo.
Encontre-as e faça um círculo em cada uma.

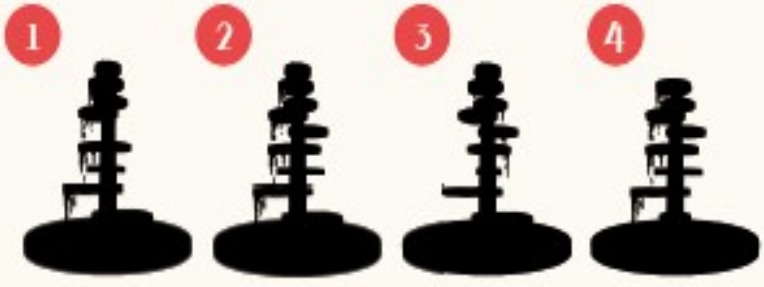




Silhuetas

Olha que lindo chafariz! Você é capaz de dizer qual é a silhueta perfeita desse monumento?





Respostas das atividades

Silhuetas

Saliheta h úmero 2.

Jogo d os sete err os

Caça Pal avr as

Lab irinto



Prefeitura Municipal de Vitória

Prefeito
João Carlos Coser

Vice-Prefeito
Sebastião Barbosa

Secretária do Meio Ambiente
Sueli Passoni Tonini

Secretária Executiva
Solange Cardoso Malta Nogueira

Subsecretário de Controle e Gestão Ambiental
Ronaldo Freire Andrade

Gerente de Educação Ambiental
Priscila Laurentino Gonçalves Merçon

Coordenadora de Educação Ambiental
Juliana Sardinha Silvestre

Coordenadora de Eventos
Alessandra Felipe Silva

Coordenadora de Relações com a Comunidade
Aparecida Maria Moschen

Roteiro
Fernando Fiorotti Poltronieri

Colaboração
Andressa Lemos Fernandes
Ramires Mauricio Brilhante
Rosa Helena Rasuck

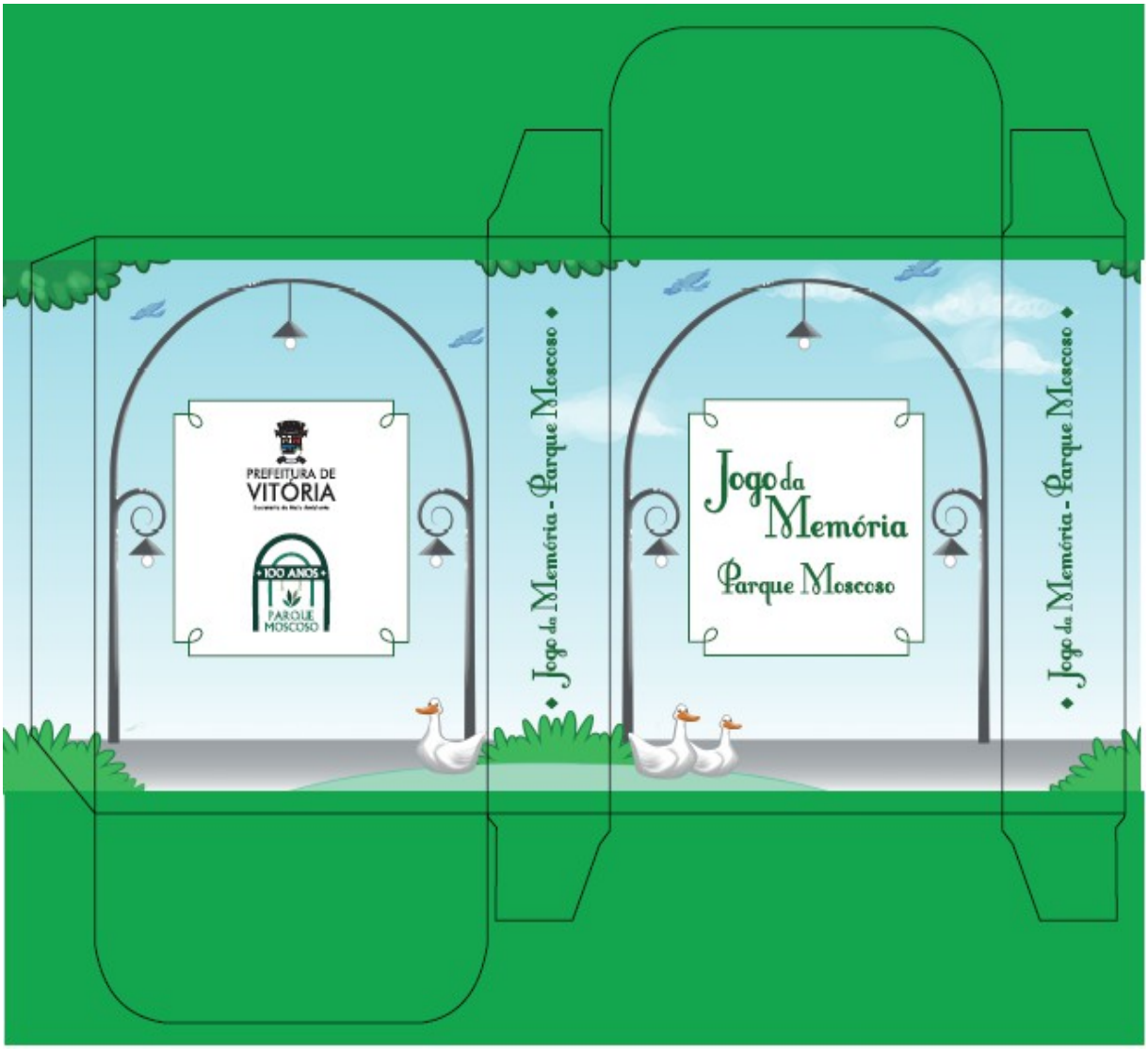
Arte e Diagramação
Estúdio Zota

Revisão
Patrícia Aragão

PREFEITURA DE VITÓRIA

100 ANOS
PARQUE MOSCOSO

ANEXO I – JOGO DA MEMÓRIA CAIXA E CARTAS

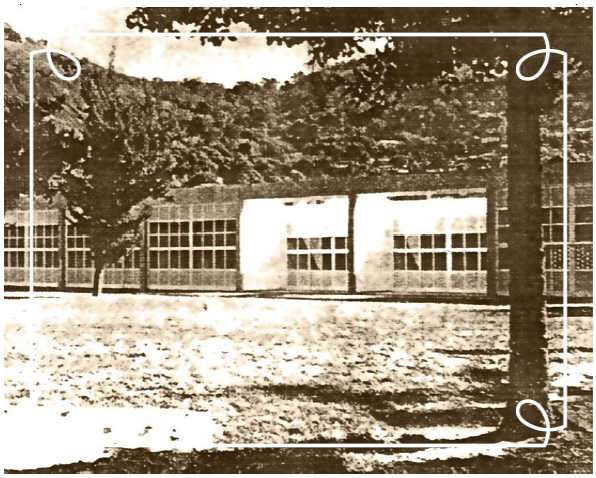













DR.
HENRIQUE MORCOSO
HOMENAGEM
DO
GOVERNO
DO
ESTADO
MONUMENTO PRIMITIVO
EM 1892
BUSTO COLOCADO
EM 1910
RECOLOCADO EM 19











